

Revista da Semana

ANO XLIII N.º 5

31 de Janeiro de 1942

1\$500 em todo o Brasil

O povo brasileiro
ao delegado dos
Estados Unidos.



No limiar da Folia



O TIJUCA VAI NA VANGUARDA — Os foliões tijuicanos, fiéis a velha tradição, iniciaram este ano com bôa antecedência as atividades carnavalescas. Na primeira madrugada do ano, Momo acampou nas férteis terras do tradicional clube. E cada semana o termometro sobe nos sa'ões tijuicanos, deixando prever para os "três dias" uma excelente temperatura capaz de derreter as mais sólidas tristezas. As três fotos acima foram apanhadas na noite de domingo último em um dos sa'ões do Tjuca.



NO AMERICA — A rapaziada alegre que vem fazendo carnaval no 'América, este ano, tem-se mostrado á altura do conceito em que é tido esse clube nos círculos da folia carioca. Que outros sigam o exemplo na fiel obediência a tradições locais.

RECORDANDO A "CAVALARIA DO OCEANO"

«E se nel mondo é alcun paradiso, senso dubio dee esser non molto lontano de questo luoghi». Esta a primeira notícia, e amável, que do Rio de Janeiro deu á Europa o primeiro navegante letrado que aqui aportou. Essas palavras, de entusiasmo e de admiração, são de Americo Vesputio, que, a 1.º de Janeiro de 1502, esprou o olhar enlevado pelo admirável panorama da Guanabara, cuja barra o cartógrafo florentino acreditou, bem como o seu companheiro de aventura, André Gonçalves, ser a embocadura de um rio.

A história da fundação da cidade do Rio de Janeiro é um episódio de intensa movimentação. Antes, porém, das referências a esse notável acontecimento, rendamos as homenagens, as mais comovidas, de respeito e de admiração aos primeiros navegadores e colonizadores que a estas plagas chegaram e nestas terras laboraram e lutaram. Cultue-se a figura do velho Portugal nos tempos modernos; dilate-se o coração, voltado para aquele povo de que somos os continuadores na história do mundo.

Houve um momento em que de exíguo recanto da Europa se ergueu, agitado, para a vastidão da terra, um primeiro grupo de heróis, até ali desconhecidos e pequenos, mas para cuja grandeza já era estreito o continente. Esses heróis, na sua temeridade, concebem o designio de revelar o planeta. Eles pressentem que a terra é maior, mais vasta do que parece. Medí-la, cruza-la, abrindo-lhe na imensidade desconhecida caminhos até aí não criados, tomar-lhe as proporções; vencer-lhe os acidentes; devasar-lhe os mistérios; saber-lhe os desejos; pôr-lhe a descoberto nos mares, novos golfos, novas ilhas, novos continentes; tirá-los da grande noite e trazer para as claridades da história novas gentes de cuja existência ninguém suspeitara; revelar, em suma, o mundo — eis o que empreende, nos seus incandescimentos, aquele pequeno povo da Iberia Ocidental. Não houve ainda, em nenhum país, em tempo algum, função mais vasta e mais gloriosa para uma raça. E para se ter uma idéia, uma simples sugestão, ao menos, do que foi a alma daquela gente, de quanto foi preciso de coragem, de majestade moral, de fé inabalável naqueles homens para a tarefa que tomaram — seria mistério ter uma visão perfeita do que era o desconhecido naqueles tempos. Naqueles dias de vertigem o oceano era o abismo, de cujo fundo raros conseguiam volver. A soberania divina era a única apta e capaz de zombar daquelas cóleras sombrias... Chegue-se, ainda hoje, á vista do mar; contemple-se-lhe a amplidão desesperadora, a serenidade imponente... e essa quietação, que éle tem, semelhante á inércia augusta, que é a passividade inflexível do cáos — e ver-se-á como éle é ainda o grande enigma, e como guarda ainda alguma coisa de velha catadura da divindade maligna... e só então poder-se-á compreender como deviam ser aqueles homens, que venceram o antigo oceano formidável! De que coragem, de que imperturbável resignação, de que fé soberana, de que esperanças imortais deviam andar cheios aqueles peitos, que afrontaram o mar tenebroso nos seus arcanos, nos seus assomos, nos seus escarcéus de voragem!...

Aquelas almas intrépidas de Gamas e Cabrais não eram almas de homens, senão de gerações. Na sua rude e sublime grandeza, representavam mais do que o vigor e o espírito de uma raça, porque implicavam a representação viva do próprio genio humano. A sua obra é tão complexa que excede as bitolas do esforço individual; é preciso atribuí-la a um poder de titãs ou de semi-deuses, que tivessem restaurado o Olimpo, mais alto que o antigo, sobre o infinito dos mares.

Aparentemente, toda essa grandeza, toda essa opulência de raça teve de cessar um instante; é que toda essa capacidade se neutraliza, toda essa coragem se exaure, todo esse heroísmo se fatiga, todo esse espírito se extingue... Mas, em verdade, tal não se deu: o espírito de tais gerações não se extinguiu naquele instante; que houve, apenas, foi uma simples mudança de arena para o afan dos campeões, uma simples mutação de cenário para aqueles atores ainda no delírio da sua grande arte. Das lutas do mar passaram eles para as lutas da terra. Daquela maravilhosa cavalaria do oceano, na bela frase de Cruzals, passaram para esta nova cruzada do sertão. E, então, os heróis mudaram de aspecto; os seus hábitos, usos e costumes são outros; a sua linguagem é diferente; tudo neles é estranho, mas uma coisa subsiste: a mesma coisa que constituía o segredo, o dom miraculoso daquele velho heroísmo que se incorporará á história: é a grande alma daquelas gerações; a alma que saíra vitoriosa do desconhecido dos mares e vinha travar o novo pleito com o desconhecido dos continentes.

A terra está hoje também subjugada. Não tem mais mistérios para nós. Não é mais para o homem de hoje aquele deserto de há quatro séculos. Mas, ainda assim, se qui-

zermos figurar, palidamente, a terra antiga, subamos a uma das montanhas que nos separam do planalto e estendamos para o Oeste o nosso olhar; contemplaremos a extensão de florestas e serranias — grandiosas e solenes na sua pompa como o próprio oceano e, talvez, mais do que este, apavorantes, porque são mais acidentadas, têm os alcantís e os fragedos; vales, vales profundos e as cumiadas luminosas, as grótas escusas, valhaçouts de fêras, e os pincaros nublados, refugios das aguias. E só ante esta visão, mesmo imperfeita, do sertão antigo é que faremos uma idéia de que foi o primeiro povoador, que foi, ainda, o primeiro colonizador. Nêlc ressurgia, transfigurado, o prístino marujo. Como o aventureiro do mar, precisava agora o aventureiro da terra daquele mesmo ardimento que zombára de todos os horrores e triunfára de todas as incertezas. Como aquelas caravanas marítimas, que integraram o nosso domínio no planeta, iam agora os povoadores — as caravanas vitoriosas da terra — ampliar no continente o quinhão da raça na partilha deste hemisfério abençoado. E' assombroso o que fizeram os novos heróis, munidos da mesma grandeza moral renascida e renovada; da mesma fé que o sofrimento e a glória tinham retemperado; da mesma esperança que se reacendera no próprio azul dos nossos céus.

A 6 de Fevereiro de 1564 lançava ancoras frente á barra do Rio de Janeiro uma pequena frota. Chefiava-a Estacio de Sá. Vinha o sobrinho de Mem de Sá com a incumbência de expulsar os francezes de Villegaignon, sediados na ilha de Serecipe e amparados na bravura indômita dos Tamoios. E mais: lançar os fundamentos da cidade. E

fê-lo a 1 de Março de 1565, em nome de El-rei D. Sebastião. Daí, denomina-la Real Cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro — denominação que aparece em todos os atos do seu governo, que teve a duração de dois anos.

A peleja para a expulsão dos francezes foi áspera e rude. A 20 de Janeiro de 1567, pela manhã, teve início o ataque, que se generalizou da fôz do rio Carioca até ao outeiro da Gloria. Dois chefes indígenas famosos, bateram-se em campos opostos: Aimbiré, tamoio, ao lado dos francezes, e Ararigboia, murubixaba dos teminós, formando com os lusos. Ferido, por fleixa, no rosto, num sangrento embate, Estacio de Sá falecia a 19 de Fevereiro.

Foi, pois, pagando, num cantico de morte, o doloroso, melancólico pedágio das passagens contingências terrenas que Estacio de Sá levantou os alicerces do Rio de Janeiro — cidade cujos lineamentos não estavam ainda traçados, cuja vida não desabrochára ainda — e já, em uma de suas ilhas, recolhia e abrigava perseguidos do odio religioso, o pior e o mais funesto dos odios, como se quizesse anunciar ao mundo que éla haveria de ser, mais tarde, a retorta de uma civilização sem manchas e o ninho de uma liberdade sem peias.

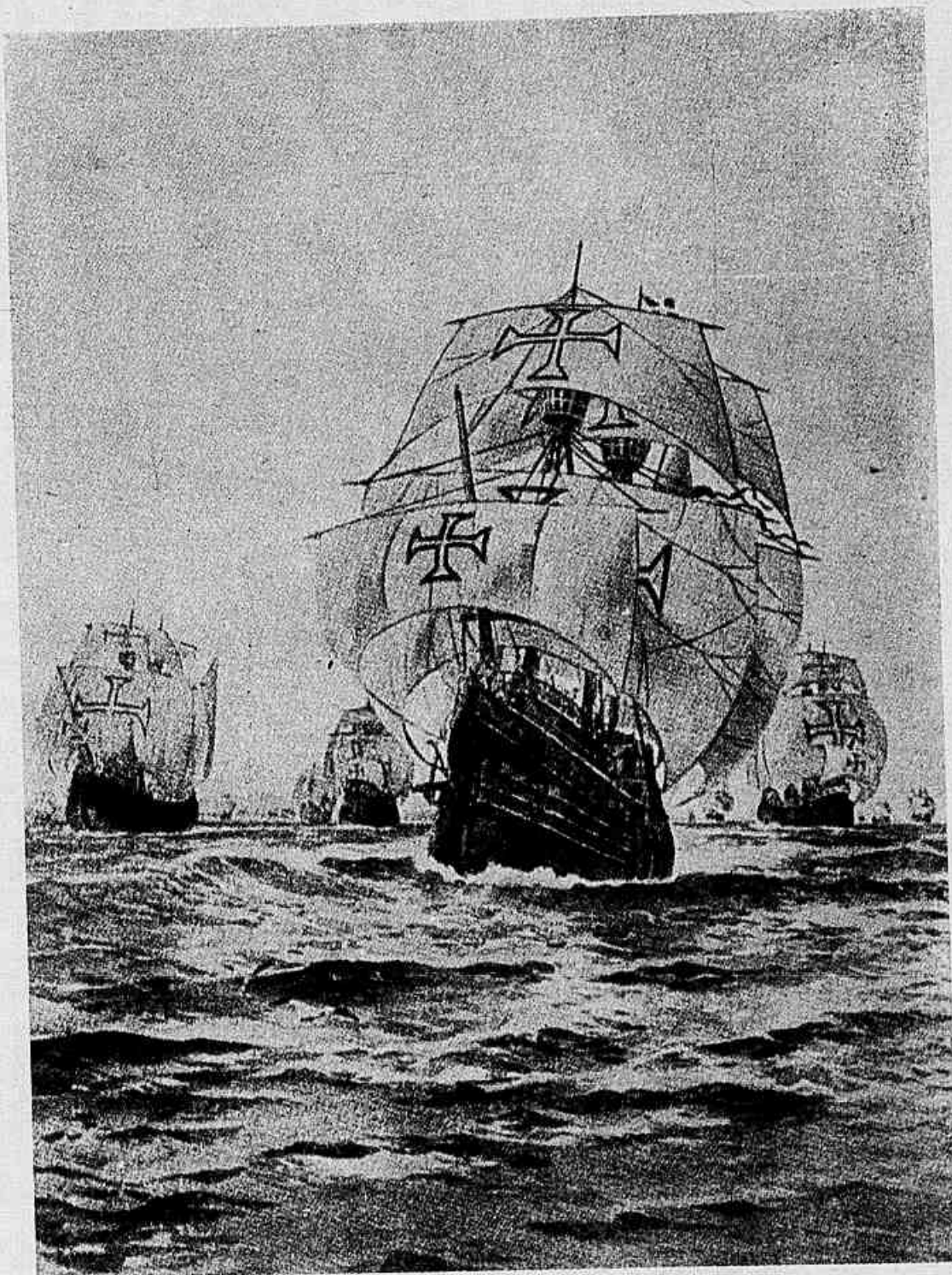
A cidade, em 1910, amortizou a dívida em que estava para com o seu fundador, do qual, diz Anchieta, ao serem transportados os restos de Cara de Cão para o Castelo, depois de um longo e prolongado sono de morte, «saía deles um cheiro suave, como sinal de que gosa sua alma as felicidades da gloria» — recolhendo-lhe as cinzas a condigno jazigo.

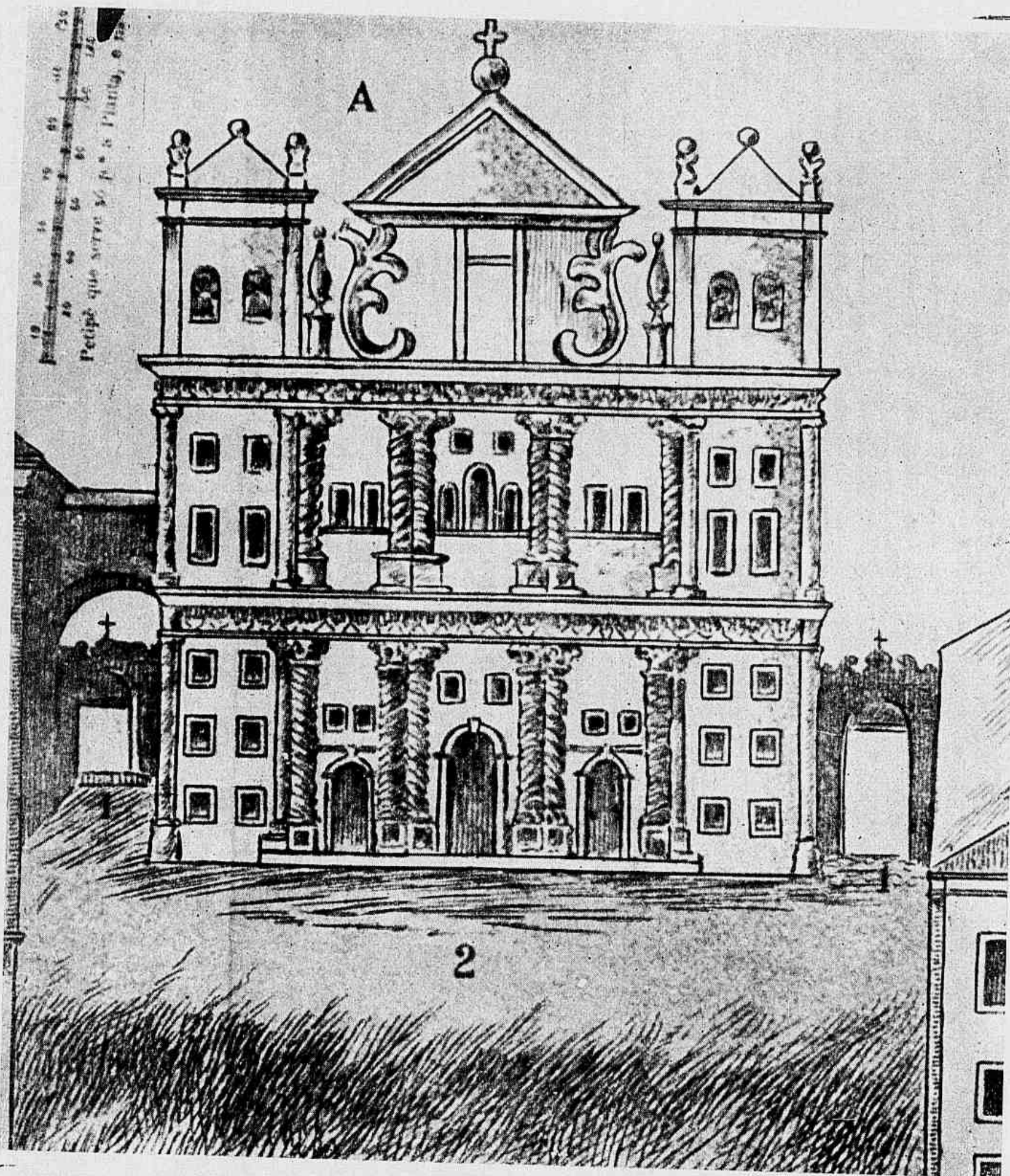
A cidade já deu o seu nome ás placas de uma rua e de um largo e ao frontispício de uma escola. Quando, á guisa de Santos, a admirável cidade paulistana, ao seu inolvidável Braz Cubas, lhe dará, a éle, em uma praça publica a imortalidade do marmore ou do bronze?

Mas, enquanto essa liquidação final não chega, saudemos, por agora a cidade magnífica — terra atalaiada pela mesma imovel sentinela, de pés mergulhados no mar, de frente a roçar o céu, com que a surpreendeu Gongalo Coelho, debruçada dos mesmos verdejantes e harmoniosos montes, sobre o cristal das aguas da mais formosa das baías do mundo, e oferecendo o mesmo panorama deslumbrador, que é o enlevo do olhar dos visitantes e um dos motivos de nosso envaidecimento patriótico.

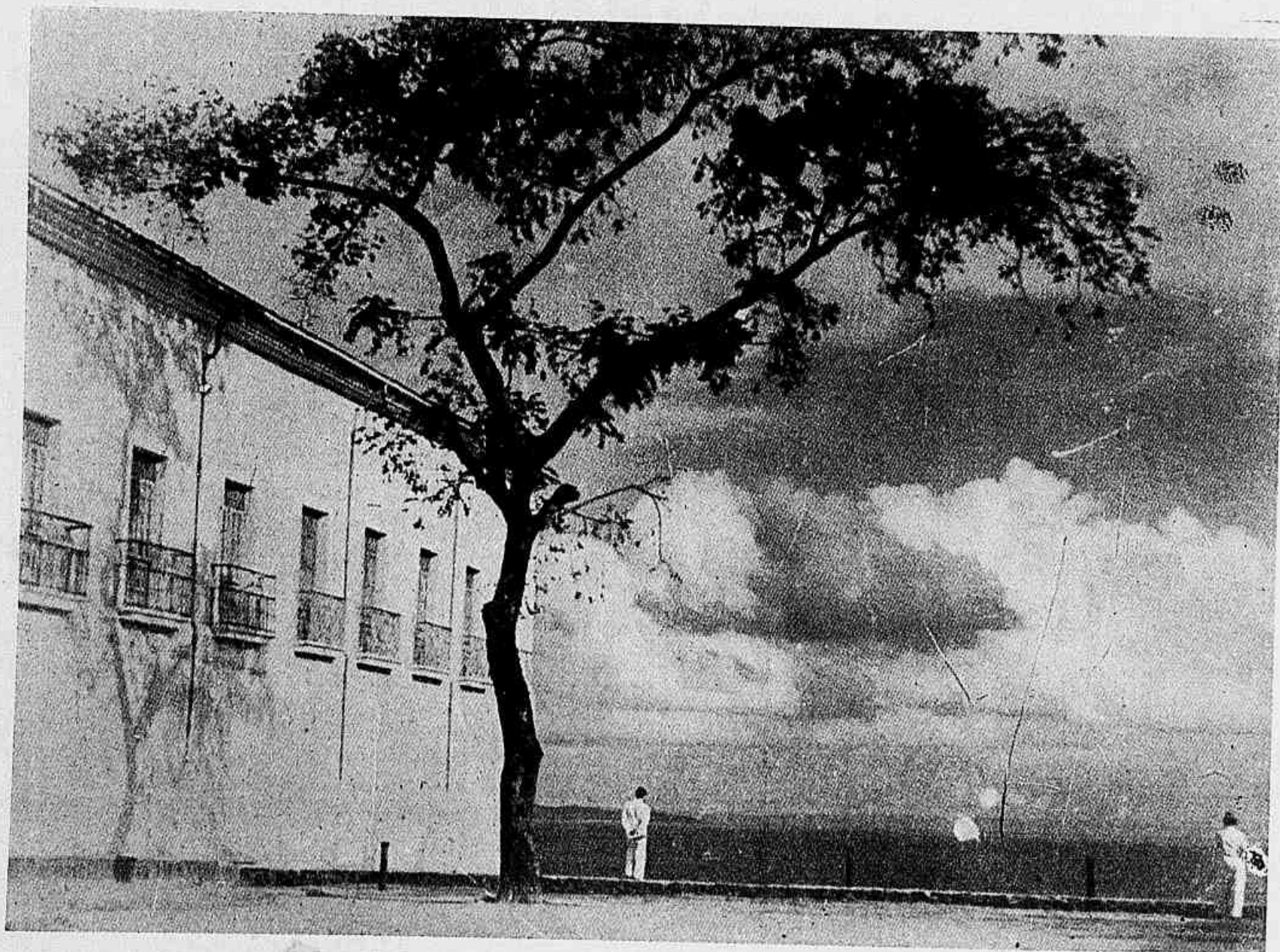
E ei-la — a cidade de hoje, no tropel tumultuoso das suas aspirações de alta e ilimitada nobreza; com suas largas, lindas avenidas, com os seus sitios incomparáveis; com a sua industria crescente; com o seu formidável commercio; com a sua nobre e fulgurante cultura espiritual; com os requintes de uma notável civilização, e tão da natureza protegida e amada que, para ser do mundo a primeira, basta tenhamos fé em nós mesmos e inabalável confiança em nossos destinos.

Leoncio Correia





VISTA DA SE', SEGUNDO UM DESENHO CONTIDO NAS «CARTAS DE VILHENA» — A — fachada primitiva. 1 — portões laterais de saída para a rua. 2 — o amplo adro da igreja, transformado depois em jardim. 3 — local do muro de sustentação.



«A ULTIMA TESTEMUNHA» — Curioso exemplar de cajazeira, que estava dentro do «jardim da Sé», e ficou no mesmo local, ao lado da Santa Casa da Misericórdia, assim como uma ultima testemunha do tempo demolido.

E' certo, e os fatos a miude o confirmam, que as coisas também tem, como as pessoas, um destino traçado, a cujas coordenações, no tempo e no espaço, não podem nunca fugir.

A Sé, o velho templo católico da Bahia, que chegou a contar quase quatro séculos de existência, está nesse caso — foi um como predestinado a isto que, afinal, acabou sendo: ruínas.

Dizem os historiadores que, precedida pelas pequenas capelas de N. S. da Vitória e de N. S. da Graça, teria sido a Sé a terceira igreja aqui construída, em ordem de antiguidade, para substituir a da Ajuda, isto no longínquo ano de 1553, sob os auspícios de nosso primeiro Bispo, o malogrado D. Pedro Fernandes Sardinha, mais tarde naufragado nas costas das Alagôas e ali devorado pelos índios Caetés.

Construído o templo, amplo e majestoso, como o poderiam conceber os arquitetos de então, vindos do Reino, entrou numa fase de esplendor religioso e, por isso mesmo social, de alta significação histórica e civilizadora no desenvolvimento do imenso, rico e despovoado território do Novo Mundo, que á esforçada gente luzitana se impunha, assim, o milagre de colonizar.

Posteriormente, reformada e enriquecida de alfaias e de imagens, por Governadores cheios de zêlos com as coisas da Religião, e por fidalgos endinheirados, no cumprimento de promessas, a Sé, no começo do século XVIII, enchia de admiração, pelas suas belezas e riquezas, a todos quantos a viam e lhe visitavam o interior, como aconteceu a um viajante francês que aqui esteve naquela época.

E em suas pias batismais, receberam a água do batismo cristão e católico, muitos filhos de governadores, de fidalgos, de reinões e de brasileiros natos, todas aquelas crianças que, nascidas sob o signo abençoado do Cruzeiro do Sul, seriam, mais tarde, os troncos de onde emergiriam os esteios fortes e melhores de nossa nacionalidade.

Em seus pulpitos se ouviram as vozes privilegiadas dos mais ilustres e famosos pregadores do Evangelho, nas terras da Santa Cruz, dentre os quais se destaca o insigne jesuíta Padre Antonio Vieira.

Nela se celebrou, solenemente, por entre os alvoroços patrióticos do povo, o Te-Deum, pela vitória final sobre as armas holandesas, fato decisivo nos destinos políticos e culturais do Brasil.

Grandes festividades, atos significativos de pública fé cristã, do mesmo modo que gritos de angústia e de aflições em dias tormentosos de calamidades, tudo encontrou eco na sua abobada majestosa, ao pé dos altares de seus Santos e Oragos, sempre acolhedores e milagrosos.

E, afinal, em seu chão sagrado tiveram sepultura Bispos e Governadores, clérigos e seculares, e muitos dos grandes senhores da colônia, guerreiros e heróis, que trabalharam e tanto fizeram pela vida e pela grandeza de nossa Pátria.

Até aí, o destino esplendoroso da Sé.

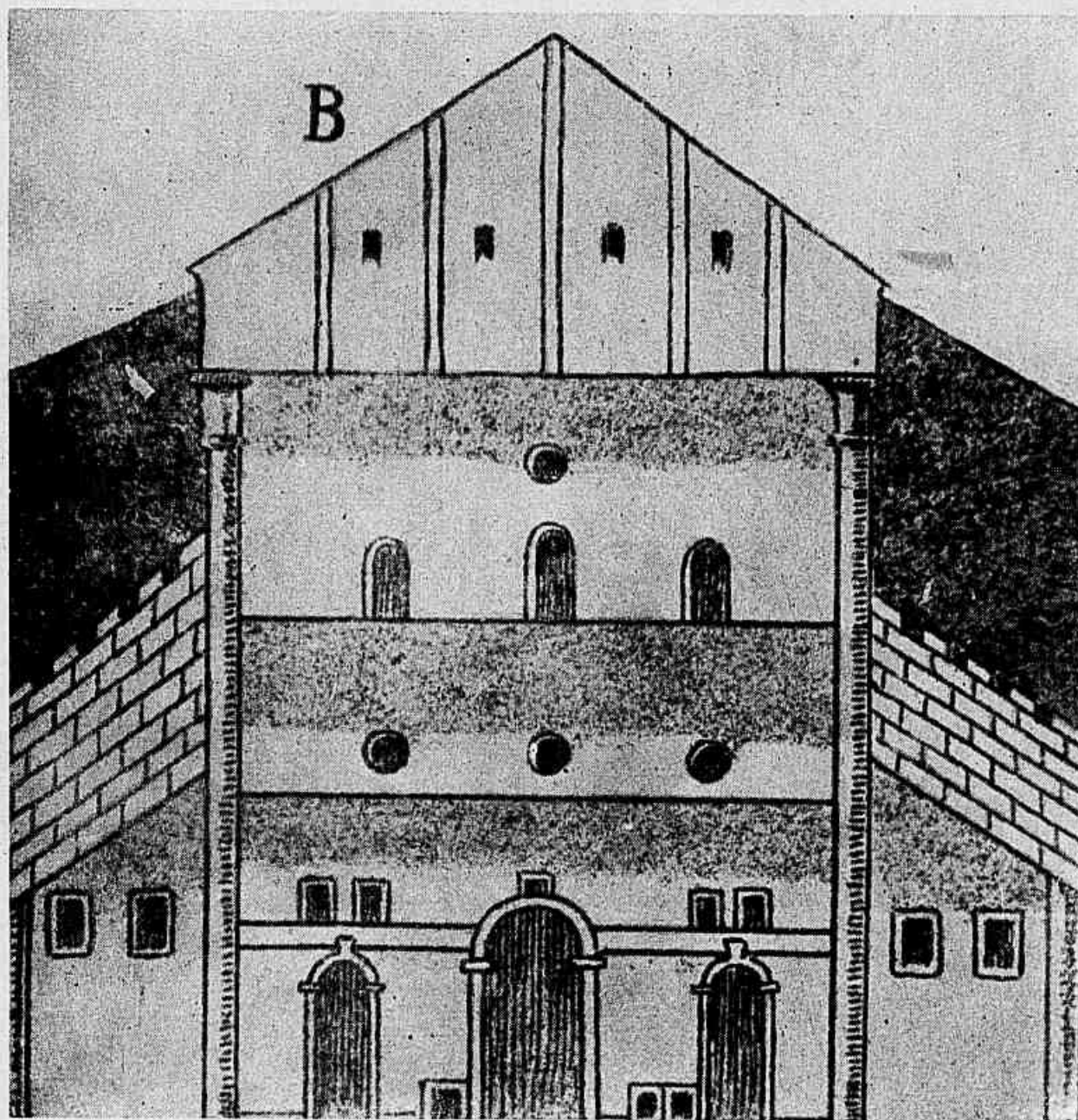
Começou, na segunda metade desse mesmo século XVIII, cujos primeiros cinquenta anos lhe haviam sido tão gloriosos, começou aí a sua paixão. Tendo-se fendido, perigosamente, a muralha de sustentação do seu adro, visto que o templo fôra levantado á beira de uma montanha, foi preciso que a mutilassem, demolindo-lhe as duas torres, e transformando-se-lhe, por completo, o frontispício, que perdeu toda a sua imponência, exteriormente.

Vilhena, o professor de grêgo, que se ocupou em escrever interessantes «Cartas» acerca de tudo o que aqui via e lhe surpreendia a curiosidade, tendo chegado á Bahia nos fins de 1787, assim nos deu o seu testemunho escrito: «E' a Sé Catedral um grande templo, de uma só nave, com as capelas laterais muito fundas e por isso escuras, e toda ela de gosto antigo.

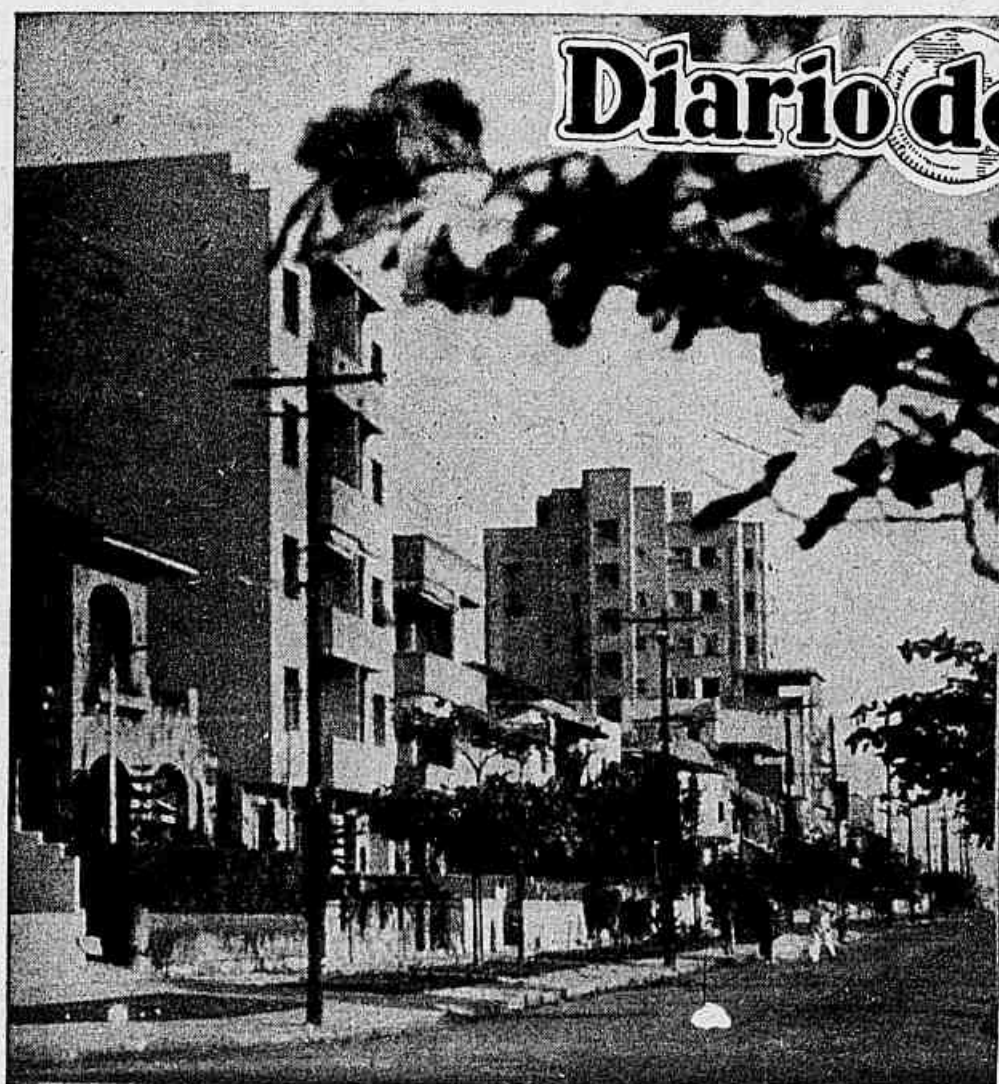
O seu tecto era de madeira e apainelado todo com muito boas pinturas, e, porque ameaçava pronta ruína, se apeou este ano, pelo que ficou bem pouco decente para as funções para que é destinado, visto que pouco difere de um grande armazem. Era a sua fronteira toda de pedra do País, lavrada e ornada de colunas retorcidas, com duas esbeltas e elevadas torres, todas da mesma pedra, situada no cimo da montanha, com portas para o ocidente.» A certa altura dessa «carta», em que relata as mutilações varias sofridas, então, pelo

A velha Sé da Bahia

Nascimento - Esplendor - Paixão - Morte



A fachada da Sé, depois de demolidos, no século XVIII, o frontispício e as torres e como chegou até aos nossos dias, em 1934, quando foi totalmente demolida.



Diário de Notícias

O jornal
dos bairros
residenciais

Ninguém pode hoje viver, na cidade como nos campos, sem um mínimo de conhecimentos sobre os fatos de cada dia, sobre os progressos econômicos, científicos, artísticos, sociais. Quer isso dizer que ninguém pode hoje viver sem a permanente companhia de um criterioso e moderno órgão de informação.

Faça do

Diário de Notícias

o seu jornal

O Matutino de Maior Circulação do Rio de Janeiro

As Crianças!

Dôres no Ventre, Mau Hálito, Língua Suja, Indigestão, Consequências de Prisão de Ventre



As crianças adoecem muito facilmente do estômago e intestinos.

Basta, às vezes, que mastiguem mal a comida ou comam depressa e fora de horas para que tenham indigestão, dores no ventre, moleza, arrepios, calafrios, tonturas, mau hálito, dores de cabeça, vontade de vomitar, língua suja e até febre.

Convém dar **Ventre Livre** sem demora.

Ventre Livre é um remédio brando e suave, de gosto agradável, que as crianças tomam sempre com prazer.

Ventre Livre é o remédio indicado para combater a prisão de ventre e suas consequências: mau hálito, língua suja, indigestão, dores de barriga e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Tenha **Ventre Livre** sempre em casa.

velho e glorioso templo bahiano, sugere que «poder-se-ia aproveitar o famoso orgão que o Sr. Rei D. João V mandou colocar na Sé, o qual se desmanchou este ano, ao apagar o teto, e se vai inteiramente perder.»

E assim foi que entrou a Sé em pleno declínio e quase abandono, nada se tendo feito, de então para cá, afim de preservá-la da ruína total.

A sua conservação limitava-se ao estritamente necessário, a não ficar a igreja de todo imprópria para a celebração dos atos do culto cristão, aliás, já em nossos dias, há cerca de trinta anos passados, com frequência muitíssimo reduzida.

Estava em plena fase de sua paixão...

Até que, por implacáveis exigências do progresso urbanístico, compreendido sob o prisma ou programa de se arrazar tudo o que é velho, foram iniciadas as negociações com a Mitra para a demolição da Sé, considerada como sendo um trambôlho e um mostrego, prejudicial ao desfôgo do trânsito e às belezas novas da Cidade do Salvador, a nosso vêr, entretanto, tão bela e tão interessante em seus aspectos de respeitável vetustez.

E decretou-se a morte do velho templo bahiano — a Sé.

Não valeram de nada os protestos que se ouviram, de norte a sul do país, lançados por nomes de alta valia nas ciências, nas artes, nas letras, no magisterio, na indústria, comércio, etc., etc.

Todos os ouvidos que poderiam e deveriam ouvir e aceitar esses protestos justos estavam moucos.

De camartelo em punho, os demolidores não descansaram, dois, três, cinco, dez anos, até que, em 1934, se consumou esse inominável atentado de destruição de um dos mais eloquentes monumentos da história e da tradição da Bahia e mesmo do Brasil. pois era um dos marcos iniciais, de nossa colonização, orientada sob os princípios da civilização cristã.

E foi demolido o templo, não ficando pedra sobre pedra. Os proveitos que diisso resultaram para a estética da Cidade de Tomé de Souza não nos parece que tenham sido de ordem a justificar ou sequer atenuar o crime de lesa tradicionalismo praticado.

Seja como for, o que não resta dúvida é que a Sé desapareceu, como incomoda e imprestável, mas, com o seu desaparecimento, nenhum dos grandes problemas de urbanismo da Bahia deixou de ser o que é desafiando toda a capacidade técnica dos urbanistas indígenas e não indígenas, como o universal professor Agache, que acha melhor se deixe a velha Cidade do Salvador com a fisionomia que tem de verdadeira cidade-museu.

ANTONIO OSMAR GOMES

**O ALMANAQUE
EU SEI TUDO
PARA 1942**

**está á venda em todos os
pontos de jornais**

No Rio: 5\$000

Nos Estados: 6\$000

OUTROS RIRAM...



— E' uma mulher fatal. Já causou a perdição de dois homens. O primeiro deu um tiro na cabeça.
— E o segundo?
— Casou com ela.



— Quer você então convencer-me de que vive da pena?
— Naturalmente! Passo a vida escrevendo á familia e aos amigos, a pedir-lhes dinheiro...



— Quem é aquele sujeito com cara de orangotango, que estava a seu lado?
— Meu irmão.
— Homem, não tinha dado pela semelhança!



— Garçon, este bife é muito pequeno.
— Em compensação o senhor verá o tempo que leva a mastigá-lo.



— Daria dez contos de réis para poder ouvi-lo.
— Oh, minha senhora! Com grande prazer cantarei a ária outra vez!
— Sim mas a questão é que eu sou surda!



— Preciso com urgencia duma mobilia Luiz XV, mas quero que seja da época.
— Não ha dúvida, senhor, vamos mandar fazer-la imediatamente!

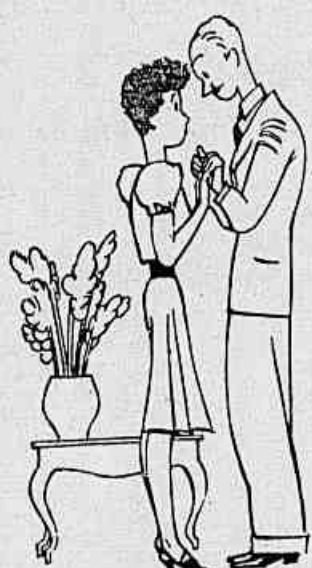


— Queria comprar um papagaio, mas que dissesse palavras pesadas, para me dar a impressão de haver um homem lá em casa.

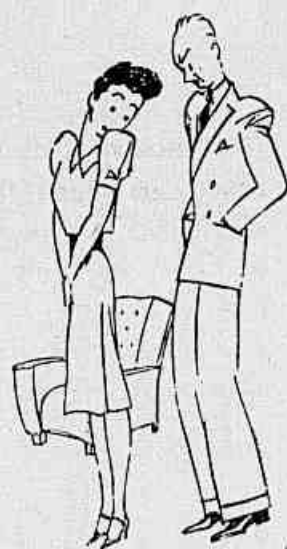


— Antes de ser guilhotinado, não quer tomar um pouco de aguardente?
— Não. Tenho medo de perder a cabeça.

CONFISSÃO



— Meu querido, agora que estamos sós, devo confessar-te uma coisa.
— Entre nós não deve haver segredos. Dize-me de que se trata.



— Pois bem... O meu olho esquerdo é falso, é de vidro.
— Pois bem... O colar de pérolas que te dei também é falso... e de vidro.

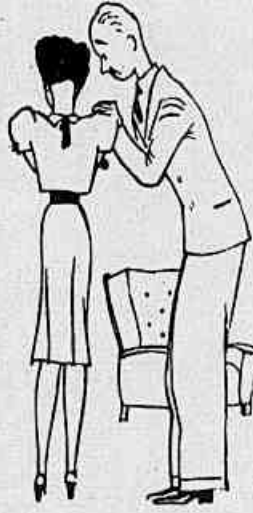


Chegou a tornar-se verdadeiramente o homem da moda e assim causava inveja aos mancebos da aristocracia que se sentiam por ele ofuscados.
Na chamada nobreza aparecem de vez em quando espiritos mesquinhos e cerebros vazios.

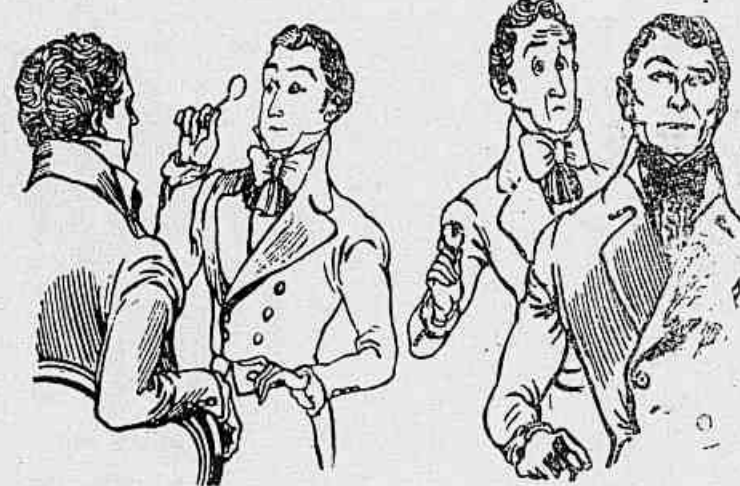
Uma lição



— Sinto-me tão envergonhada... Poderás perdoar-me, meu bem?
— O amor tudo esquece, minha adorada. Fala sem receio.



O celebre poeta inglês Moore era filho dum modesto negociante de Dublin.
A mais alta sociedade o recebia, o convidava para banquetes e bailes, cercando-o de deferencias.



Numa reunião, certo jovem aristocrata, para o humilhar, perguntou-lhe á queima roupa:
— Seu pai não era vendeiro?
— Realmente.
— Então porque o não é o senhor também?
Moore retrucou imediatamente:
— Seu pai não era fidalgo?
— Está visto que era!
— Então porque o não é o senhor também?

PENSAMENTOS

○ espirito procura, mas é o coração que encontra.



A vida é uma ponte para passar de uma eternidade a outra.

ASSINATURAS DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

TRATAR NA **AGENCIA DE MARIA**

Rua José Bonifacio n. 392

Telefone 2-9827

Quantas recordações nos lábios são lágrimas no coração!

P. Agnetant.



Para ser feliz, é preciso saber fazer duas coisas: fechar os olhos e abrir as mãos.

Santos e Efemérides da Semana

JANEIRO

31 S. Pedro Nolasco. — Nascido em 1189 perto de Saint-Papoul (Languedoc), seguiu Simão de Montfort na cruzada contra os Albigenses. Fundou em Barcelona a Ordem das Mercês. Morreu em 1256.

— **Santa Marcela.** — Grande dama romana que, após a morte de seu marido, abandonou o mundo e se retirou, na flôr da mocidade, para um lugar solitário, afim de cumprir á sua vontade uma regra das mais severas. Morreu em 410, em consequência dos maus tratos que os bárbaros soldados de Alarico lhe deram, quando da tomada e do saque da cidade de Roma.

— Falecem no Rio os ministros do Supremo Tribunal José Maria de Sales Gameiro de Mendonça Peçanha (1857) e Joaquim da Costa Barradas (1908).

FEVEREIRO

1 Santo Inácio. — Bispo de Antioquia e um dos primeiros Padres da Igreja. Preso, no reinado de Trajano, por ter atacado violentamente a religião pagã, foi condenado a ser devorado diante do povo por leões do anfiteatro. Sofreu corajosamente o suplício em 107.

— **Santa Brígida.** — Virgem, abadessa, morta em 523. E' padroeira da Irlanda, juntamente com S. Patrick.

— Parte de Lisboa Tomé de Souza, 1.º governador geral do Brasil (1549). — Falece no Rio de Janeiro Diogo Inácio Tavares, almirante, figura da batalha de Toneleros (1888).

2 Purificação da Santa Virgem. — Festa comemorativa do dia em que a Virgem Maria apareceu no Templo, de acôrdo com a lei judaica, e aí apresentou o Menino Jesus. Supõe-se que a instituição desta festa data de 542, do reinado de Justiniano, mas a sua adoção no Ocidente não se verificou senão no século VII. E' comumente chamada *Candelaria*.

— **São Lourenço.** — Tornou-se notavel pela visão que teve de São Pedro, mercê da qual conseguiu converter o rei Eadbaldo. Bispo de Cantorbery. Pouco depois da espantosa conversão morreu, em 619.

— **Santa Hadeloges.** — E' conhecida tambem por Adelaide, virgem, filha de Carlos Martel. Fundou o mosteiro de Fizingen, do qual foi abadessa (século VIII).

— Nasce no Recife o escritor Antônio Joaquim de Melo (1794). — Trava-se em Pernambuco o combate que pôs fim á revolução «praieira» (1849). — Falece no Rio José Verissimo, professor, jornalista, critico, da Academia Brasileira (1916).

3 São Braz. — Bispo de Sebaste, na Armênia. Após uma violenta perseguição, retirou-se para uma caverna e viveu de raízes e agua, cercado de fêras que o respeitavam. Foram, apesar disso, prende-lo e fizeram-no sofrer as mais cruéis torturas. E' uso em muitos paizes benzer-se o pão e o sal; é o que se chama, de hábito, a «Benção de S. Braz».

— **Santa Berlinda.** — Filha de um fidalgo do tempo de Dagoberto, foi injustamente castigada pelo pai e recolheu-se a um convento onde levou, durante longos anos, uma vida exemplar. Morreu santamente em 667.

— Falece em Goiana André Vidal de Negreiros, um dos heróis da expulsão dos holandeses (1681). — Falece em Lisboa frei Paulo de Santa Catarina, custódio da província reformada de Santo Antônio, no Brasil (1693). Nasce em Pernambuco Francisco do Rego Barros, brigadeiro, senador, presidente das provincias de Pernambuco e Rio Grande do Sul, conde da Boa Vista (1802). — Batalha de Monte-Caseros, que pôs fim á ditadura de Rosas (1852).

4 Santo Aventino. — Piedoso cenobita, passou a vida inteira numa caverna em meio do deserto e submeteu-se voluntariamente ás mais duras mortificações.

— **Santa Joana de Valois.** — Filha de Luiz XI, nascida em 1464. Foi casada com Luiz, duque de Orléans, (depois Luiz XII), que não a amava por ser ela feia e que, tornando-se rei, a repudiou (1498). Esta princesa, virtuosa e resignada, recolheu-se a Bourges, onde fundou a Ordem

das Anunciadas. Morreu em 1505, consumida pelo jejum e pelas penitências.

— Realiza-se a ultima sessão da Academia Brasileira dos Esquecidos, que foi a primeira sociedade literária que houve no Brasil (1725). — Nasce na Bahia Bento da Silva Lisboa, barão de Cairú, ministro de Estado e um dos fundadores do Instituto Histórico, que foi quem contratou o casamento do imperador D. Pedro II com a princesa Tereza Maria Cristina (1793). — Nasce em Divina Pastora (Sergipe) José Luiz Coelho e Campos, ministro do Supremo Tribunal (1843).

5 Santo Isidoro. — Descendente de uma família abastada de Alexandria, renunciou ao mundo, indo habitar o deserto. Foi depois eleito abade de um mosteiro perto de Peluse, no Egito. Morreu em 450, aproximadamente.

— **Santa Agueda.** — Nasceu na Sicília, de pais nobres e cristãos, que a educaram na piedade. Impressionado pela sua grande beleza, Quintianus, governador da Sicília, mandou prendê-la. Ela resistiu e recusou-se a abjurar a fé. Teve então de sofrer as mais cruéis torturas e foi horrivelmente mutilada. Curada milagrosamente, foi de novo supliciada. Reconduzida á prisão, expirou em 253, com a idade de vinte e um anos.

— Falece no Rio Antero José Ferreira de Brito, barão de Tramandaí, presidente das provincias do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, tenente-general, ministro da Guerra

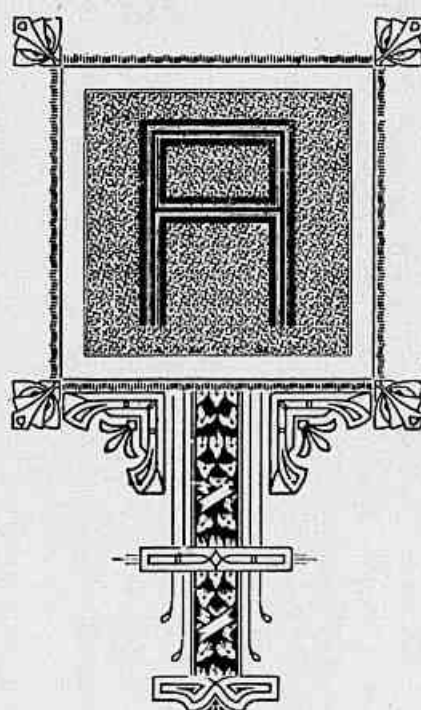
e, interino da Marinha (1856). — Nasce em Santo Amaro (Bahia) Antonio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, ministro do Supremo Tribunal (1865).

6 Santo Amando. — Bispo de Maestricht e apóstolo do Brabante, incorreu no desagrado de Dagoberto, de quem profligara a conduta irregular. Missionário sem asilo, errou por muito tempo, injuriado e torturado; mas, tendo um dia chamado á vida um dos bárbaros que o martirizavam, os habitantes, impressionados por tamanha bondade, destruíram seus templos e pediram o batismo. Morreu com a idade de noventa e nove anos, no mosteiro de São Pedro de Elnon, em torno do qual se ergue a cidade que tem seu nome.

— **Santa Dorotéia.** — Célebre virgem de Cesaréa, do século IV. O governador Sapricius quis obrigá-la a casar-se; não conseguindo o seu intento, determinou fosse ela despojada de todos os seus bens e martirizada. Seu suplício, que se verificou na Capadócia, deu lugar á realização de muitos milagres e inumeras conversões.

— Falece em Belém do Pará Pedro de Albuquerque, que se notabilizara na defesa do Rio-Formoso (1644). — E' criada na metrópole a Companhia Geral do Comércio do Brasil (1649). — E' criada a Relação de Pernambuco (1821). — Falece no Rio Antônio Genelo, marechal de campo, que em 1822 ficara ao lado dos brasileiros contra Jorge Avilez (1843). — Falece no Rio Osório Duque Estrada, professor, jornalista, poeta, critico, teatrólogo, da Academia Brasileira (1827).

Cento e Cinquenta e Nove Mil Contos



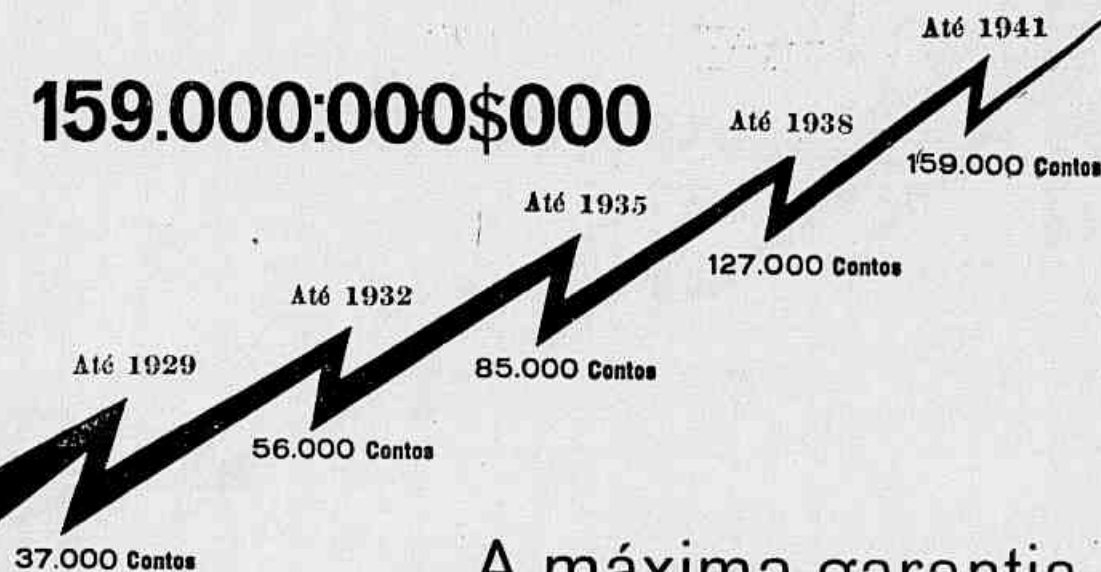
Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes

Companhia de Seguros

Pagou de indenizações a seus segurados até o ano de 1941



159.000:000\$000



A máxima garantia em seguros

Previna-se contra as consequências do acidente
Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes
Rua Buenos Aires, 29/37
RIO DE JANEIRO
Telefone 23-2107

A recompensa dum esforço: - A confiança pública

Como estudo os meus papeis

Fantasia do famoso ator cômico inglês DAN LENO

Como devem ter notado, eu me esforço por ser tanto quanto possível natural na interpretação dos meus papeis. Não quero exagerar nem ficar aquém; evito o solene como o grotesco; tenho uma única preocupação: caminhar ombro a ombro com a verdade.

Um dia, por exemplo, confiaram-me um papel de sargento recrutador. Para me inteirar do personagem, fui passear pelas imediações da National Gallery, observando as manobras dos soldados que abordavam a mocidade afim de a convencer a alistar-se. E quando me considerei suficientemente orientado, comecei por furar uma moeda de cinco shillings e, passando um barbante pelo orifício, pendurá-la no pescoço, à guisa de condecoração. Depois, entalando a bengala debaixo do braço, passei a procurar uma vítima. Logo notei um indivíduo que estava de costas para mim, lendo atentamente um cartaz no qual se enumeravam as vantagens reservadas aos jovens recrutas. Toquei-lhe de leve no ombro com a bengala e perguntei:

— Então, meu rapaz, está com vontade de se alistar?

O sujeito voltou-se e — oh, surpresa! — verifiquei que era gorducho, rubicundo e contava pelo menos quarenta e cinco anos.

— Deus me livre! protestou ele, olhando-me bem de frente. — Mas como obtive o senhor essa medalha? E' realmente um soldado inglês?

— Sim, senhor, e então?

— Pobre Inglaterra! Que vai ser de nós?

— Não se incomode com isso! declarei, para o tranquilizar.

— E tem servido muito no exército?

— Si tenho! Fui o braço direito do marechal Wolseley na batalha de Lessala-sur-le-Boudduban. Aí o marechal me disse: "Escute, meu caro Dan, você anda mais a par destas coisas do que eu... Acha que devo mandar avançar a artilharia ou garantir a retirada com os hussards em quadrado?" E eu respondi-lhe: "Escute, meu velho..."

Mas o interlocutor tinha desaparecido.

Uma das minhas mais notáveis criações foi um *garçon* de café, e isso sem dúvida porque tive o capricho de me documentar, trabalhando vinte e quatro horas num estabelecimento do gênero.

Principiou essa espécie de comédia ao meio dia em ponto. O primeiro freguês foi um ancião que parecia de mau humor. Tentei acalmá-lo, sorrindo-lhe com a maior amabilidade deste mundo.

— Que lindo tempo está fazendo! exclamei ao apresentar-lhe a lista.

O velhote resmungou qualquer coisa que não compreendi. Depois mergulhou o nariz na lista. Sugerí então:

— Não gostaria o senhor de pirão de batata com morangos? E de linguiça com creme de Chantilly? Muito bom, principalmente quando faz calor. E uma lagostazinha grelhada, com geléia de maçã?

Continuei neste tom durante alguns minutos. O macróbio não se dignou de me prestar atenção e acabou por encomendar:

— Traga-me um bife de cebolada.

Enxuguei com o guardanapo uma lágrima repentina:

— Oh, senhor! Não me fale em cebolas, por quem é! Nem pode imaginar o efeito que isso me produz!

— Mas...

— Não, não pode imaginar. Meu avô, que me adorava e a quem eu pagava na mesma moeda... Já morreu, coitado!

— E que tenho eu com isso?

— Meu avô, ia eu dizendo, sofria horivelmente toda a vez que comia ceb...

— Não me aborreça! explodiu o irascível cliente. — Veja o meu bife em vez de estar dizendo asneiras!

Obedeci e voltei para junto dele. Olhou-me de banda e perguntou:

— Demorará muito, o bife?

— Não, senhor! Daquí à cozinha é tão perto...

Ouvi um ruído de dentes rilhados, ao mesmo tempo que a mão do freguês se crispava no guardanapo. Não insisti. Pareceu-me um tipo perigoso. Além disso, outro freguês, atrás de mim, se queixava de não ter queijo!

— Ora essa! exclamei, escandalizado. — Mas tenho certeza de que o trouxe! O gerente é que é um desleixado. Quantas vezes lhe tenho mostrado a conveniência de se amarrar o queijo ao prato, para não fugir. Com licença, vou ver si ainda o apanho no corredor!

— Desculpas, desculpas esfarrapadas! Vamos ver a conta.

— Perfeitamente. Uma costeleta, batatas, arroz doce, total: 3 shillings e 9 pence. Não se serviu de pão? 3 e 10. Não quis charuto? 4 e 4.

— Mas que é isso? Como é isso?

— E manteiga? Também não? 7 shillings e 4 pence... Perdão, é o contrário: 4 shillings e 7 pence... Não, também está errado! Oh, estes cálculos, estes cálculos!

Outro freguês encomendou um frango novo e vinho do Porto de 1864. Servi-o e não se mostrou satisfeito. Mas dessa vez achei ao caso imensa graça.

— Desculpe, mas... expliquei, tapando a boca com o guardanapo, a ver si continha o riso — é que mandaram um vinho do Porto novo e um frango de 1864. Inverteram as datas! Mas não faz mal. A ordem dos fatores é arbitrária.

O freguês ameaçou-me de dar queixa ao patrão. Mas já eu lhe voltava as costas, porque duas encantadoras criaturinhas, uma loura outra morena, entravam no café, reclamando toda a minha solicitude.

— Não tenho vontade de nada... declarou a loura.

— Muito bem! aprovei. E voltando-me para a morena: — E a senhora?

— Eu? Vamos ver...

Discutiram comigo cerca de meia hora. Por fim a loura pediu pão torrado e leite.

— Pão torrado, está bem! opinei — Mas, si me permite dar-lhe um conselho, nada de leite.

— Por que? está estragado? indagou ela, com um brilho de ansiedade nos olhos adoráveis.

Apoiei os cotovelos na mesa e, estendendo, para maior comodidade, as pernas para trás, iniciei uma explicação que devia ser longa. Nesse momento, porém, outro *garçon* tropeçou nas minhas pernas. Levava um taboleiro com três terrinas de sopa, inúmeras costeletas, uma coleção de pudins, uma infinidade de saladas e outros legumes. Fiquei literalmente coberto de fatias de róbife, verduras, arroz e molho. Mas não tive dúvida. Arrancando a toalha doutra mesa, limpei-me a toda a pressa e reatei a conversação, embora sentisse um riacho de sopa correr-me pela coluna vertebral.

— Não! Nada de leite! repeti à deliciosa loura. — Vou trazer-lhes dois bons copos de cerveja.

As duas moças olharam-me, rindo. Incitado por esse êxito, ia dizer mais alguma coisa, muitas outras coisas sem dúvida, quando me agarraram brutalmente pela gola e a voz do gerente me atroou os ouvidos:

— Basta! Ponha-se lá fora! Rua! Rua!

Realmente, senhores... A que humilhações precisa de se sujeitar um artista consciencioso!

REVISTA DA SEMANA

Publicação de arte, literatura e modas — A decana das revistas nacionais Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e nos Grandes Premios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — 63\$000; seis meses — 32\$000.

Registrada: Um ano — 80\$000; seis meses — 40\$000.

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — 170\$000; seis meses — 90\$000.

O número avulso custa 1\$500 em qualquer parte do país; o número atrasado: 2\$000.

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Endereço Telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro.

Telefones — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570;

Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602.

Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

Sucursal em S. Paulo: Largo do Paissandú n.º 124. Telefone: 4-6070

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Koppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente 1746, Montevideo.

Todos os originais enviados à REVISTA DA SEMANA devem vir datilografados, e os

trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

— Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor: Gratullano Brito —

O "KERB" DO MAX

(De EYDHER PESTANA)

Desde há muito que se vinha falando, naqueles desvãos de serra e pela campanha, do *kerb* que o Max projetava, no *bailante* da encruzilhada, para breve.

No *bolicho* da entrada da *linha* já tinha havido até discussão, quanto aos aprestos, pois alguém afirmara que aquele iria ofuscar todos os demais da redondeza, visto como, só de acordeónas, a orquestra contaria para mais de seis, e cada qual a mais afamada. O *baar* seria um assombro de bem servido.

E o Max, antegosando o êxito e espicaçado por aqueles comentários, que lhe provocariam, na certa, lucros fartos, já mandara caiar de novo o edifício confortável do salão e reforçara a estabilidade dos bancos, mesas e cadeiras. A família passava até alta noite cortando, colando e aparelhando cordas e mais cordas de bandeiras de papel de seda.

Quando lhe falavam no futuro acontecimento, o Max sorria superiormente e afirmava convicto, separando as sílabas arrastadas e perras:

— Bar...ba...ri...da...del... Chopp no meu *kerb*, há de fazer lama na sanga...

E concluía, arremangando a bombacha de xadrez miúdo:

— Pomba! Comigo é assim. Você vai vêr, amigo!

E foi.

Desde cedo os fordecos "pererécas" e as carretas chegam, dentro de nuvens de poeira, repletos de festeiros. E, mal deixam a carga, voltam, estrada em fora, para novas remessas de convivas.

Os cavalos de jaêses de prata e pelêgos fôfos; espalhados pela sombra do quintal amplo, amarrados aqui e acolá, escouceiam e relincham.

A colonada já começou as libações fartas, e sobre as mesas, molhadas de cerveja, rolam restos de *sandwiches*, de mistura com farelos de cuca.

Chega gente de raças e esferas sociais diversas. Moças com vestidos à última moda, exibindo modelos da Rua da Praia e Avenida Borges, óculos praianos e troço de seda; outras com trajos e chapéus antiquados, misturando *ia* com *sim*, vermelhas, truçulentas, pisando forte. O rapazão, também, tem a mesma amálgama. Muito calor, muito suor.

O *bailante* abafa, regorgitando.

Uma valsa, executada a capricho, com cadência marcada à bateria, faz que o número de pares rodopiantes seja o maior daquele começo de festa. E são velhos circunspectos agarrados a matronas pesadas, gente moça e crianças, tudo valsando, ao som irresistível daquela música alemã.

Em torno do salão, bancos cheios de gente, que se abana, com ruído, agitando leques de celuloide. Nas outras dependências, todas vastas, mesas repletas de gulosos, que se encharcam de largas fatias de porco, galinhas e nacos de linguiça, mastigando alto, gesticulantes, azafamados. As sodas e as cervejas espumam por toda parte e, não raro, cálices cristalininos de caninha antecedem os copos de *bock*. Chácaras fartas de café e talhadas imensas de cuca teem consumo imoderado.

Casais, em cochicho, pelos desvãos das janelas, a repetir a eterna mentira de fidelidade absoluta.

E a música a tocar, com curtos intervalos, que os dançarinos enchem palestrando, no meio da sala, garantindo o par e evitando surpresas perversas do chefe da orquestra.

Este é o primeiro dia. Nos dois outros o espetáculo é o mesmo. Ninguém se cança, porque todos se revesam no baile e na mesa, onde cada qual quer exibir mais largueza de gastos.

Depois do décimo copo, fazem-se amizades, protestam-se mútuas simpatias, acordam-se negócios, comentam-se safras, transferem-se propriedades, numa algaravia de alemão, castelhano e português, tudo mal pronunciado, porém bem entendido. Há muitos abraços selando pactos, que se comemoram com cerveja em demasia e indigestões fantásticas.

Todos exibem cédulas de valores altos, que os garçons reduzem a ní-ueis de troco mal contados, tilintando em bandejas-reclamos da Sul-Brasil ou da Continental.

De vez em quando, um menos afeito ao álcool ou excedido na dose segue, no braço de amigos pouco menos bêbedos, para os refúgios do fim da casa.

O garçon indica:

— A "patente" é lá no fundo.

E ninguém pára de beber, de comer e de dançar, durante três dias consecutivos.

No salão do baile o rodopio é constante. Não há descontentes. *Vitalina*, lá, não faz "crochet"...

Em frente do tablado da orquestra, bem no alto, preso ao fôrro por cordeis em roldanas, um casal de "bruxas" de pano, bem paramentadas, harmoniza tudo, contentando a todos.

Os músicos, previdentes, atacam os prelúdios da valsa, a predileta. O chefe faz que o *boneco* desça dois palmos. A rapaziada, atenta ao gesto, salta ruído dos bancos e das cadeiras em anfiteatro, e escolhe o par para aquele prazer coreográfico.

Acontece, porém, que muitas senhoritas, por motivos vários a que não está alheia a beleza ou a idade, estão na incômoda situação de simples espectadoras do *kerb*, sentindo pruridos atizados por Terpsicore, relegadas pelos dançarinos.

Lançam olhares súplices para os músicos.

Aí é que o braço protetor do dirigente da orquestra aciona a *boneca* salvadora, que desce alguns centímetros do fôrro da sala, tornando-se mais evidente.

O mulherio se assanha, mal contendo risos de satisfação íntima.

E' a vez delas.

Apressam-se em escolher o rapaz que lhes convém para a próxima contradança.

Assim, ficam todos contentes e bailam satisfeitos com o prazer do exercício e o gozo da vingança.

As "vítimas" revesam-se.

RECEITAS QUE
INTERESSAM A
TODA DONA DE CASA
...E AO SENHOR TAMBEM!



Usar lâmpadas Edison Mazda é uma fonte de economia, porque dão até 20% mais de luz, sem aumento de despesa, graças ao filamento *DUOSPIRAL*. Mas é preciso usá-las, também, em forma apropriada, escolhendo, para cada finalidade, lâmpadas de tamanho adequado. Veja ao lado os conselhos G.E. E tenha sempre de reserva algumas lâmpadas Edison Mazda para qualquer imprevisto.



NA COZINHA

NA SALA-DE-ESTAR



Uma lâmpada de 100 watts junto à sua poltrona tornará repousante a leitura.

NO ESCRITÓRIO



A vista de seus filhos exige proteção: uma lâmpada de 150 watts no teto, uma de 100 para a mesa.

NO DORMITÓRIO



A cozinha também requer boa iluminação: no mínimo uma lâmpada de 100 watts.

Junto à penteadeira duas lâmpadas de 40 watts permitirão uma maquiagem mais perfeita.

DESPERTE A BILIS DO SEU FIGADO

Sem Calomelanos—E Saltará da Cama Disposto Para Tudo

Seu fígado deve derramar, diariamente, no estômago, um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você sente-se abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não tocará a causa. Nada há como as famosas Pillulas CARTERS para o Fígado, para uma ação certa. Fazem correr livremente esse litro de bilis, e você sente-se disposto para tudo. Não causam dano; são suaves e contudo são maravilhosas para fazer a bilis correr livremente. Pega as Pillulas CARTERS para o Fígado. Não aceite imitações. Preço 3\$000



O orador

Quem não está habituado a falar em publico e é obrigado a fazê-lo, facilmente se perturba e perde a calma e a naturalidade precisas para que a sua oração seja ouvida com prazer. É aconselhavel, em oportunidades tais, tomar um ou dois comprimidos de ADALINA, que agem suavemente sobre o sistema nervoso, restabelecendo-lhe a normalidade.

ADALINA é um produto Bayer.

ADALINA
BAYER

CALMANTE DOS NERVOS
SUAVE E INOFENSIVO

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alfaca ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, alisar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alfaca permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas, as asperezas e a tendência para a pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alfaca "Brilhante".

Experimente-o



Senhoras!

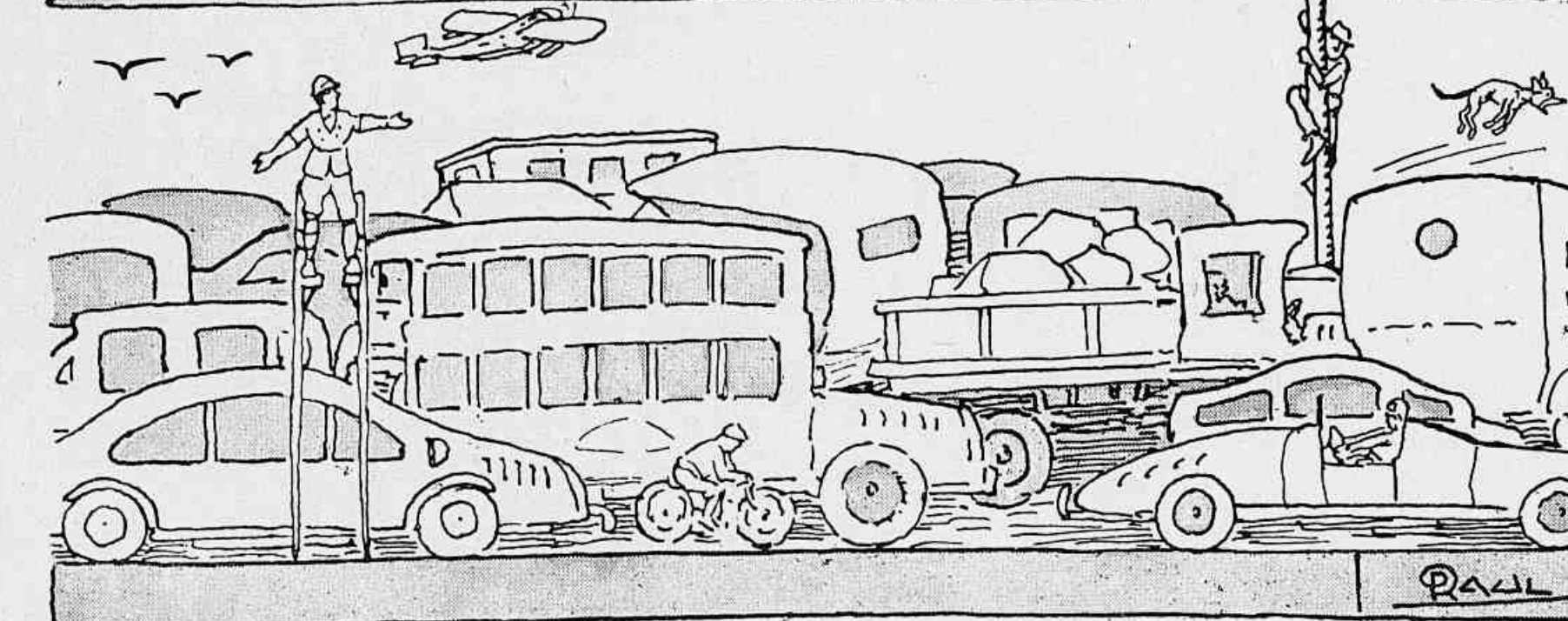
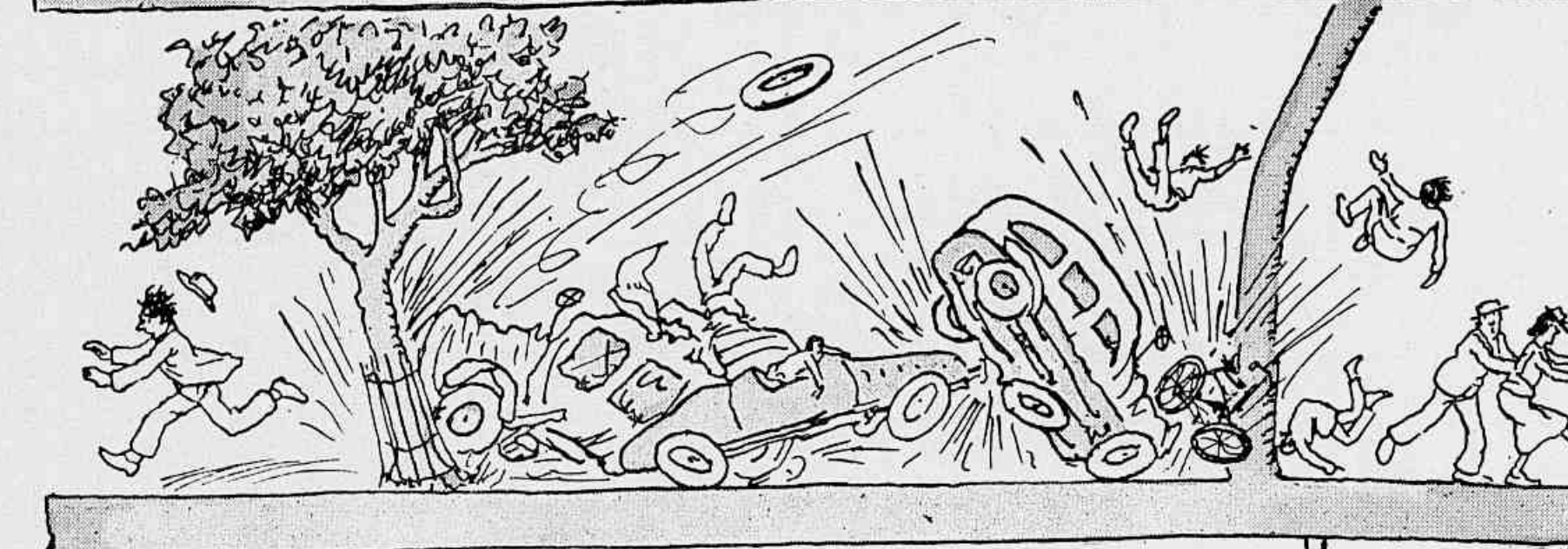
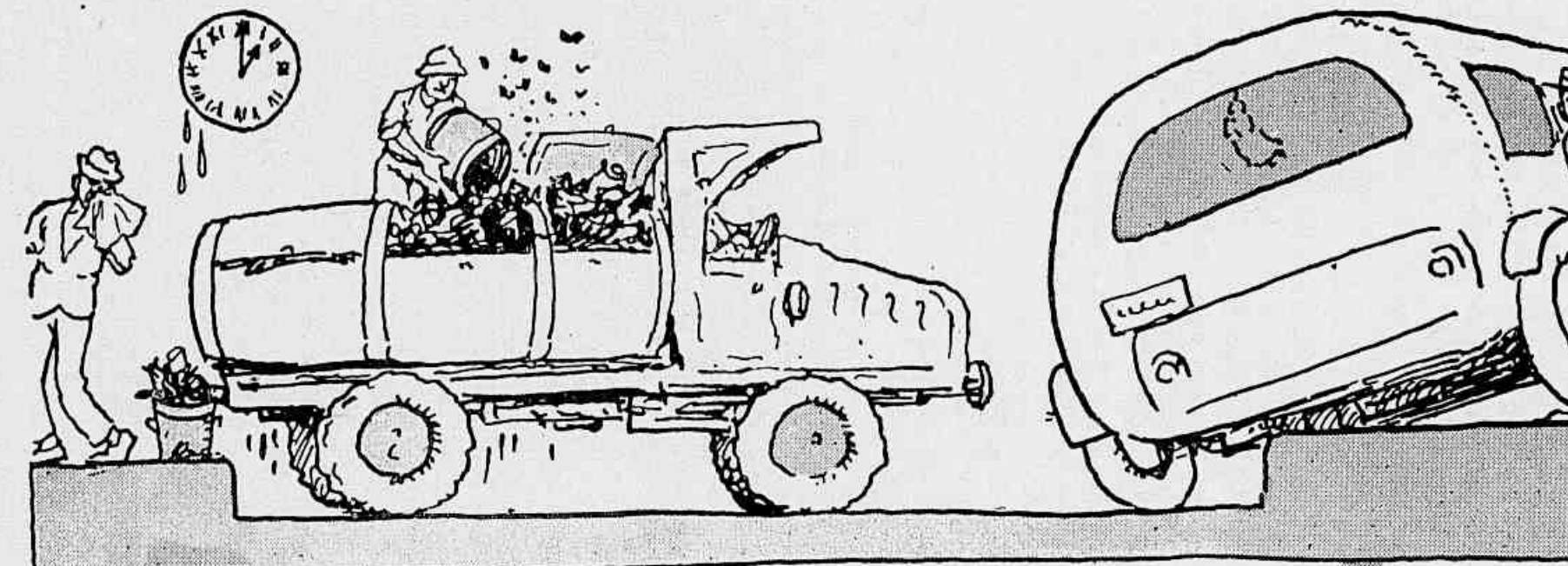
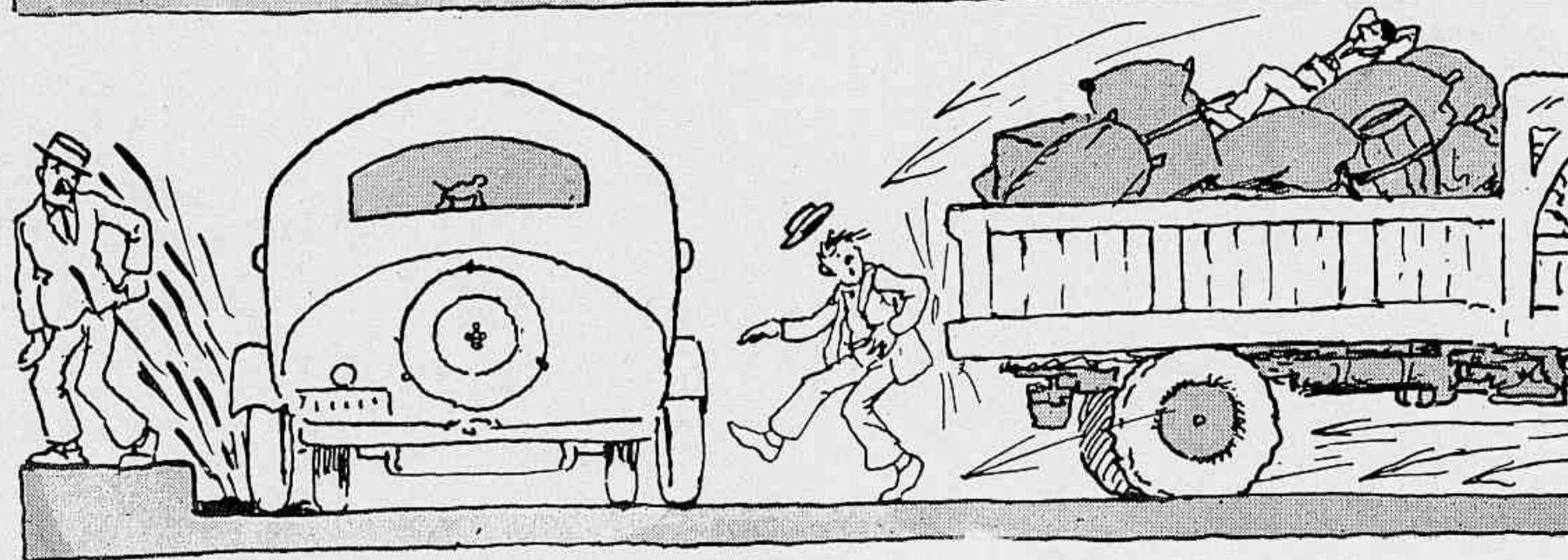
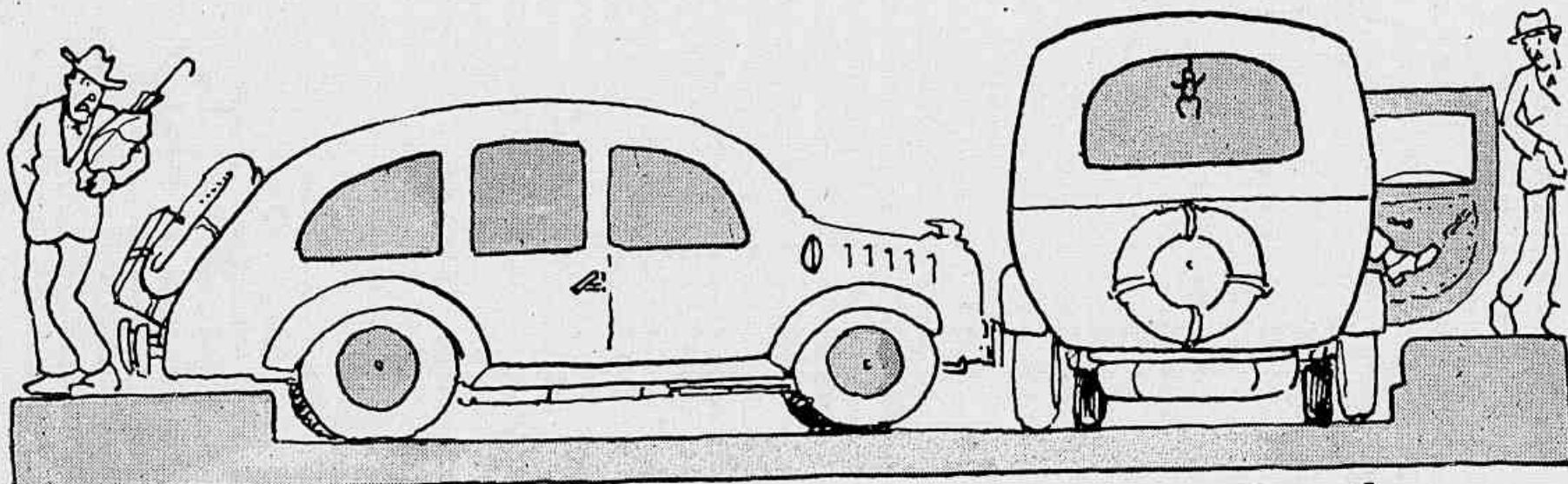
CAPSULAS

MENAGOL

PARA FALTA DE MENSTRUACÃO

APR. PELA CENS. SANIT. N. 55-J-11

TORTURAS DO PEDESTRE



PAUL

A SEMANA QUE PASSOU

(DE SEGUNDA A DOMINGO)

CORRE como certo que a fraqueza da China imperial era devida á ação japonesa, que para isso agia decisivamente introduzindo entre os filhos do Celeste Império o uso e o abuso do ópio. A República, implantada por Sim-Ya-Tsen, modificou radicalmente o povo, e abolido o vício e tomadas medidas eficazes sobre o contrabando do horrível entorpecente os chineses refizeram-se, de tal sorte que hoje apresentam o inequívoco atestado de cinco anos de resistência, com um glorioso acervo de vitórias sobre os japoneses.

A versão, por mais estranha que se nos afigure, parece ter fundamento, porque no momento presente — já é a segunda vez que se afirma — o Japão procura enfraquecer os asiáticos da maneira mais inconfessável. Assim é que se estão introduzindo no Sião, para que se estendam a toda a Ásia Meridional, partidas de morfina e de outros entorpecentes, que poderão ser usados por inalação ou injeções.

Há cousas que não carecem de comentário.

E para que comentários, se a opinião do mundo civilizado não poderá deixar de ser a mesma sobre fatos dessa natureza?

—oOo—

A IDEIA FIXA. — Há um cavalheiro que em São Paulo, tempos atrás, ingeriu um tóxico para acabar com a vida. Mas não acabou. Continuou a viver e, após uma temporada, pretendeu novamente pôr fim aos seus dias, tomando outro veneno. Ainda não foi dessa vez...

Mas, como se diz que quem porfia mata caça, o homem, possivelmente desesperado por sua natureza, não desesprou de pôr o ponto final na vida. E agora, no retiro bucólico do parque da Praça da República, aqui no Rio, apelou para as armas de fogo. Ficou em estado grave mas, ao que parece, não morrerá ainda desta vez.

O reincidente é calista. Está certo! Deve estar cada vez mais calejado em matéria de tentativa de suicídio...

—oOo—

OUTRO! — O outro é de São Paulo. O motivo, bastante diferente do que levou o primeiro às reiteradas tentativas, é original: estava farto de viver!

Pensarão todos que o tresloucado bebedor de corrosivos arrastava nas costas o peso de um século de vida... Qual nada! O homem tem só cinquenta e dois anos e, como contava viver apenas quarenta e cinco, achou que já estava sobrando, vivendo de québra...

A notícia acrescenta um pormenor de alto sabor: o suicida diz que essa coisa de se pensar em que a vida começa aos quarenta é para os trouxas...

Mas, em resumo, a tentativa falhou e o cavalheiro de cinquenta e dois anos ainda vive, embora esteja — mesmo sem ter jamais ouvido falar no calista — calejado de viver...

—oOo—

FIA-TE... — A insanidade que varre o mundo é tal, que nem mesmo os lugares Santos se consideram seguros. A história do sujeito que pôs as barbas de mólho por ter visto arderem as do vizinho é um fato!

Jerusalém prepara-se para o que dê e viêr, construindo abrigos anti-aéreos por toda parte, junto dos santuários, por entre as memoráveis relíquias que falam dos primeiros dias do Cristianismo.

A cidade é um imenso relicário, onde não raro cristãos e muçulmanos se ombreiam no decurso das peregrinações.

Que importa que esse recanto da Ásia ocidental seja a Terra Santa? A inconsciência humana não tem limites e nada lhe infunde respeito.

A própria gente da Terra Santa já se certificou de que não há barreiras que conttenham os ímpetos dos bárbaros, e, mesmo nos Lugares Sagrados, sente a verdade amarga do ditado: "Fia-te na Virgem e não corras".

—oOo—

O OLHO DO ATROPELADO. — Um auto-caminhão colheu um pobre trapeiro, atirando-o longe, desacordado.

No momento do choque, saltou um dos olhos da vítima, indo parar mais longe ainda... Acudiram vários populares, e um deles viu, surpreso, o olho que espia do chão. E era do pobre trapeiro, porque lá estava ele com uma das órbitas vasia!

O caso teve para todos uma feição imensamente dolorosa, já que a vítima, além de bastante contundida, ainda chegara á infelicidade maior de perder um dos olhos.

Mas o olho parecia olho mesmo só á primeira vista...

Não deixava de ser, é verdade, mas é que... era de vidro.

E talvez fosse o único índice de vaidade que o pobre trapeiro levava consigo.

—oOo—

OS SINOS DA ALEMANHA. — "Muitos sinos são históricos e datam do século XIV, de modo que a sua perda é observada com indistigável tristeza pela população."

Este é um trecho de uma reportagem de Berlim para um jornal da Suécia, em que se anuncia estarem sendo retirados os sinos das igrejas da Alemanha para com o seu bronze serem feitos canhões e armas outras de destruição.

Nem os sinos, que servem ao culto religioso, nem as estátuas, que servem ao culto cívico, escapam! A voragem traga tudo, numa sede inestancável.

Com o bronze dos sinos fazem-se canhões! Como ressaltam do fundo das bibliotecas as páginas soberbas dos "Noventa-e-três", de Victor Hugo, em que o marquês de Lantenac profetizava que o sino que anunciara o batismo do homem que queria sacrificá-lo, e que estava diante de si, talvez áquela hora lhe estivesse mandando a mãe!

Na Alemanha, os sinos não mais dobrarão "todos juntos, a defuntos", como na poesia de Antônio Nobre! Passarão a vomitar, transformados em canhões, a sa-raivada dos obuzes, numa antevisão horripilante do fim do mundo!

O NUMERO DO TELEFONE. — Em Belo Horizonte foi assaltado um café. Cousa comum na vida das cidades. O assalto foi feliz... para o ladrão, o qual fez uma colheita em regra e em paz absoluta.

Mas, como levar tudo o que apanhara?

Só mesmo de carro. E tocou o telefone, pedindo um automóvel.

Entretanto, a sorte que até então estava tendo transformou-se em azar, porque em vez de ligar para

um determinado número, ligou para outro muito parecido: o do Socorro Policial!

O Socorro compareceu e o larápio foi seguro.

O fim, que corôa a obra, foi-lhe adverso, e ele sentiu a verdade da frase jocosa que diz que vergonha é roubar e não poder carregar...

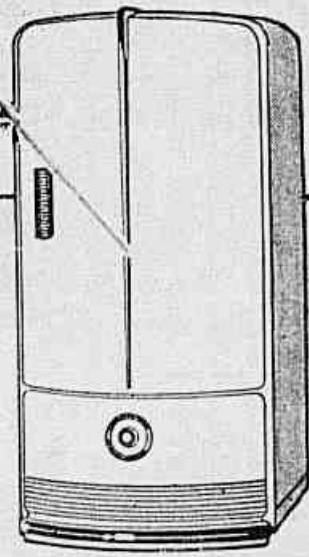
Nem sempre os golpes são café pequeno... mesmo que se trate de um café...

RIGADIN



**PENSE NELE
MAIS UMA VEZ...**

Se a senhora atravessa agora este momento culminante da vida, quantas vezes já terá pensado "nele", nesse ser adorável que afagará em breve? Centenas, milhares de vezes, talvez. Pensou ao escolher seu berço... ao tecer seus mimosos agasalhos... ao cuidar de tudo que lhe possa dar mais *conforto* e mais *segurança*. Se assim é, pois, pense nele *mais uma vez*: pense na segurança e no conforto que *ele* terá, dotando seu lar de um Refrigerador Frigidaire — a garantia de alimentos perfeitos, a qualquer hora, a qualquer instante.



FRIGIDAIRE
UM PRODUTO da GENERAL MOTORS

LIVROS

NOVOS

DIAS DE MAIO, romance de Adriano de Abreu, — Rio de Janeiro 1941.

Este romance parte burguez e um tanto secamente de certa venda de terrenos para edificação. Devia ser uma operação excelentemente lucrativa, ao mesmo tempo que visava a criação dum bairro, a que já fôra dada a denominação: Bairro Elegante... Mas o negócio arrasta-se, ameaça falhar. O lugar não tem ainda água, nem gaz, nem esgotos, e os poderes publicos mostram a tal respeito uma indiferença desanimadora. É a história de inúmeras empresas do gênero. Oferecem-se ao comprador as maiores, as mais belas vantagens. Fala-se da situação urbana ou campestre dos terrenos como dum paraíso; e as vozes do reclamo asseguram que nada ali falta para o bem-estar, o venturoso regalo dos futuros moradores. Nada, realmente, ou quasi nada falta... Apenas, a possibilidade de lá morar.



Mas o romance não tarda a sair destes limites vulgares. Amplia-se, ramifica-se, multiplica-se em episódios e figuras que o autor vai delineando e apresentando com um engenho espontâneo, sem artificios e sempre cativante. Passamos para os domínios da alta política. Assistimos a sessões do Senado e aos conciliábulos, não menos interessantes nem menos importantes, dos corredores desse edifício supremo. Andamos pelas festas mundanas. Acompanhamos, do prólogo ao epílogo, vários amores. O livro retrata, com efeito, não apenas alguns personagens — políticos e parlamentares, um romancista de alto prestígio e a autora dum livro em que os cisnes assumem tons de plumagem inéditos: cisnes roxos, vermelhos, amarelos; um *brasseur d'affaires*; outros heróis ou fantoches — mas toda uma geração e, por assim dizer, uma época inteira. A ação está um tanto afastada da atualidade. E isso não no-lo dizem tanto as datas ou a natureza dos fatos quanto a linguagem dos diálogos, esmerada sem rebuscamentos, duma cortezia singela e primorosa — e como já, no convívio geral, bem pouco se usa.

Tudo está observado a capricho. E o romance, sem audácias nem singularidades inventivas, interessa e deveras prende até ao fim.

♦ ♦ ♦
OS GRILOS NÃO CANTAM MAIS, contos de Fernando Tavares Sabino — Rio de Janeiro, 1941.

O primeiro destes contos é altamente impressionador. Lembrou-nos — sem com isto querermos insinuar que o autor a houvesse lido — a peça em um ato de Léon Frapié "Sévérité". O herói é um rapazinho a quem o pai irrefletida ou estupidamente persegue com censuras e ameaças. O rapaz possui-se da idéia duma infelicidade imensa. Sente que não poderá conjurar o destino que as invectivas paternas lhe anunciam. E um dia, para precipitar o desfecho que tanto mais cruel lhe parece quanto mais demora a vitimá-lo, vai se atirar debaixo dum trem de ferro.



Na história que abre o presente volume, o herói, pobre herói, Joãozinho, ouve da mãe estas palavras cujo efeito, cujo alcance ela não podia imaginar:

— Que menino cacete! Tome modos! Por que não some duma vez?

Destas coisas que, por qualquer motivo, se dizem às crianças e as quais não precisam de ser gramaticalmente certas para acertar, como golpes brutais, em semelhante sensibilidade... Joãozinho atravessava de certo nesse dia uma crise dos nervos ou do coração. A frase penetrou-o, passou a repetir-se lá dentro, inexoravelmente. «Por que não some duma vez?» E uma força confusa, misteriosa o conduziu à lagoa. Não pensava propriamente em se suicidar. Tencionava apenas chegar mais tarde a casa, assustando assim a família e mostrando-lhe que faria falta se realmente desaparecesse. Entrou na água, nadou, afastou-se. Os membros foram se enlanguescendo. Veio a calmaria. Não o diz claramente o desfecho da história — mas devia ser tarde.

Essas páginas, repetimos, causam forte impressão. Outros contos se inspiram em motivos melancólicos, mas sem a veemência da tragédia, tal a *Morte de D. Nanhá*, episódio doméstico excelentemente observado; *Os grilos não cantam mais*, capítulo intenso de saudade; *Peludo envelheceu*; epílogo dum cão que ficou doente e foi escoraçado; e outros ainda, como *Padre Venancio falou* e *Festinha em família*, desenvolvem assuntos ligeiros e proporcionam momentos ditosamente divertidos.

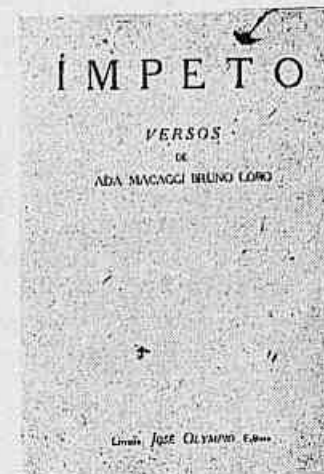
O sr. Fernando Tavares Sabino não nos dá na página competente os títulos dos seus livros já publicados. Talvez os não tenha. Talvez *Os grilos* constituam uma estreia. Neste caso — e apesar de certos plebeísmos e outros modernismos do estilo — poucos terão começado mais brilhantemente.

IMPETO, versos de Ada Macaggi Bruno Lobo — Rio de Janeiro, 1941.

A sra. Ada Macaggi considera-se uma poetisa, uma artista predestinada e ninguém certamente se lembraria de lhe destruir ou sequer atenuar essa noção de si própria:

Isto, que faz de mim a artista deslumbrada,
extasiada de dor e bêbeda de sonho,
boêmia de ilusão, cantadeira do amor,
falena da alegria, escrava da beleza,
isto é o meu grito mágico de raça,
da minha raça esplêndida de artistas!

Esta força imortal que me impele a cantar
o sonho, e a dor, e o amor, e a beleza, e a alegria
— impulso audaz e imperioso —
é o ímpeto sagrado do meu sangue,
embriaguez, vertigem de infinito,
minha gloriosa predestinação!



Daí, vem naturalmente, a altiva independência, o orgulho intrépido dos seus trabalhos. E, quando dizemos «trabalhos», talvez não correspondamos à emoção criadora da poetisa. A sra. Macaggi não deve ligar à sua poesia a idéia de meditação ou de labor. Tudo lhe ha de sair do cérebro, do sangue ou dos nervos, impetuosamente. Se ela quizesse refletir sobre a obra, cuidar-lhe do esmero plástico ou musical, provavelmente não poderia. Os seus versos, para lhes chamarmos também assim, obedecem a alvoroços, tumultos, irreprimíveis expansões da intimidade. Despenham-se como dum vulcão dos sentidos, sem ordem nem medida, mas sempre com uma feição de beleza e uma espécie de originalidade. Por isso a sra. Macaggi nos declara sem nenhuma procura de expressões suaves, nenhuma preocupação de eufemismo, as ansiedades, os jubilos, as melancolias passageiras e a grande satisfação de viver e ser assim mesma, todas as vibrações, todos os frêmitos, todas as paixões duma vida que tanta gente ha de invejar. Veja-se a página intitulada *Extase*:

Extase emocional de ser mulher!
Oh! Extase de ver a grandeza total
do Universo,
de escutar o concerto esplêndido dos Astros;
de sentir o perfume intenso da Beleza;
de provar o agridoce e exquisito
sabor do Destino;
de anelar, comovida, as formas do Infinito...
Ah! Extase triunfal dos meus cinco sentidos!

Maravilhoso extase dos vícios!
De beber emoções até a embriaguez;
de jogar, dispolente, a própria Vida;
no voraz pano-verde da Vida;
e de fumar ventura e dor e glória e fantasia...

Extase delicioso dos crimes!
Extase de matar o próprio coração
à força de querer dominar o seu ritmo;
de roubar sensações à Sensação...
de caluniar a própria sede de harmonia...
...é extase divinal de ser artista!

Extase profundo
de ter vícios,
de ser criminosa,
só por ti, minha grande e imortal
ambição de Beleza!

♦ ♦ ♦
COMO DEFENDER A SAU'DE, esclarecimentos e conselhos de Aristides Ricardo — Rio de Janeiro, 1941

É uma espécie de catecismo para aprendermos, tanto quanto possível através dum livro, como preservar-nos a vida e garantir-nos o bem-estar. As lições contidas neste volume pri-

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Funciona até às 7 horas da noite

**DEPOSITOS,
DESCONTOS
CAUÇÕES**

ALFANDEGA, 50

PRATOS QUE agradam A TODOS

Sopas, pudins e demais pratos ficam mais nutritivos e saborosos si preparados com **MAIZENA DURYEA**. Peça, **gratis**, um exemplar do "Meu Livro de Receitas" e prepare pratos deliciosos.

À **MAIZENA BRASIL S. A.** 32
CAIXA POSTAL, F. S. PAULO 85

Peço enviar-me, **gratis**, o "Meu Livro de Receitas"

Nome
Rua
Cidade Estado

MAIZENA DURYEA

mam pela clareza, o prestígio insinuante, a maneira segura e como que fácil de provar para convencer.

Aristides Ricardo COMO DEFENDER A SAUDE



O sr. Aristides Ricardo cuidou rigorosamente de evitar as expressões pedantes, os termos de repuxada sapiência que obrigam o profano a recorrer a outras obras, inclusivamente o dicionário, para lhes verificar a significação — quando o não fatigam ou enfadim logo as primeiras páginas, definitivamente. Este autor nos fala como um mestre que sobretudo desejasse tornar-se nosso camarada. Conversa conosco familiarmente das hostilidades e perigos que nos podem reservar a terra, a água, o ar, a luz. Não tem absolutamente — como tantas autoridades parecem nutrir com supremo empenho — o propósito de nos amedrontar. Ao contrário, deseja tranquilizar-nos preparando-nos quer contra as moléstias isoladas quer contra as epidemias. Ensina-nos singelamente a comer, a vestir-nos, a dormir, previne-nos contra as pragas domésticas e as doenças infecciosas; define e explica as enfermidades mais frequentes e indica os primeiros recursos de que nós mesmos podemos lançar mão. E, assim nos esclarecendo e orientando, exerce um poder de simpatia que atrairá sem duvida os mais cépticos ou mais rebeldes a tais doutrinações. Não chegamos a ter vontade de discutir com ele. Da primeira á ultima destas trezentas páginas lhe damos inteiramente razão.

♦ ♦ ♦

O CAMELO PRETO, romance de Earl Derr Biggers, tradução de Alfredo Ferreira — Rio de Janeiro, 1941.



Trata-se do famoso detective meio chinês meio americano, cuja figura e cujos feitos o cinema tem espalhado pelo mundo inteiro. Com o faro profissional que lhe permite distinguir as coisas onde menos nos possa parecer que estejam, e o repertório de sentenças mais ou menos confucianas, aplicável a todos os delitos e todos os mistérios, Charlie Chan veio trazer curiosa variante ao tipo que Edgar Poe não se desdenhou de ilustrar com o seu Dupin e que modernamente assumiu as modalidades Sherlock Holmes, Reulebille, Nick Carter, etc. Charlie Chan caracteriza-se por uma serenidade e uma bonomia que lhe permitem arrostar os maiores perigos e resistir a todas as injustiças, todas as hostilidades. Nada o desvia do seu dever nem lhe perturba as faculdades excepcionais. Discreto, modesto, falando o menos possível, não visando nunca o êxito espetaculoso das diligências, remata os seus triunfos com a maior simplicidade. E assim acontece neste romance, onde o desenvolvimento dos trabalhos para se apurarem as causas e circunstâncias dum crime leva o leitor a várias suposições que o desfecho deveras surpreendente ha de desmentir.

J. L.

♦ ♦ ♦

POEMA — Martins de Oliveira (da Academia Mineira de Letras) — Oficinas Gráficas da Papelaria Imperio — Rio Branco — Minas.

Mercê da obra do visconde de Taunay, a Retirada da Laguna, como feito de guerra, vive em luz na historia patria. O livro é o grande monumento do feito e de suas principais figuras. Não há bronze que valha a emoção despertada nas páginas singelas de um livro parecendo possível de ser escrito por qualquer quando um só o poderia fazer. Inspirando-se em A Retirada da Laguna, e com esse título, Martins de Oliveira traça em verso todo o caminho percorrido pela força brasileira mandada a invadir o Paraguai em justa resposta ao talar de Mato Grosso por ordem de Solano Lopez.

No poema de Martins de Oliveira, em edição nitida, encontra-se o agrado de ilustração devidas ao artista mineiro Monsã.

Martins de Oliveira buscou afastar-se o menos possível da realidade historica dos sucessos que contou. A narrativa épica não condiz com a inverdade, a pretexto de fantasia. Comparado o texto em prosa de Taunay e o texto poetico de Martins de Oliveira se verifica o cuidado do poeta em se não afastar do prosador, a ponto de respeitar a fidelidade historica na reprodução de palavras do guia Lopes e do coronel Camisão, o chefe da expedição, quando ambos nas torturas da colera-morbus mais de morte que de vida.

A Retirada da Laguna, poema, é uma obra sã, patriótica, digna de estar nas mãos da juventude em face da qual deve haver sempre em espelho o que de melhor a patria possa oferecer como imagens. Martins de Oliveira o compreendeu.

E. D.

NUMEROS
ATRAZADOS
DESTA RE-
VISTA EM S.
PAULO

Encontram-se na sucursal
LARGO DO PAISSANDU' 124

TELEFONE 3.3885

INFORMAÇÕES SOBRE O NOVO ANO

O calendário está antiquado. Efemérides cariocas. Festas religiosas fixas. Festas religiosas moveis. Concordância das principais éras. Começo das estações. Feriados nacionais. Calendário completo. Os signos dos meses.

FIGURAS DA HISTÓRIA E DA HUMANIDADE

Jean Rameau — Ticiano — Margot, rainha de França e do amor — Camilo Desmoulins — Sarah Bernhardt — Lorrain — Miguel Angelo — Charles Lebrun — Cimabue — Giotto — Rembrandt — Velasquez — Wan Dyck — Leonard Da Vinci — Frei Angelico — Rafael Sanzio — Durer — Rubens.

CONTOS ILUSTRADOS

No arrozal — Ressurreição — Remédio de amor — O louco — A estátua — Mau olhado — O milagre da porcelana — A obsessão do banqueiro — O caçador e o advogado — O Cônego do estilo.

CURIOSIDADES DIVERSAS

À prova de fogo — A árvore de Turene — Desvendando o futuro — Brady, precursor dos reporteres fotograficos — Causas e sentenças contra animais — Os últimos samaritanos — O maior convento do mundo — A paternidade das frases célebres — Provérbios de todos os povos — O canal de Suez — O vinho que vira água — Um peixe que pesca — Estômagos incríveis — Chamam Paleosiberiano — Quem foi Barba Azul? — A árvore tunel — A aranha que pesca — De quando datam os cachimbos — Gargantua — Um inseto que hipnotiza — Os juramentos de felicidade — Calendário de 1942.

ÚLTIMAS PALAVRAS

De filósofos e sábios; de mulheres célebres; de chefes de Estado; de guerreiros; de homens políticos e de letras.

ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1942,
à venda.

Redação: Visconde Maranguape, 15 — Rio
Preço: 5\$000 no Rio, e 6\$000 nos Estados

Narciso Azul

de GALLY

Eternisa os momentos
sublimes com as mais dôces recordações.

Uma situação agradável jamais será esquecida
com **NARCISO AZUL**: um perfume imortal!

EXTRACTO
PEQUENO Nº 1504
GRANDE Nº 1517

LOÇÃO
Nº 1575
Nº 1576

COLONIA
1 Lit. Nº 1531 1/4 Lit. Nº 1533
1/2 Lit. Nº 1532 1/8 Lit. Nº 1534

BRILHANTINA
Nº 1512

Nº 1513

A VENDA EM TODO O BRASIL

BRASIL de 1842

EM 1842 vigorava no Brasil o Segundo Reinado perfeitamente nacional. Iniciara-se em 1840 dando fim à Regência nascida da Abdicação, morta pela Maioridade. Só em 1871 conheceria de novo o Brasil um período regencial sem menoridade de alguma, regime repetido em 1876 e 1887, e confiado à herdeira presumptiva da coroa a princesa D. Isabel. Durante a menoridade de D. Pedro II tinha havido quem aventasse idéia de regência exercida pela princesa D. Januária.

Em 1840, D. Pedro II começou a ser imperador, mal adolescência. Nessa quadra de vida o moço costumava, fique o verbo neste tempo, estar sob pleno imperio do patrio poder, como filho família, expressão esta ora em desuso.

Em 1842 o jovem imperador para a prática da arte de governar entrava na aula de si mesmo. Totalmente orfão cedo, de mãe com um ano de idade, sem conselheiros naturais pois, D. Pedro II tinha de recorrer a estranhos para auxiliares de missão. Tais os homens públicos preparados para a política pelos sucessos do Primeiro Reinado e da Regência ao calor da Independência. De todos o mais exposto aos olhos da Nação era o soberano juvenil.

Ensaio republicano eletivo à sombra de coroa, a Regência fôra um foco de lutas civis. Ao surgir majestaticamente na cena política, D. Pedro II devia ter experimentado a sensação do ator novo ante o seu primeiro publico: deslumbramento, hesitação, angústia de sair-se mal.

Conferia-lhe a Constituição o exercício exclusivo do Poder Moderador, dando-lhe a presidência do Executivo. Em 1842 era este representado pelo segundo ministerio do reinado, sucessor conservador do efêmero gabinete liberal da Maioridade.

O ministerio de 23 de Março de 1841, cuja formação dependera do marquês de Paranaguá, a presidência do conselho de ministros só creada em 1847, compunha-se dos seguintes membros detentores de seis pastas: senador marquês de Paranaguá, Villela Barbosa (Marinha), senador Araujo Viana (Imperio), Paulino Soares de Souza, deputado (Justiça), Aureliano Coutinho, deputado (Estrangeiros), Calmon, senador (Fazenda), José Clemente Pereira, deputado (Guerra).

Decano do ministerio, Paranaguá contava 73 anos de idade, tempo de vida suficiente para inteirar-se de semelhantes ou pretensos tais. José Clemente orçava por 55 anos, Araujo Viana por 49, Calmon por 46, Aureliano por 42, Paulino, o futuro visconde do Uruguay, era o benjamim do gabinete, tinha 35 anos.

Com esse grupo, todo já de marca na historia patria, o imperador mancebo governava executivamente, em colaboração legislativa com os Augustos e Dignissimos Representantes da Nação no Senado e na Camara dos Deputados, aquela casa de vitalícios, esta de temporários.

Presidia o Senado o antigo regente Costa Carvalho, na corporação ainda alguma gente nomeada por Pedro I e muita pelas sucessivas regências. A exceção de Bráulio Muniz, falecido na Regência Permanente, os demais ex-regentes já estavam no Senado, à capa de ondas políticas.

Presidia em 1842 às sessões preparatorias da Camara dos Deputados, em 5.ª legislatura, o conselheiro Martin Francisco. A legislatura morreu no nascedouro, dissolvida antes de encetar trabalhos ordinarios, e a dissolução prévia daria que falar.

No Brasil de 1842, ainda não livre da luta dos Farraços principiada na Regência, os liberaes julgavam uma *Journée des dupes* a sua presença pelo poder após a Maioridade, que tinham por obra sua.

As medidas do ministerio conservador de 1841, a nova criação do Conselho de Estado e a reforma do Código de Processo Criminal foram acender a fogueira de revolta preparada pelos liberaes.

Depois dos protestos levantaram-se armas. Primeiro em S. Paulo, em seguida em Minas. Foi mistério opôr repressão a levantes, confiada aquela a Caxias, afinal vencedor das duas rebeldias como pouco antes debelára a do Maranhão.

Sabe-se do procedimento generoso de Caxias para com Feijó implicado na revolta de S. Paulo, procedimento imitado por outro general do exercito, Andréa, em 1843 presidente de Minas.

Respondendo a processo achavam-se José Pedro Dias de Carvalho na cadeia de Ouro Preto, Camillo Armond na de Barbacena, ambos implicados na revolta mineira e homens de notoriedade política.

Dias de Carvalho, futuro ministro e senador, contou a Pereira da Silva que na prisão tivera noticia do falecimento de sua mãe deixando filhas menores e desamparadas. O preso escreveu a Andréa expondo situação e pedindo para, escoltado, acudir à família.

Andréa ordenou que Dias de Carvalho lhe viesse à presença. De quanto tempo precisa para fazer o que pediu? indagou Andréa.

— Dez dias foi a resposta. Concedo-lhe quinze, declarou Andréa, e acrescentou: pôde ir livre, dando-me a palavra de honra de regressar, do contrario me constituirei preso em seu lugar como cúmplice de fuga. Não se precisa quase dizer, a palavra de honra foi religiosamente cumprida.

Camillo Armond, o vindouro conde de Prados, era medico. Detido na cadeia de Barbacena, Andréa consentio que durante o dia andasse pela cidade, em visita a enfermos de sua clientela e a outros que carecessem de serviços profissionais.

Caxias antes de Andréa obrigou os amotinados de S. Paulo e Minas. Ao depôr de armas, tratou vencidos com humanidade, mostra de coração tão nobre num vencedor.

Como sucederia no termo das lutas civis do Segundo Reinado, uma amnistia emanada do governo imperial pôs em perpetuo silencio os movimentos de S. Paulo e Minas, os seus fautores chegando às mais altas posições no Imperio.

Socegado o Brasil, a não ser na sua extrema raia sul, em 1842 um acontecimento preocupou a atenção dos responsáveis pelos poderes publicos, o casamento do imperador. Por negociações diplomaticas na Europa tratou-se de encontrar princesa que por estirpe correspondesse à do ocupante do unico sólio monarquico da America.

Chamou-se a negociador o official maior da Secretaria dos Estrangeiros, Bento da Silva Lisboa. Para a justa nupcial deveria preferir arquiducal austriaca, D. Pedro II em tantos traços fisicos, moraes e intellectuaes parecido com D. Leopoldina, a sua progenitora tão Habsburgo.

Sem entrar nos bastidores da negociação do casamento imperial, sobre o qual o arquivo do Ministerio das Relações Exteriores poderá melhor informar, lembremos apenas a cena aberta da dupla cerimonia do consorcio de D. Pedro II, uma em Napoles, por procuração, a outra de realidade no Rio de Janeiro. Ambas se realisariam já em 1843, portanto fóra do quadro aqui singelamente apresentado.

A noiva e esposa de D. Pedro II seria D. Teresa Cristina, princesa das duas Sicilias. Aparentava-se sobretudo com duas casas da mais alta jerarquia, a dos Bourbons e a dos Habsburgos. O Brasil de 1842, representado pelo Rio de Janeiro, receberia a nova soberana com entusiasmo, e todo entusiasmo é sempre salpicado de curiosidade em face de pessoas ou cousas novas.

Finanças, medula de qualquer época. Em 1842 o ministro da Fazenda, dirigindo-se ao poder legislativo, dizia-lhe textualmente: «Insisto na conveniencia de alargar-se a fonte da receita publica para poder acompanhar a crescente necessidade das despesas, consequencia necessaria do desenvolvimento do paiz, não sendo possivel esperar que só por efeito da fiscalisação e do aumento da produção se chegue em poucos anos a fazer face às precisões do Estado».

«Não illudamos a Nação, continuava o gestor supremo das finanças publicas, deixemos os paliativos, que aliviam por momento, e afinal exacerbam o mal; o aumento razoavel da receita é uma necessidade publica a que devemos curvar-nos; si traz-nos passageiro sacrificio da nossa popularidade, ha de succeder-lhe o reconhecimento de nossos concidadãos».

Sabe-se a importancia da florescência do commercio quanto a finanças publicas. Em 1842 o intercambio commercial entre o Brasil, a Europa e as Americas apresentava-se em crescente desenvolvimento. O mais antigo e o maior commercio do Imperio do Brasil com potencias estrangeiras era o inglês, irradiando-se a nossa exportação por possessões britannicas quaes o Cabo da Boa Esperança, Corfú, Malta, a Nova Hollanda e a Nova Zelandia.

Não tam faltado ao Brasil quem se ocupe com estatísticas de população, a principiar pelo censo no vice-reinado do conde de Rezende. Tal censo orçou a nossa população em tres milhões de habitantes. Humboldt, Sturtz, Fabregas Surigné, Spix, Martius, José Saturnino da Costa Pereira, o marechal Daniel Pedro Muller, o visconde de S. Leopoldo e outros levantaram mapas da população. Repartida por provincias em 1842 a população do paiz era computada entre quatro e cinco milhões de habitantes, a gente escrava montando pouco mais ou menos a 315 da população total.

Nesta havia em 1842 quem muito se interessasse por leituras, a imprensa a progredir sem cessar. O *Jornal do Commercio* em 1827 recebia 400 assinantes, em 1842 ia caminhando para 4.000. Rival mais aproximado, o *Mer-*

cantil angariava bastantes assinaturas rapidamente elevadas a 2.700, desenvolvendo-se cada vez mais a arte tipografica favorecida por taxa cambial oscilante entre 27 e 24 1/2.

Dois grandes potencias europeias disputavam primazia em o nosso mercado, a Inglaterra e a França. A primeira nação queria renovar tratado de commercio com o Brasil, tratado de 1827. No sentir do governo brasileiro o ajuste expirava em 1842, no do governo britânico em 1844, conforme a opinião de Palmerston e de Peel. A França, por sua vez, se esforçava por obter aliança commercial com o Brasil.

É frequente lêr-se que a Europa, por suas principais nações, considerou outr'ora o Brasil com indiferença senão olvido. Crearam até os inscientes uma expressão depreciativa para nos designar, a de «pays de là-bas». Não labora no erro quem haja frequentado arquivos diplomaticos europeus, nos quaes se encontram numerosas provas da atenção de governos estrangeiros em relação ao Brasil, sempre e sempre.

No momento da formação do Senado do Imperio na imprensa de Paris houve quem expuzesse a publico, em resumo, a qualidade de cada um dos cincoenta membros da assembléa que o tempo e o juizo da historia tornariam augusta. E' só lêr os anais da corporação não sem defeitos, mas dotada de altos meritos.

Outra prova de não sermos em 1842 um «pays de là-bas». Naquele ano o ministerio Guizot recomendou a um seu novo embaixador em Madrid que entregasse credenciais à rainha Isabel II menor e não ao regente Espartero. Sobre o assunto abrio-se larga discussão na Camara dos Deputados francêsa.

Defendendo-se de criticas disse Guizot: «A menoridade, em uma monarquia, não significa morte nem eclipse do monarca, inativo, mas não ausente. Assim não fosse e sobretudo nas menoridades em meio de revoluções a monarquia desapareceria. Quando a questão da menoridade se suscitou no Brasil, justo no seio de monarquia nascente, e nascente entre revoluções, tal foi a principal razão sentida e alegada em toda a Europa. Convem á realeza, mesmo sem autoridade pratica e exercida, que ela receba homenagens já de povos, já de estrangeiros».

O discurso e a referencia de Guizot, no parlamento francês, a 24 de Janeiro de 1842, parecem demonstrar que pelo menos o orador sabia algo do que occorrera no Brasil durante a Regência. Quem duvidar vá a Paris e consulte o *Moniteur*.

Esdragnolle Doria



D. Pedro II na época em que um discurso de Guizot se referia à sua menoridade.

O QUE VAI PELO MUNDO



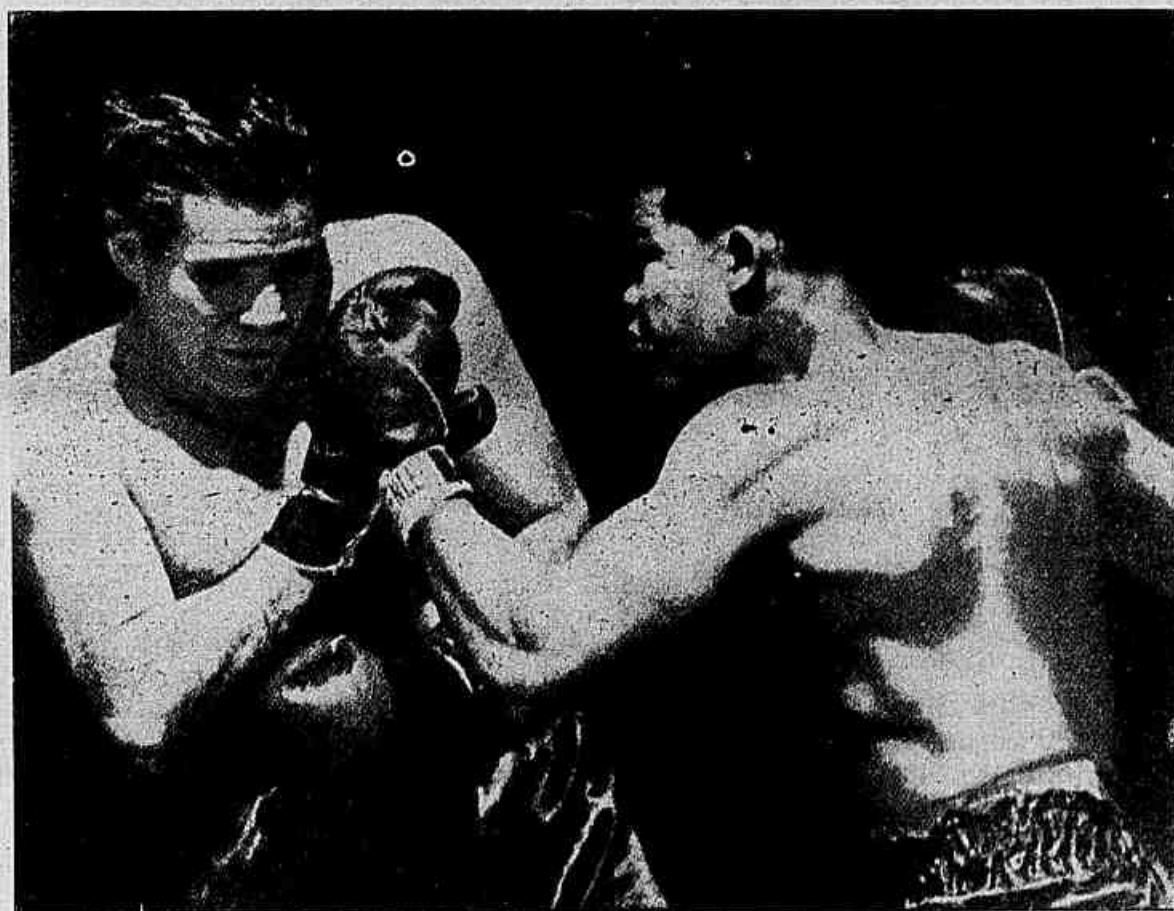
DEPOIS DO COMBATE — Pilotos de aviões de caça ingleses são recebidos no aeródromo pelas mascotes dos seus esquadrões. Estes homens, que nenhuma mística domina, dão ao mundo uma lição incomparável de bravura e abnegação.



REGATAS NA INGLATERRA — Uma vista do esplendido espetáculo que constituíram as regatas de Henley ultimamente realizadas na Inglaterra. A gravura mostra espectadores concentrados junto ao posto final.



REFUGIADOS DE GIBRALTAR — Sua Majestade a Rainha da Inglaterra é vista aqui palestrando com uma pequena refugiada de Gibraltar, a mais jovem de um grupo ora trabalhando para a defesa das Ilhas.



GENEROSIDADE DE BOXER — Pela primeira vez na história do box americano um campeão arrisca o título em uma pugna de caridade. Isto sucedeu com Joe Louis, que vem de vencer o gigante Buddy Baer em 2 minutos e 56 segundos em uma luta que valeu 89 mil dolares de auxilio a uma sociedade beneficente.



SR. E SRA. MICKEY ROONEY — Mickey Rooney, que conta presentemente 21 anos de idade, vem de contrair matrimônio com a encantadora Ava Gardner. A esposa de Rooney é uma figura nova em Hollywood e tem 19 anos.



JACK DEMPSEY NO EXERCITO — Dempsey, o velho campeão que assombrou o mundo com os seus murros fantásticos, vem de se apresentar para servir no Exército americano. Vemo-lo aqui quando era submetido a exame.

PROCISSÃO DE



Ao alto: — O andor de São Sebastião ao sair da Catedral, na procissão de domingo último; ao lado: monsenhor Rosalvo da Costa Rego, vigário geral, levando a Sagrada Custódia sob o pálio; em baixo: um flagrante da procissão.

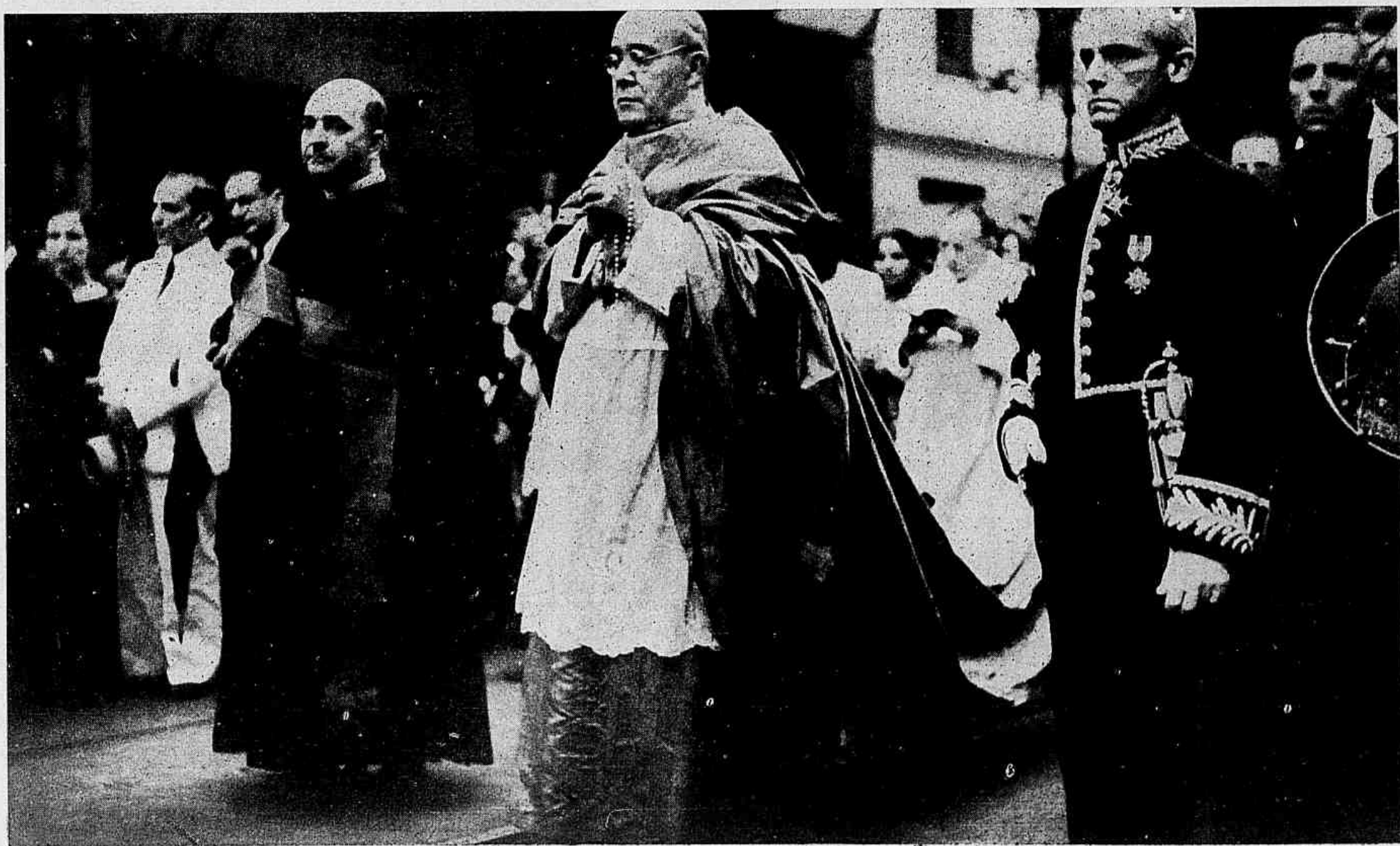


SÃO SEBASTIÃO



Uma das tradições do Rio de Janeiro. Esta é a segunda das procissões de S. Sebastião que anualmente se fazem. A primeira coincide sempre com o dia do Padroeiro da Cidade, e é levada a efeito pelos Capuchinhos, cuja igreja tem por orago a santa-mártir; esta — a segunda — é realizada no domingo imediato, e sai da Catedral Metropolitana.

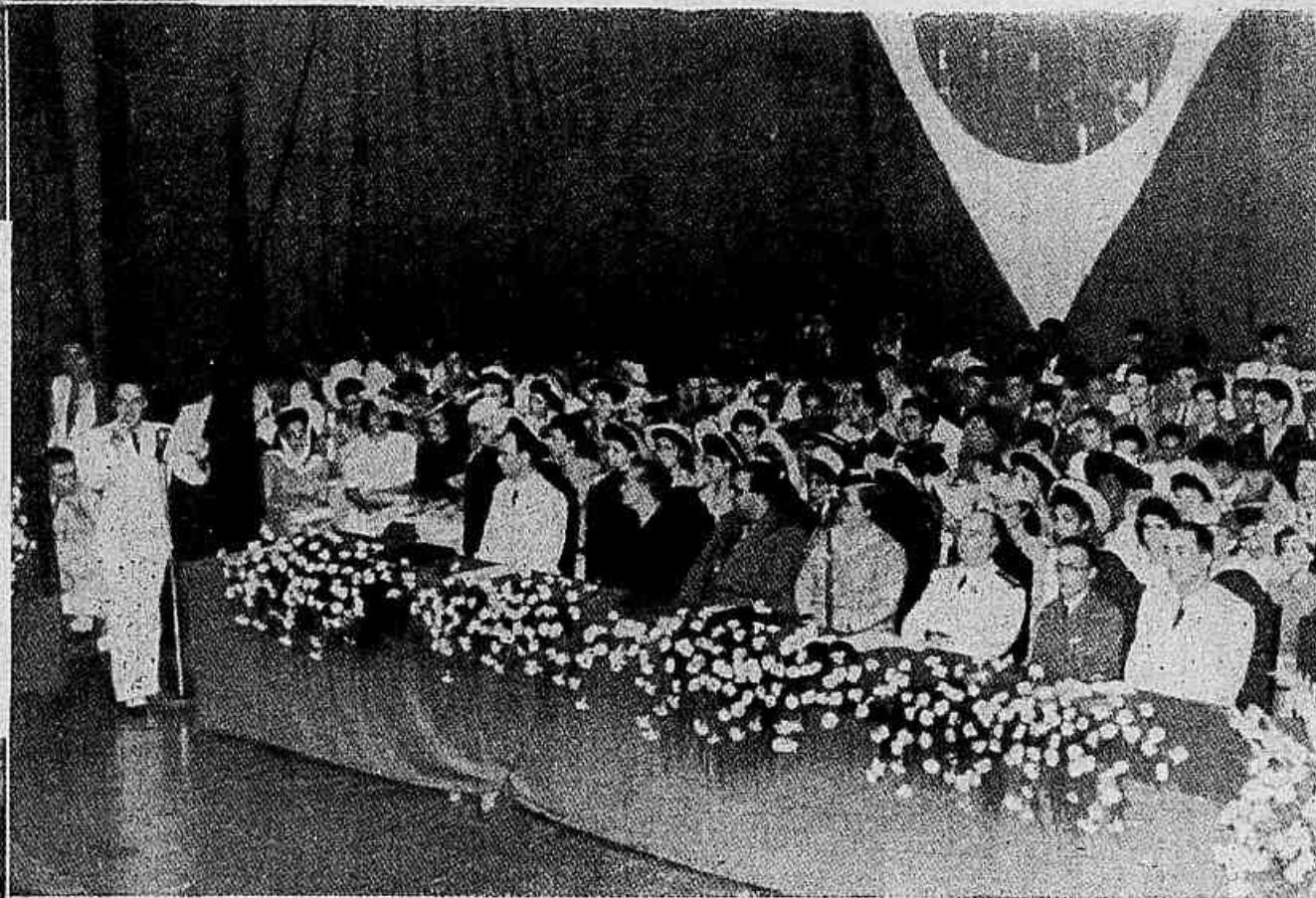
Ao alto: as bandeiras e estandartes das Irmandades e Associações que figuram no préstito religioso, à passagem pela avenida Rio Branco; à direita: S. Em. o Cardeal D. Sebastião Leme na procissão do Padroeiro da Cidade.



MAIS UM LABOR



A turma de contadores com o seu paraninfo, Dr. José S. Fontes, diretor da MABE.



A mesa que presidiu a solenidade de colação de grau dos contadores e ginasianos, vendo-se Dna. Lucia Magalhães, da diretora da Divisão de Ensino Secundário, tendo à sua esquerda o coronel Sebastião Fontes, presidente da MABE.



A turma de ginasianos com o seu paraninfo, Prof. Attilio Gorini Sobrinho.

O conego Benedicto Marinho procedendo á benção dos aneis.



Outro aspecto da benção dos aneis.

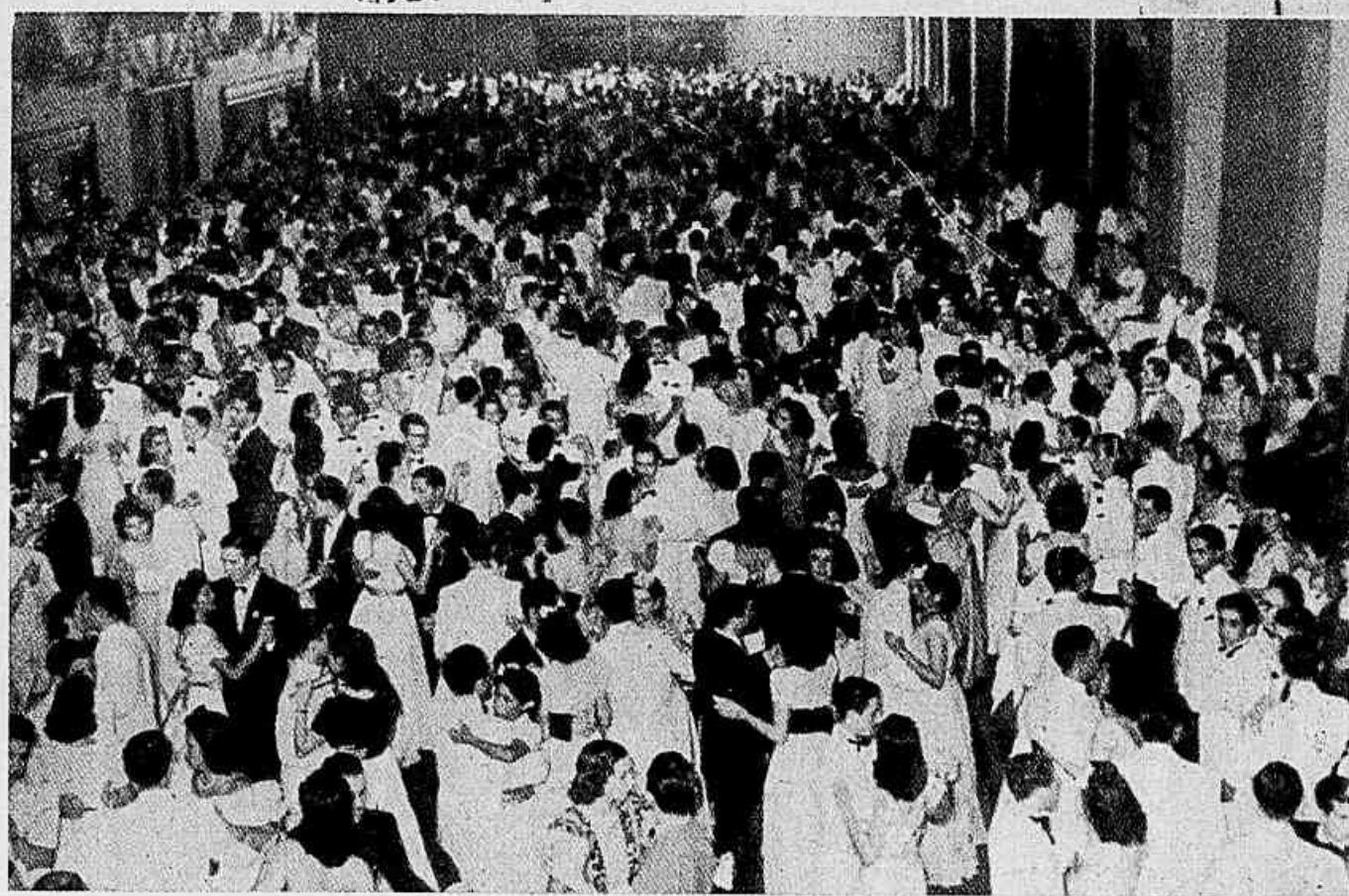
Mais uma numerosa turma de ginasianos e contadores acaba de concluir seus cursos na MABE (Moderna Associação Brasileira de Ensino), antigo Instituto Superior de Preparatórios. Em comemoração foram realizadas várias cerimônias e festas.

No dia 16 pela manhã foi rezada missa solene na igreja da Candelária em ação de graças pela conclusão de curso das turmas de 1941.

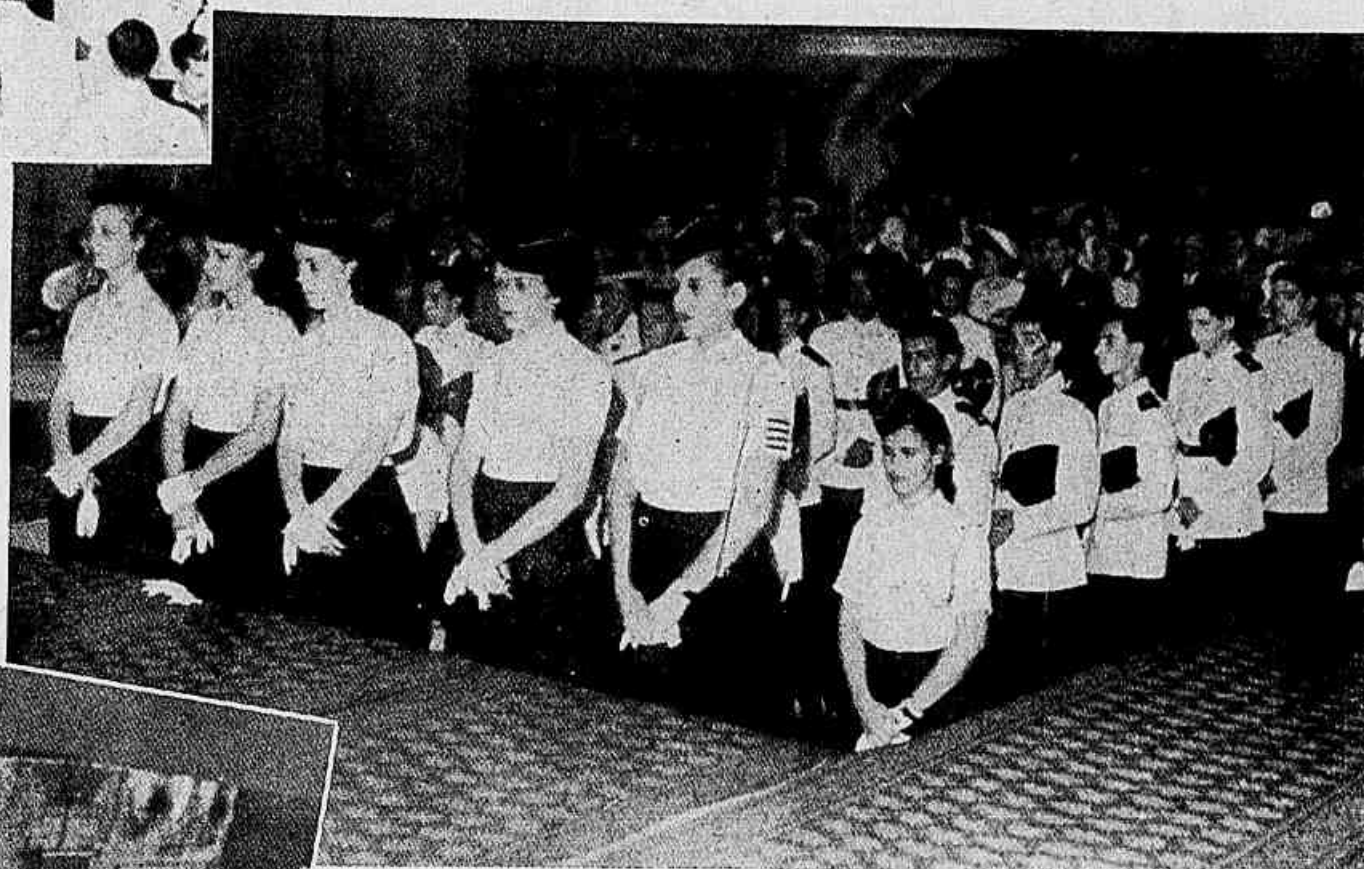
ANO DE INTENSO



Aspecto da igreja da Candelária por ocasião da missa solene mandada rezar pela conclusão do curso dos ginásianos e contadores.



Aspecto do baile de gala dos contadores, realizado no dia 19 do corrente nos salões do Clube Ginástico Português.



Alunos e alunas da MABE prestam guarda de honra durante a missa.



Aspecto do baile de gala dos ginásianos, realizado no dia 17 do corrente nos salões do Clube Ginástico Português.

A assistência que afluiu ao Teatro Ginástico para assistir á solenidade da colação de grau.



À tarde desse mesmo dia no Teatro Ginástico, perante as autoridades do Ensino, efetuou-se a colação de grau dos contadores e a cerimônia de conclusão de curso dos ginásianos.

Nos dias 17 e 19, nos salões do Clube Ginástico Português, os ginásianos e contadores encerraram, respectivamente, as solenidades com bailes de gala.

Procura-se um cantor



TIRE A MÃO DA BOCA! — O candidato n.º 4, "doublé" de tenor e dentista, às voltas com um caso difícil.

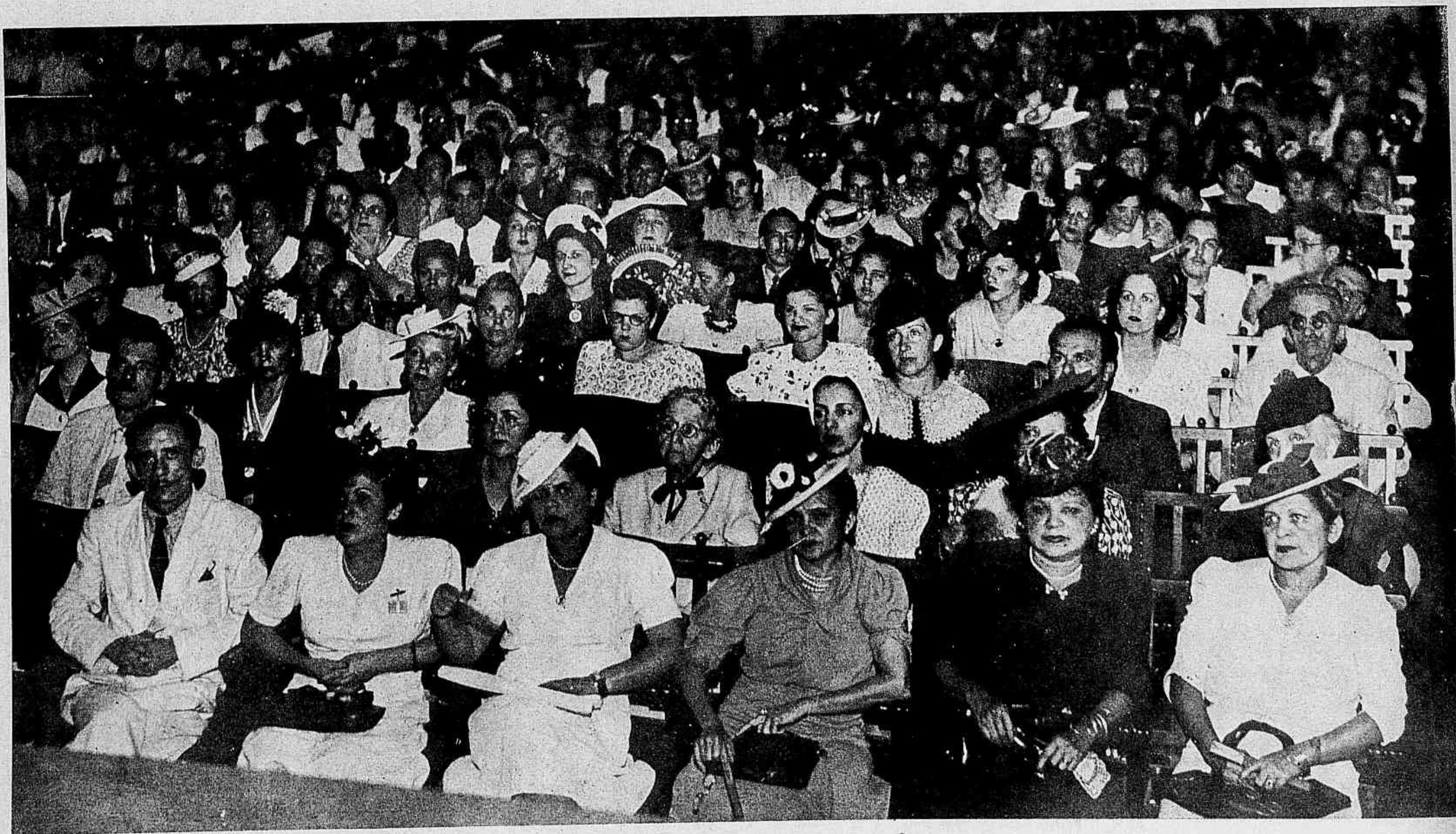
80.000 LEITORES DA REVISTA DA SEMANA vão ficar sabendo que o sr. Augusto Mendes da Silva, desenhista e barítono, está satisfeito com o resultado do concurso.

Os concursos do Centro Lírico — O segundo não causou a bôa impressão do primeiro, diz José Siqueira — A parte cômica — Um tenor dentista e um garçon — Escolas e mais escolas, pede o sr. Débélian — Uma fuga espetacular de uma prisão de Quebec.

De ADHEMAR NOBREGA

A arte lírica atravessa no Brasil um período de crise. Crise de teatros, falta de apoio, ausência de interesse. Entretanto, há cantores, há gente de valor, espalhada por aí. Gente dotada de qualidades apreciáveis, mas empenhada, por força das circunstâncias, nas mais variadas atividades profissionais, exceto a arte. É que esta é ingrata (perdõem-nos o lugar comum porém sempre oportuno) e não faculta, senão a pequena minoria dos que a ela se dedicam, meios de subsistência; não «dá para viver» como dizem os artistas, claramente e sem rodeios.

tuno) e não faculta, senão a pequena minoria dos que a ela se dedicam, meios de subsistência; não «dá para viver» como dizem os artistas, claramente e sem rodeios.



ATENÇÃO CANDIDATOS! — Este é o grande juiz — o público. Respeitai-o, porque êle consagra e reprova quando bem entende. A objectiva apanhou uma verdadeira salada de expressões fisionômicas.



STRUGGLE FOR LIFE — Dura realidade. Giovanni Bendandi, tenor de ótimas qualidades, é garçon no Riviera. Mas é bem possível que os seus freguezes um dia lhe batam palmas no Municipal porque Bendandi é uma das melhores aquisições do Centro Lírico.



TOSCA OU TRAVIATA? — Não. O meio-soprano Doris de Queiroz Lima não tem nas mãos nenhuma partitura. Como bibliotecária, lê para o reporter um trecho sobre catalogação.



A comissão julgadora do 2.º concurso promovido pelo Centro Lírico Brasileiro, vendo-se, da esquerda para a direita, os srs. dr. Gianni Pellas, representante do maestro Silvio Piergili, Oscar Lorenzo Fernandes, eminente compositor, maestro José Siqueira, diretor do C. L. e da O. S. B., professor Carlo Piccinato, "régisseur" do Centro Lírico, maestro Eduardo Guarnieri, professor Murilo Carvalho, professor Hirschmann e maestro José Torres.

Pois quem quer fazer arte séria e não tomá-la como um passatempo ou requisito de «boa educação», tem que viver inteiramente para ela, com sinceridade de propósitos e espírito de renúncia aos superficialismos.

O amadorismo não resolve problemas senão pessoais. E esse egoísmo não interessa absolutamente à coletividade. Se nós precisamos de uma terapêutica rejuvenescedora para a nossa lírica, o problema está em aproveitar os elementos dispersos que têm amor à arte se é que essa virtude tão apregoadada ainda não foi expulsa da face da terra.

Esse foi o objetivo do Centro Lírico Brasileiro através dos dois concursos recentemente levados a efeito na Escola Nacional de Música.

Os resultados foram plenamente satisfatórios, desmoralizando a opinião sedida e derrotista de que o «bel canto» é uma expressão de decadência da arte nacional.

Aliás, não faz muito, uma revista local colheu as opiniões de várias pessoas de compreensão e responsabilidade, em torno do sugestivo tema. Os depoimentos foram quase unânimes em negar a ausência de cantores já experimentados, assim como de promissoras vocações, denunciando, por outro lado, a falta de teatros, desinteresse impatriótico e seletador, desamparo oficial — enfim uma série de elementos concorrendo, simultaneamente, para o mesmo fim, para o fim do teatro lírico, isto é para acabar com ele.

Daí decorre a importância daqueles certames nos quais se entrevê um louvável esforço em servir à arte.

No 1.º concurso, inscreveram-se 39 candidatos, sendo aprovados apenas 8 dentre os 21 que se apresentaram: 4 sopranos, 1 meio-soprano, 2 tenores e um baixo, resultado que corrobora com o de outras observações, segundo as quais há, no Brasil, carência de elementos masculinos na arte lírica.

José Siqueira, diretor do C. L. e animador da realização, esteve nos falando sobre o assunto:

— A opinião generalizada é a que atribui a fatores de ordem econômica o retraimento dos homens em relação ao «bel canto». Uma mocinha, dotada de um bom órgão vocal, pode estudar para aperfeiçoar suas qualidades. Se um fracasso, no futuro, encerrar a sua carreira, lamenta-se a decepção. O mais, tudo está bem. Ela fracassou pelo seu ideal. Não interessam, aqui, considerações sobre o caminho percorrido, as privações sofridas, os espinhos colhidos como recompensa do esforço. Ai, vale pelo menos a coragem de lutar por um ideal.

Com o homem, entretanto, o problema assume um aspecto de maior gravidade. O cidadão que se dedica à arte tem que estar resolvido a toda sorte de contrariedades. Para ele tudo é mais difícil, mais caro, mais amargo. Não conta com os favores de ordem sentimental que, não raro, conferem às mulheres muitas facilidades. Além disso, pela constituição da sociedade em que vive, ele tem responsabilidades econômicas que pesam muito, quando reunidas com a preocupação pelo estudo.

— Com as atividades do Centro Lírico, promovendo o aproveitamento dos cantores e facultando-lhes os meios para aperfeiçoar a sua técnica, sem as vexatórias atribulações...

— Então veremos...

— Dentro de 2 anos, se em igualdade de condições há superioridade numérica de cantoras, ou se isso não passa de uma conclusão apressada e inexata.

O conhecido maestro fez-nos ainda outras declarações em torno das atividades da Orquestra Sinfônica e do Centro Lírico, mas o que nos interessava eram os aspectos sugestivos do concurso.

Por isso, virámos o leme da palestra e José Siqueira ainda frisou: «Pode dizer que o segundo concurso não causou a boa impressão do primeiro, quando fizemos ótima colheita.»

Atribuímos esta restrição ao sucesso do 2.º concurso ao desapontamento do diretor da O. S. B. face ao comportamento do público. Mas o público teve, até certo ponto, suas razões. Quem deixaria de rir vendo aquele impagável sr. V. Caruso (...) — Rodolfo de pantomima, transformando «La donna e mobile» numa autêntica e gozadíssima comédia... Vendo, dissemos e o verbo é este mesmo porque ele nada tinha para se ouvir com prazer, mas em compensação agitava os braços como moinhos de vento (não havia um Dom Quixote na sala) e passeava desvairado como o Rei Lear. Quem deixaria de rir vendo aquela candidata que estava de preto, traindo nos acentos languídos da voz des-

(Continua na página 38)



UM MOMENTO QUE A GENTE NUNCA ESQUECE — O primeiro contacto com o público, da candidata n.º 31, srta... (leitor, ajude-nos a identificar).

A Radio Mayrink Veiga

NO CAMPEONATO SUL-AMERICANO DE FOOT-BALL

Oduvaldo Cozzi continúa brindando o publico radio-ouvinte do Brasil com empolgantes reportagens radiofônicas



A cabine especial da P. R. A. 9 no Estadio Centenario.



Oduvaldo Cozzi, locutor esportivo da P. R. A. 9.



Aspecto do vestiário, vendo-se Oduvaldo Cozzi entre os jogadores brasileiros e membros da delegação nacional.

Desde que a P. R. A. 9 foi a emissora preferida pela Associação Uruguaia para irradiar os jogos em que tomaria parte o selecionado brasileiro, a Mayrink Veiga desenvolveu esforços extraordinários para que os sintonizadores da onda dos 1.220 quilociclos acompanhassem os mínimos detalhes das grandes peijas desse torneio continental.

Oduvaldo Cozzi foi designado para desempenhar essa difícil missão de informar o público, e as suas atuações frente ao microfone mayrinkiano têm reafirmado a sua alta classe de locutor especializado e feito com que os brasileiros estejam inteiramente ao par das peripécias e das emoções que despertam as grandes peijas.

As performances cumpridas por Oduvaldo Cozzi em Montevideo colocaram-no no mais elevado ponto de admiração que se pode dispensar a um profissional de rádio. Ele, por toda uma série de triunfos insofismaveis, foi classificado unanimemente pela critica do país como o mais perfeito locutor esportivo do Brasil. E Cozzi bem merece esses aplausos e essas demonstrações de simpatia, porque o seu trabalho é norteado por um sentido honesto, profícuo e preciso.

ESCOLA NACIONAL DE MUSICA



Grupos de jovens que concluíram curso na Escola Nacional de Música no último ano letivo.



Aspecto da mesa, durante a solenidade de colação de grau das diplomadas de 1941, na Escola Nacional de Música.



Flagrante colhido na festa das diplomadas, da Escola de Música. Vêem-se, da esquerda para a direita, srtas.: Maria da Glória, Yole Soares, Maria Carmem, Mary Soares e Ceres Soares.



Um detalhe colhido no intervalo das danças: srtas. Lílana Maziére Pennella e Aura Vaz Ferreira.

Realizou-se a 23 deste mês, no auditório do Instituto de Música, a cerimônia de colação de grau das jovens que concluíram curso em 1941 na Escola Nacional de Música.

Na noite de sábado passado, teve lugar nos salões do Fluminense F. C. o baile com que as diplomandas se despedem da vida de estudante e dão o adeus aos seus colegas de curso. Esteve à altura das tradições da Escola o baile das concluintes de 1941.



No salão do Fluminense F. C. durante o baile de sábado último.

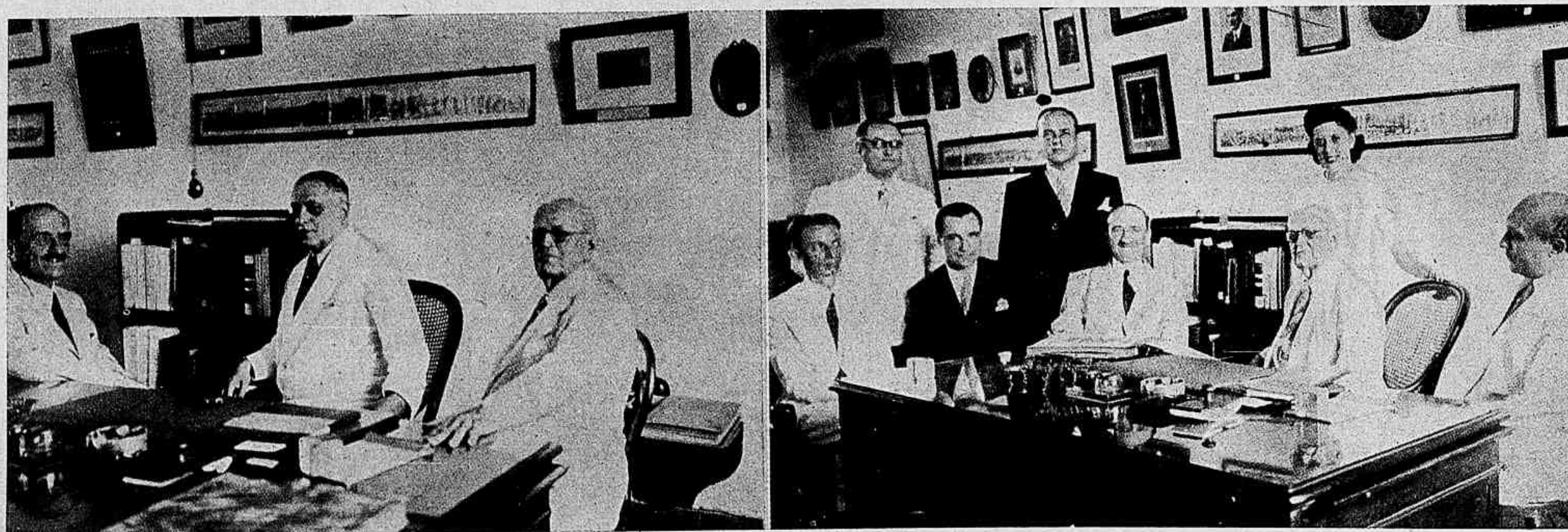
RECEPÇÕES



NA ACADEMIA DE LETRAS — A Academia Brasileira de Letras realizou, em homenagem aos Chanceleres americanos, uma sessão solene que teve a presença das figuras de maior relevo nas letras, ciências e artes do Brasil. Presidiu à sessão o embaixador José Carlos de Macedo Soares. Tomaram assento ao lado de Sua Excia., S. Eminência o Cardeal D. Sebastião Leme, o representante do Presidente da República e os acadêmicos Clementino Fraga e Pedro Calmon. Em nome da Academia Brasileira de Letras falou o sr. João Neves da Fontoura. Dos visitantes ocuparam a tribuna o sr. Sumner Welles, que falou em inglês, ministro Enrique Ruiz Guinazú, em castelhano e, por fim, o sr. Dantas Bellegarde, da República do Haiti, que se expressou em francês.



NO PALACIO DA GUERRA — O ministro da Guerra e senhora Gaspar Dutra ofereceram, no Palácio da Guerra, aos delegados à Reunião do Rio, uma recepção que constituiu verdadeira festa de cordialidade. A fotografia à esquerda mostra o sr. Sumner Welles, delegado dos Estados Unidos, quando era cumprimentado, à entrada do palácio do Ministério da Guerra, pelo general Eurico Gaspar Dutra. À direita: um flagrante apanhado em um dos salões durante a recepção.



NO INSTITUTO HISTÓRICO — Dois aspectos da visita do dr. Leo Rowe, diretor da União Pan Americana, ao Instituto Histórico: à esquerda o dr. Rowe, embaixador, José Carlos de Macedo Soares e dr. Max Fleiuss, estes últimos, respectivamente, presidente e secretário perpétuos do Instituto Histórico; à direita: dr. Rowe em companhia dos drs. Virgílio Corrêa Filho, Lima Silva, Sá Nunes, Feijó Bittencourt, Max Fleiuss, senhora Max Fleiuss, secretária do embaixador Macedo Soares, e Paulo de Medeiros.

No Palacio Guanabara

Constituiu brilhante reunião social a recepção em homenagem aos chanceleres americanos havida no palacio Guanabara na semana ultima. Os convidados foram recebidos pela sra. Darcy Vargas em companhia do casal Amaral Peixoto. Após o baile, que se realizou nos vários salões da residência do Presidente da República, teve execução um programa artístico compreendendo bailados pelas alunas de Maria Olenewa.



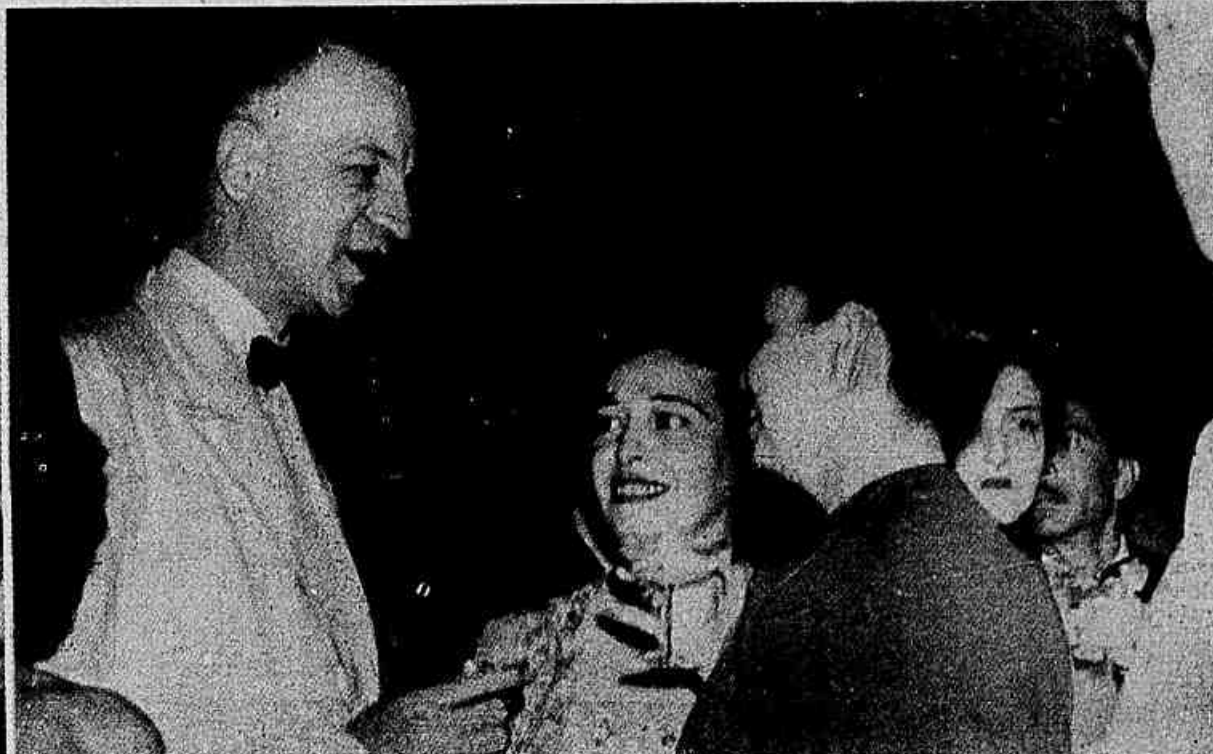
Flagrante co'hido em um dos jardins do Palacio Guanabara. A' esquerda do sr. Simões Lopes, a sra. Adalgisa Nery Fonseca.



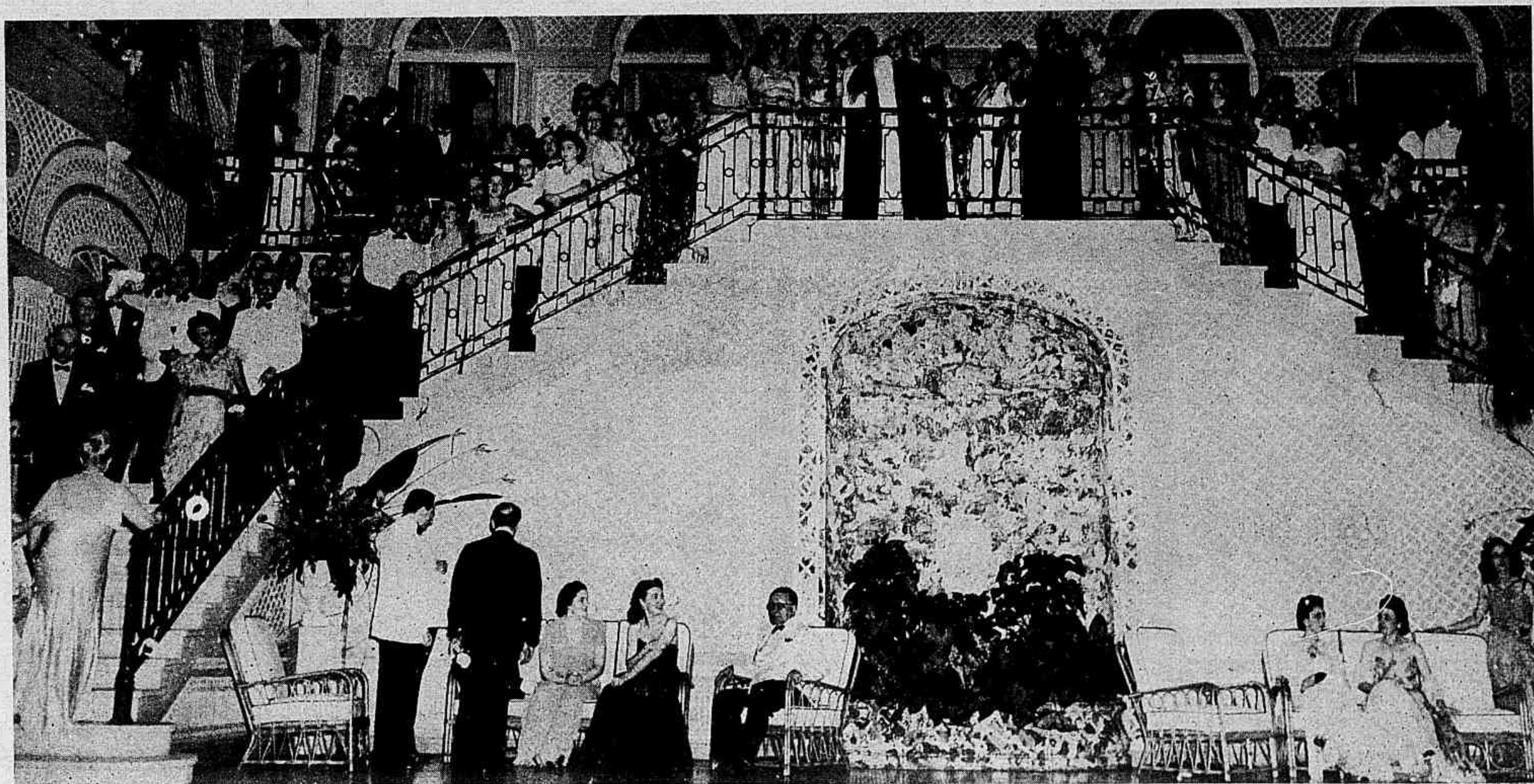
Um dos salões da residência do Presidente da República durante a recepção aos chanceleres americanos.



Chanceleres Guinazú, da Argentina, Rossetti, do Chile, e Aranha do Brasil.



Sumner Welles, sra. Getulio Vargas e sra. Oswaldo Aranha.

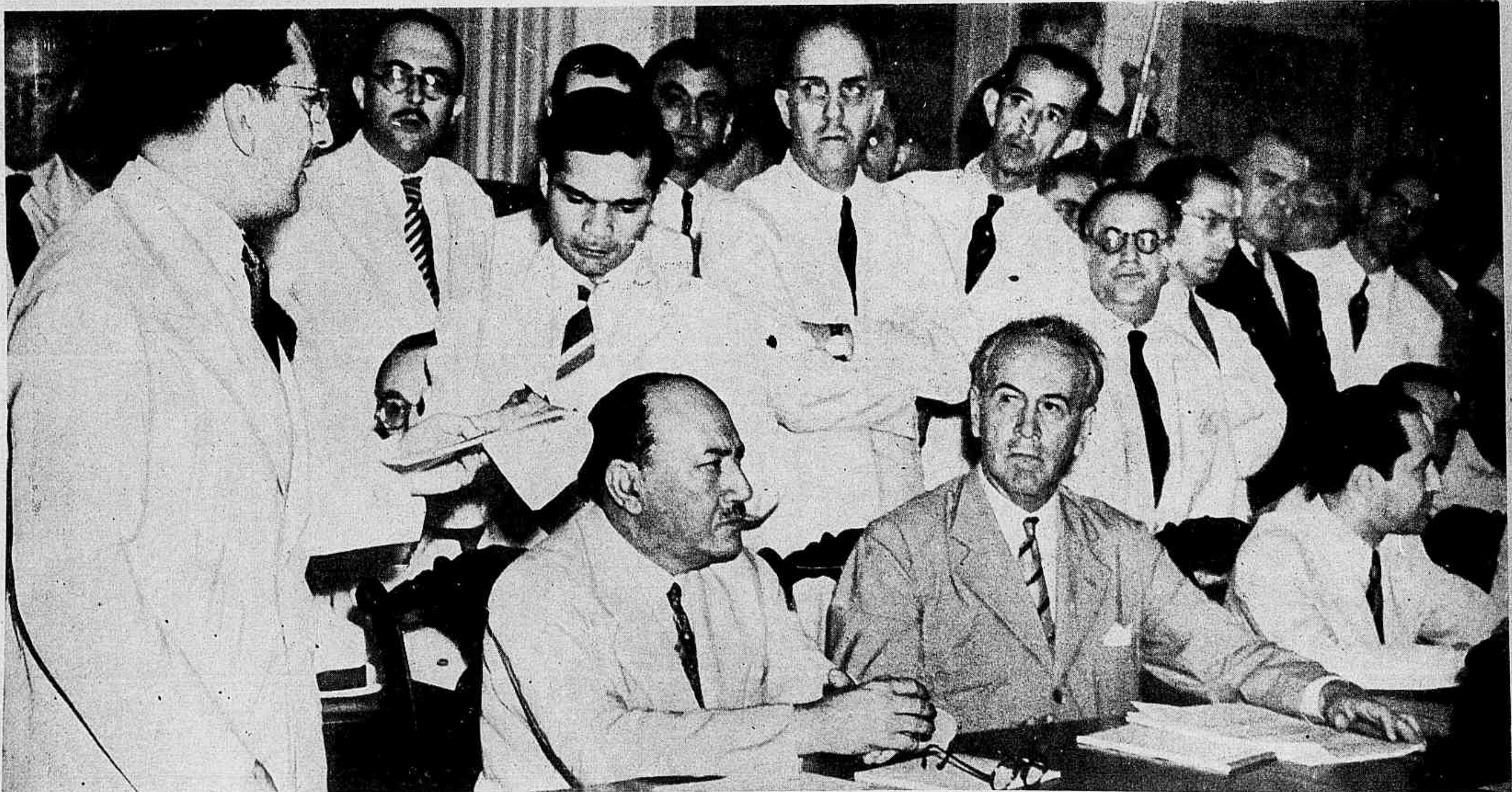


No interior do Palacio Guanabara durante a recepção oferecida pelo sr. Getulio Vargas e senhora em homenagem aos chanceleres delegados á III Reunião de Consulta.

A memorável sessão do dia 23



O PRESIDENTE DA 1.ª COMISSÃO EM PLENA ATIVIDADE — A Comissão encarregada dos problemas relativos à Defesa do Hemisfério estudou, durante dias seguidos, a proposta apresentada por três das Repúblicas Americanas para que todo o Continente rompesse relações diplomáticas com as potências do pacto tripartite. Foi intensa a atividade desenvolvida pelos membros dessa comissão, tendo-se efetuado numerosas reuniões particulares na sala do chanceler Aranha, seu presidente. O ministro das Relações Exteriores do Brasil aparece aqui presidindo à sessão em que foi aprovada a fórmula que recomenda o rompimento de relações diplomáticas com Alemanha, Itália e Japão, este por ter atacado uma nação americana, aquelas por lhe terem declarado guerra.



O ÚLTIMO ORADOR: CHANCELER ARANHA — Durante a sessão plenária em que foi aprovada a fórmula conciliatória para rompimento de relações diplomáticas com as potências eixistas, usaram da palavra todos os chefes de delegações à III Reunião de Consulta. Alguns dos oradores foram intensamente aplaudidos pela assistência. O último a falar, o chanceler brasileiro, pronunciou uma bela oração reafirmando o ponto de vista do governo brasileiro de solidariedade continental, e a fé que o povo do Brasil deposita em que o solo pátrio será em toda eventualidade defendido palmo a palmo por todos os cidadãos deste Continente.



DEPOIS DO "DRAMA GRAMATICAL" — Foi árduo o trabalho dos membros da 1.^a Comissão à busca de uma fórmula que satisfizesse os pontos de vista desposados pelos representantes das Repúblicas Americanas. Argentina e Chile, principalmente, discordaram da redação do texto da proposta apresentada pela Colômbia, México e Venezuela para rompimento de relações diplomáticas com as potências do Pacto Tripartite. O primeiro substituto apresentado foi ainda impugnado pelo chanceler platino, que seguiu neste ponto instruções de última hora do governo de Buenos Aires. Finalmente veio o entendimento, depois de movimentado "drama gramatical"... como diria o chanceler Padilla. Na gravura vêem-se os delegados de Honduras, Argentina, Venezuela e Estados Unidos.



ASPECTO GERAL DA MEMORAVEL SESSÃO PLENÁRIA DA TARDE DO DIA 23 — A sessão em que foi, por unanimidade, aprovada a recomendação de rompimento de relações diplomáticas com os governos de Berlim, Roma e Tokio, constituiu um momento de intensa vibração. Além dos delegados americanos, estiveram presentes a essa reunião, que foi pública e teve lugar em um dos salões do Itamarati, numerosos representantes da imprensa nacional e estrangeira.

De São Paulo



Os aspectos que estampamos nestas páginas reproduzem o ambiente de sadia beleza que é o clube Tieté num domingo de sol.

As piscinas da capital paulista durante a quadra do verão assumem inqualificável importância na vida da cidade. São o sucedâneo das praias, aonde acorre a população da grande metrópole do interior brasileiro.



Na Piscina do Tieté



Escola de Comercio do Rio de Janeiro, antiga Escola Superior de Comercio



Grupo de Contadores e Bachareis.



Parte da assistencia.

NOVOS CONTADORES E BACHAREIS EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Teve lugar no dia 19 do corrente, no Salão do Hino da Escola de Comércio do Rio de Janeiro, a solenidade de colação de grau dos Contadores de 1941 e dos Bachareis em Ciências Econômicas.

Esta honrada e tradicional Escola forneceu em 1941 a maior turma de Contadores do Brasil e também a nona turma de Bachareis em Ciências Econômicas, saída agora da Faculdade de Admi-



nistração e Finanças da mesma Escola, realidade de um sonho glorioso do saudoso mestre JULIO DE ABREU GOMES, o maior batalhador pelo ensino econômico da nossa terra, cuja idéia vitoriosa é hoje o programa dos seus continuadores.

A' esquerda: Mesa que presidiu à solenidade, distinguindo-se da esquerda para a direita: Nestor Victor (paraninfo dos contadores), Roberto Piragibe (paraninfo dos bachareis), Cristes de Brito, diretor geral da Escola; Monteiro Pessôa, diretor tesoureiro; Militino Junior, Abreu Gomes e Radamés Moreira (catedráticos).

O terceiro centenario da morte de Galileu

Lembrando o precursor do experimentalismo e pai da ciência moderna.



Galileu

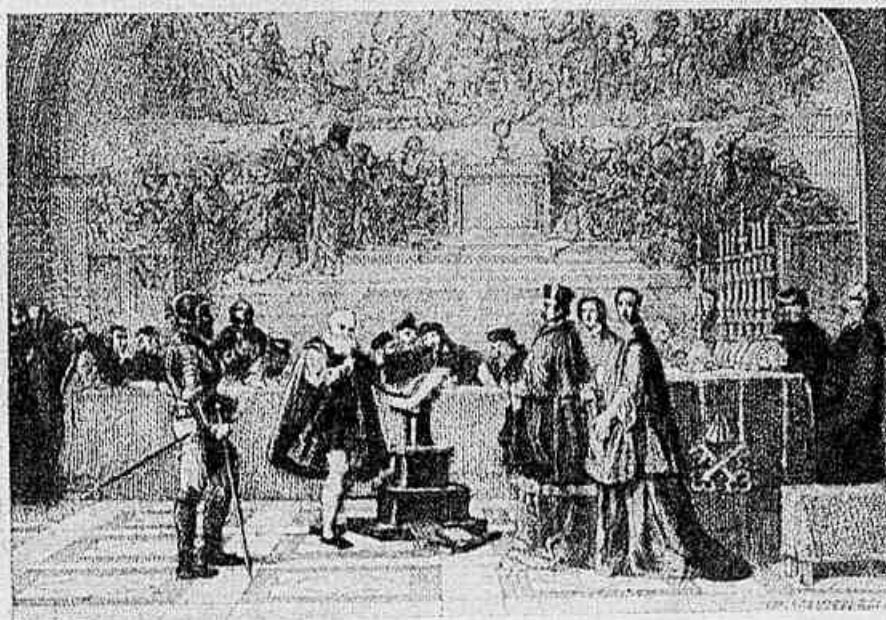
O mês de Janeiro de 1942 marca a passagem do terceiro centenário da morte de Galileu Galilei. É esta uma figura que se projeta em todo o edifício da cultura moderna. Galileu é considerado o verdadeiro iniciador do experimentalismo. Com ele o conhecimento científico deixou de ser uma simples consulta de livros ou uma remissão ao que afirmara Aristóteles para se fundar na observação sistemática

dos fenômenos. Galileu, ao que parece, tinha hipertrofiado um sentido que não conhece o comum dos homens. Além de aguda capacidade de observação, ele apreendia relações entre fenômenos, com rapidez e segurança surpreendentes. O seu espírito era servido por uma capacidade de intuição raríssima. Hoje em dia aponta-se o sábio de Pisa como uma das constituições cerebrais mais privilegiadas apresentadas pela espécie humana.

Nascido em Pisa (1564), estudou, para satisfazer o pai, música, desenho, medicina e filosofia. Logo que se pdeu dirigir voltou-se inteiramente para as matemáticas. Era ainda discípulo da Universidade de Pisa quando, aos 19 anos, observando na catedral uma lâmpada que balanceava na abóbada e reparando que as oscilações eram isócronas, teve idéia de aplicar o pêndulo à medição do tempo. Aos 25 anos obteve uma cadeira na Universi-

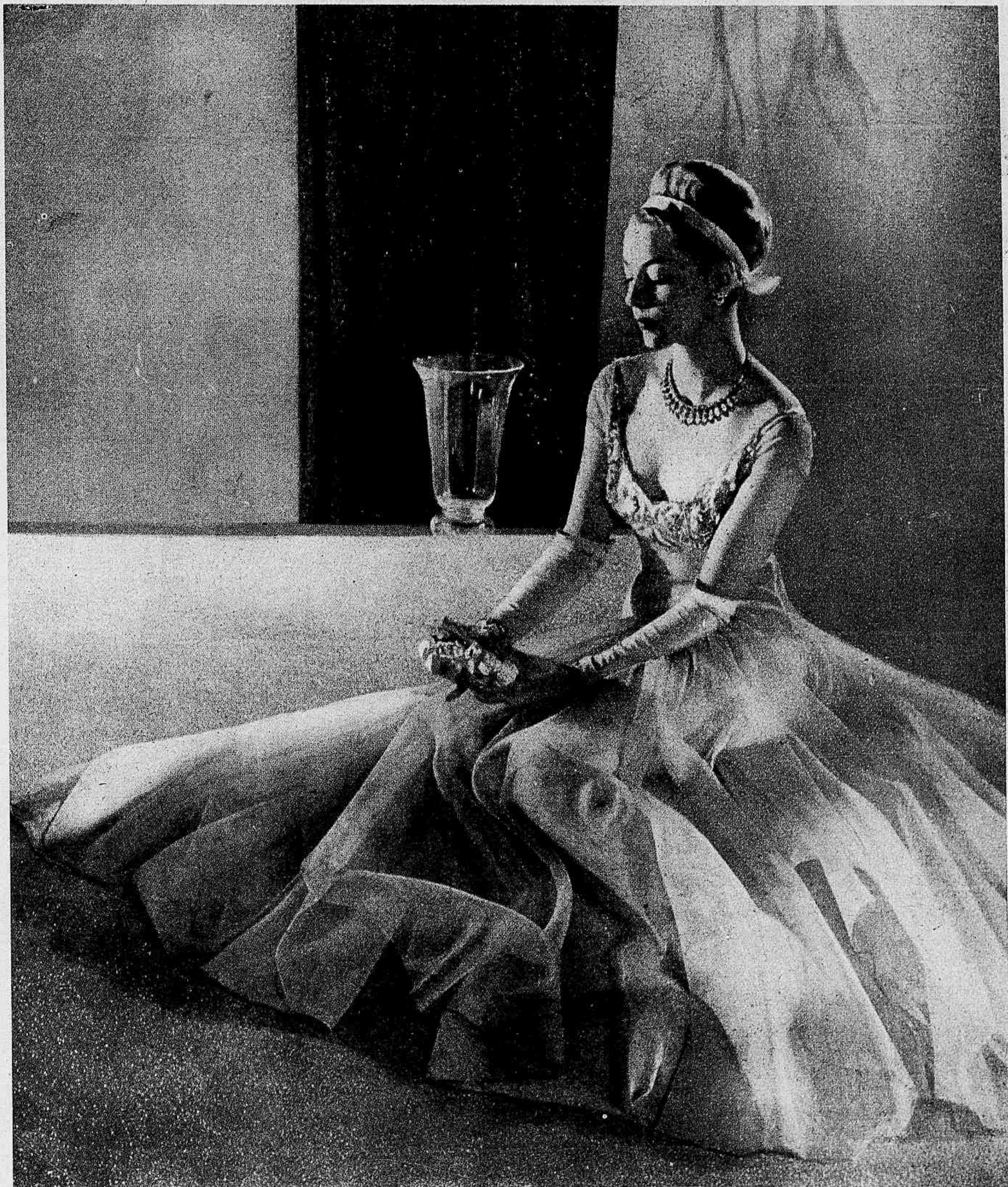
dade de Pádua. Galileu inventou o termômetro, a balança hidrostática, que usou para determinação das densidades; estabeleceu pela experiência as leis do movimento dos corpos submetidos à ação da gravidade. Em 1609 construiu o primeiro telescópio. Desde então Galileu começa a devassar os céus. Observa a Lua, cujas montanhas mediu e da qual descobriu as libações; conheceu os satélites de Júpiter, o anel de Saturno, as manchas e a rotação do Sol sobre o seu eixo, as fases de Venus etc.

A vida de Galileu encerra um drama. A ignorância e a intolerância a serviço da inveja tornaram os últimos anos de vida do grande sábio num martirólogo. Apontado como herege, por acreditar que a Terra não é o centro do sistema planetário, Galileu foi obrigado por um tribunal inquisitorial a abjurar suas idéias científicas. Contava nessa época o criador do telescópio 70 anos. A cegueira veio completar o quadro de sofrimentos que constituiu a última fase de sua vida. Como Prometeu, ele pagou em sofrimento o bem que fez aos homens.



Galileu perante o tribunal da Inquisição — Quadro de Robert-Fleury.

JORNAL DAS FAMILIAS



Linda toilette para a noite, de marquissete branca, em volta do decote, bordado com contas de cristal.

C R O N I C A D A M O D A

TUDO o que a moda de verão nos oferece é alegre, encantador e de muito bom gosto. Como são bem estudados os modelos da manhã, da tarde, para o esporte e para a noite, enfim para todas as horas, para todas as ocasiões! Quer sejam para o campo, para a praia ou para as estações de água, os modelos para a manhã são singelos como singelos, também são os da tarde, quando se não trate de reunião mais elegante. Triunfam os costumes singelos, os ensembles esportivos, os vestidos frescos em tecido de linho ou de algodão. Muito interessante observar-se como, em muitos modelos de saia e blusa, é a saia de tecido de fantasia e a blusa de um só tom. Isto era comum quando se tratava de tecido

listado ou de xadrez, mas não com desenhos floridos como nos de agora. Muitos são os vestidos brancos ou de tons pastéis que são usados com casacos de xadrez multicolorido, casacos e boleros de coloridos vivos completam saias-calças brancas, cinzentas ou azul marinho; saias-aventais acompanham blusas de tecidos contrastantes. Tecidos de fantasia com coloridos ousados renovam, mais uma vez, os vestidos-chemisier. Quanto aos vestidos elegantes para a tarde, assemelham-se aos vestidos para a noite. Pode-se escolher o feito que melhor diga com a silhueta, por ser grande a variedade. — A silhueta fina, esbelta, é encontrada ao lado do vestido de ampla roda, de inspiração romântica; a saia enforme continua na moda, mas vêem-se muitas saias retas e estreitas.



1 — "O alvo". Bolero de tafetá preto, com grande gravata de tafetá verde, a saia desses dois tecidos. Blusa de setim branco. Na cabeça uma rodela de papelão forrada com tafetá preto e listas verdes.

2 — "Espanhola". Saia de seda listada de vermelho, amarelo, preto e branco. Corpete de setim preto, fichú de crepe amarelo e rosa vermelha. Pequeno chapéu preto e rosas vermelhas no cabelo.

3 — "O tocador de tambor". Roupa de setineta ou linho vermelho e azul vivo. Dragonas e grandes botões dourados. Chapéu armado, vermelho e azul.

4 — "Pierrot". Calça larga de setim branco, com grandes rodela aplicadas de setim vermelho, verde, azul e preto. Casaco com amplas mangas de setim azul vivo. Guarnição de rodela grandes e pequenas nas mangas. Colerete de filó ou organdi branco, com rodelinhas multicores em volta do pescoço. Gorro preto e vermelho com pena amarela.

5 — "Arlequim". Corpete ajustado e amplas calças de setim preto, com tiras de lamé dourado. Na cintura duas rodela de organdi branco com pompons ou contas douradas. Dupla colerete branca e laço vermelho. Bonet pontudo de setim preto e lamé dourado.

6 — "Sch-herazade". — Saia e fichú de crepe Georgette amarelo, aplicações na pala da saia, rosa e preto. Soutien-gorge todo bordado com lentejoulas prateadas e perolas. O bonet pontudo forrado com crepe amarelo e o turbante dos tecidos rosa e preto.

FANTASIAS PARA O CARNAVAL



Michel

O BATON
DAS MULHERES BONITAS

1 — Chinês — Túnica de setim róxo com aplicações ou bordado dourado. Calças de setim rosa, aroxeado. 2 — Vestuário da época de "Luiz Filipe". Vestido de tafetá azul vivo e tafetá preto, barra de tule azul com laços pretos. Breteles de rosinhas. Grande chapéu de palha, amarelo claro, e fita azul. 3 — Ping-pong — Calcinha de setim verde; blusa de filete verde. Raquetes vermelhas dependuradas na cintura e na cabeça. As bolas formam pompons. 4 — Diávolo — Esta fantasia original é feita com cretone bege e vermelha bem engomada. Arames sustêm a roda da saia e a parte de cima. Calção do mesmo tecido. 5 — Soldadinho — Roupas vermelha e azul, botões, galões e dragões dourados ou prateados. 6 — Hungara — Saia verde, de seda ou linho, com aplicações brancas e vermelhas. Blusa branca e bolero vermelho. 7 — Cowboy — Calça bege, com franjas; camisa de zefir, lenço vermelho e chapéu de feltro marrom. 8 — Russo — Calça larga, de setim preto; blusa de setim verde claro, guarnecida com um galão multicôr. Botas de couro vermelho. 9 — Vendedora ambulante — Ampla saia de linho rosa com grandes bolas brancas. Blusa de zefir azul e branco. Corpete de linho marrom. Lenço listado de vermelho e branco.

VEIAS DAS PERNAS

As veias dilatadas ou salientes tiram a beleza e a elegância das pernas e predisõem a infecções (erisipela), úlceras, eczemas, edemas (inchaço) etc. INSTITUTO HELCO do Dr. JOAQUIM SANTOS, médico especialista, trata por processo próprio, sem repouso, sem dor e sem operação.

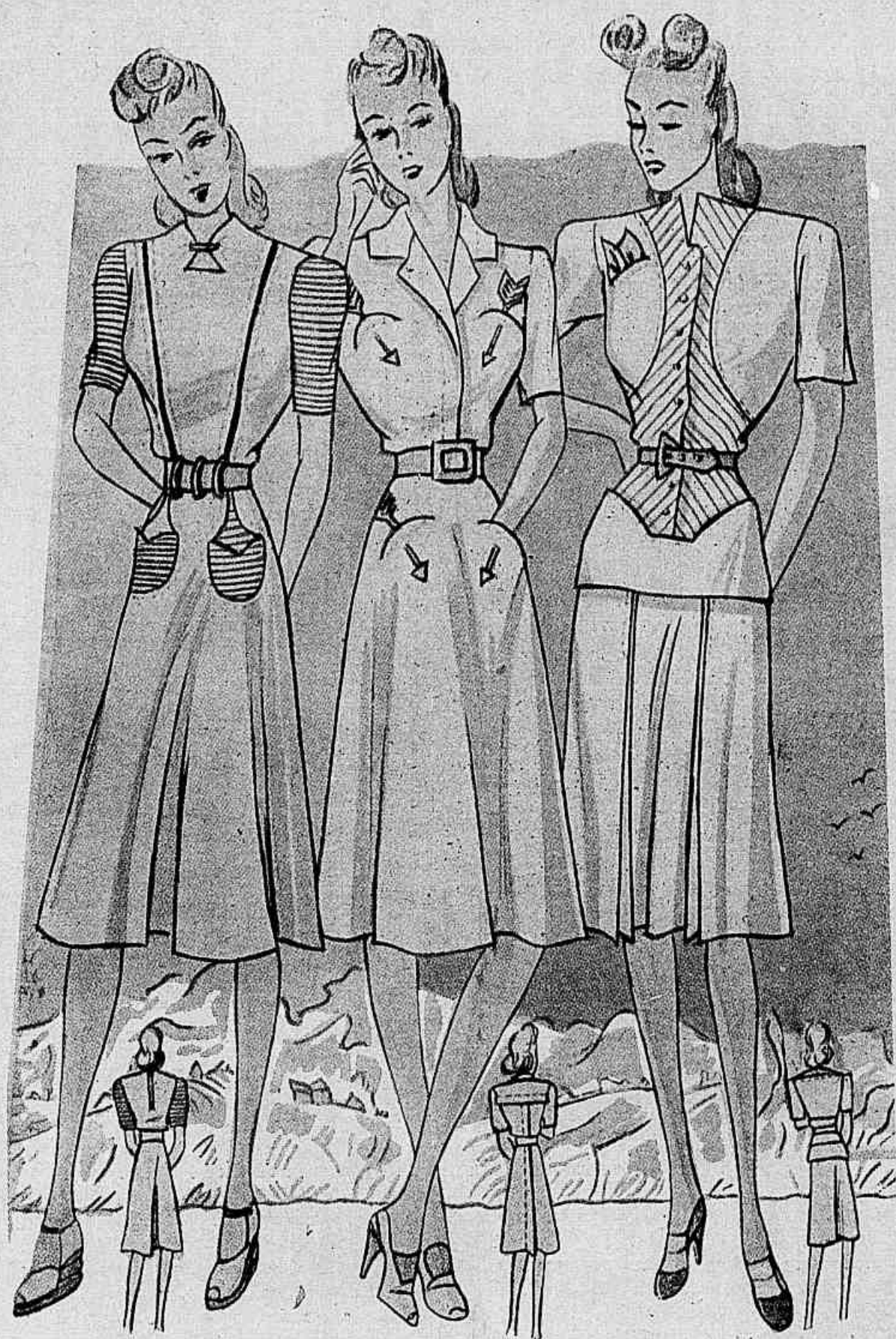
Tel. 42-7871. RUA DA QUITANDA, 26-1.º — De 10 às 12 e 15 às 19 horas.

Fantasia antigas para o CARNAVAL



1 — AURIFLAMAS E BANDEIRAS — Calça e corpete de lamê dourado de fantasia; guarnição de bandeirinhas. 2 — OURO E PRATA — Vestido longo de setim preto, com aplicações de rodélas douradas e prateadas. Capa: metade de lamê dourado, metade de lamê prateado. 3 — SOLDADINHO — Calça de setim amarela, listada de vermelho uma perna; a outra de tecido verde com listas brancas. O corpete de setim verde, capinha executada com os tecidos da calça. Botões vermelhos. 4 — FANTASIA DE LA-VADEIRA — Saia de cretone, listada de branco e azul. Lenços caindo uns sobre os outros formam a guarnição. O corpete sem mangas, de cretone vermelho com bolas azues. 5 — CHINESA — Vestuário de setim branco e preto, com guarnição de setim verde, cinzento e ouro. 6 — ARCO-IRIS — Vestido de setim azul sobre saia de babados de gaze cinzento pálido rosado; um lado do corpo é todo formado por esses babados. Tiras com os coloridos do arco-iris na saia e na cabeça.

VESTIDOS DE LINHO



1 — Vestido de linho branco; mangas e bolsos com pespontos vermelhos. Viézes vermelhos dos dois lados da frente. Cinto vermelho e fecho éclair nas costas.
2 — Vestido de shantung ou linho branco, com flechas bordadas com linha azul marinho, cinto de camurça, do mesmo tom. 3 — Costume de crepe mongol ou linho branco, guarnecido o casaco com nervuras e pespontos.



Vestido para a praia, de tecido listado de branco e azul.

Ao lado — Vestido de crepe verde com desenhos brancos. Chapéu de palha branca com fita verde.

Elizabeth



O "Creme Sunpruf" de Elizabeth Arden,

que aplicado na cutis se torna invisível, permite regular as influências dos raios solares.

Enquanto a epiderme se achar exposta ao sol, uma fina camada deste creme proporciona um lindo tom doirado, evitando porém, que a pele se queime. Estendido em abundância, o "Creme Sunpruf" impede o aparecimento de sardas, e resguarda a alvura da tez.

Arden

A NOSSA CAPA

O povo desta cidade teve para o Delegado dos Estados Unidos — a nação agredida do Continente — uma recepção realmente consecratória. A chegada do sr. Sumner Welles ao Palácio Tiradentes para a sessão inaugural da III Reunião de Consulta foi um momento de intensa vibração, sendo o delegado yankee vivamente ovacionado.

Sumner Welles é sub-secretário de Estado dos Estados Unidos e representou na III Reunião de Consulta o chanceler norte-americano Cordell Hull. Nasceu Welles em New York a 14 de Outubro de 1892, tendo estudado na Universidade de Harvard. Ingressou na diplomacia em 1915 como secretário da Embaixada em Tokio. Serviu em varios postos, principalmente na América Central e na Divisão dos Negócios da América no Departamento de Estado. Desde 1937 que é sub-secretário de Estado.

Entre as missões exercidas por Sumner Welles, citam-se a de Delegado dos Estados Unidos à Conferência Inter-Americana de Consolidação da Paz, de Buenos Aires, em 1936, e representante do Secretário de Estado na I Reunião de Consulta realizada

no Panamá. Em 1940, como enviado pessoal de Roosevelt, visitou as nações europeias em guerra.



A fotografia que estampamos na capa deste número da REVISTA DA SEMANA é de autoria de Arnaldo Vieira. Nela Welles aparece no cimo das escadarias do Palácio Tiradentes.

Noticiário ELEGANTE



Srta. Stella Leonardos da Silva Lima,
autora do poema
"...E assim se formou a nossa raça".

ANIVERSARIOS

31 as sras. Sampaio Corrêa e Maria Amelia Peixoto Tarlé; a senhorita Maria Leonora Assunção Araujo; o almirante Américo Silvano; o dr. Pedro Pernambuco Filho.

1 a sra. viúva Antônio Azeredo; o ministro Ataúlpho de Paiva, da Academia Brasileira; o almirante Julio Cesar de Noronha Santos, o dr. Mario

Alves, o capitão de mar e guerra Fernando Savaget, o nosso confrade Luiz Peixoto.

2 as sras. Maria da Cunha Bastos Versillo e Laurita Pessoa Raja Gabaglia; a senhorita Leonidia Chagas; o almirante José Maria Penido; o dr. Paulo Azeredo.

3 as sras. Carmen Belfort Valadão e Brasilina Pinheiro Machado; o ministro Sebastião Sampaio; o conde Silvio Penteado; o general Gustavo Cordeiro de Faria; o escritor Raul de Azevedo; o prof. Victor José de Lamare.

4 as sras. Arthur Bernardes e Jandira Aguiar de Siqueira; o ministro Bento de Faria; os dres. Gastão Guimarães, Lindolfo Collor e Luiz Felipe de Souza Leão.

5 a professora Leonor Posada; a sra. Julieta Chaves Rangel; a senhorita Flora Joviano; o ministro Pires e Albuquerque; o professor Barbosa Viana; o comandante Hélio Saião Bustamante.

6 as sras. Corina de Barros Pimentel Medeiros e Maria Calazans de Barros; a senhorita Alzira Mota; os srs. Antônio da Silva Moutinho e Eugenio Sales Brandão.

T. JANER — CONSUL DA SUECIA

Todos os meios do país, e notadamente os da imprensa, teem aplaudido com justiça a escolha do sr. Tor Janér, pelo rei Gustavo V, para o cargo de Consul Geral da Suécia no Brasil. Chefe da firma T. Janér & Cia., que tem o duplo prestígio de ser antiga e importante, o sr. Tor Janér emergiu da colônia sueca como uma figura de re-



Srta. Nelma Pinto, filha do dr. Dermeval Pinto e d. Ivanoska Palma Pinto.

Realizou-se a 8 de Dezembro último o casamento da srta. Nelma Pinto, filha do dr. Dermeval Pinto e de d. Ivanoska Palma Pinto, com o dr. Arlindo Oliveira, engenheiro dos comerciantes.

O ato foi celebrado pelo arcebispo D. Aquino Corrêa, que, dirigindo aos noivos eloquentes palavras, foi portador da bênção papal.

Foram padrinhos: por parte da noiva, o dr. Piratinino de Almeida e senhora, o dr. Joaquim Assumpção e o coronel Francisco R. de Oliveira e senhora; e por parte do noivo o ministro general Eurico Gaspar Dutra e senhora e o dr. Dermeval Pinto e senhora.

Após a cerimonia religiosa, os pais da noiva ofereceram uma recepção em sua residencia.

Entre as inúmeras pessoas de destaque social notamos: o ministro general Eurico Dutra e senhora; D. Aquino Corrêa; ministro Valadão; dr. Luiz Vergara e senhora; ministro Socrates Moglia, senhora e filha; dr. Piratinino de Almeida e senhora; desembargador Florencio de Abreu, senhora e filha; dr. Haroldo Valadão e senhora; dr. Filadelfo de Azevedo, senhora e filha; general Corrêa do Lago e filhas; dr. Bastos Tigre e senhora; dr. Sergio de Azevedo, senhora e filha; senhora

dr. Gratuliano Brito; dr. Antonio Botelho e senhora; dr. Mello Vianna e senhora; dr. Osorio Mascarenhas e senhora; dr. Francisco Osorio Mascarenhas; dr. Costallat, senhora e filha; dr. Samuel Kanitz e senhora; senhora Gustavo Pook; dr. Amaro da Silveira; senhora Almeida Fagundes; senhora Luiz Mello; dr. Favorino Mercio, senhora e filha; dr. Poggi de Figueiredo, senhora e filha; dr. João Brandão; senhora general Waldomiro Lima; senhora dr. Mario Ribeiro; sra. Irene França e filha; senhora Rodrigues da Costa; senhora general Di Primio; senhora dr. Waldomiro Magalhães; senhora dr. Moreira Brandão; dr. Fortes de Oliveira, senhora e filhas; senhora Liberalli e filha; senhora Lourival Maciel e filha; dr. Carlos Abreu e senhora; senhora Rubens Maciel; sra. Francisca Pons de Macedo; dr. Danilo Perestrello e senhora; sr. Olavo Medina e senhora...



SRA. AMELIA MACEDO BRAGANÇA — Realizou-se no dia 28 deste mês o casamento da srta. Amelia Macedo (medalha de ouro da Escola Nacional de Musica) com o tenente Antonio Ferreira Bragança Filho.

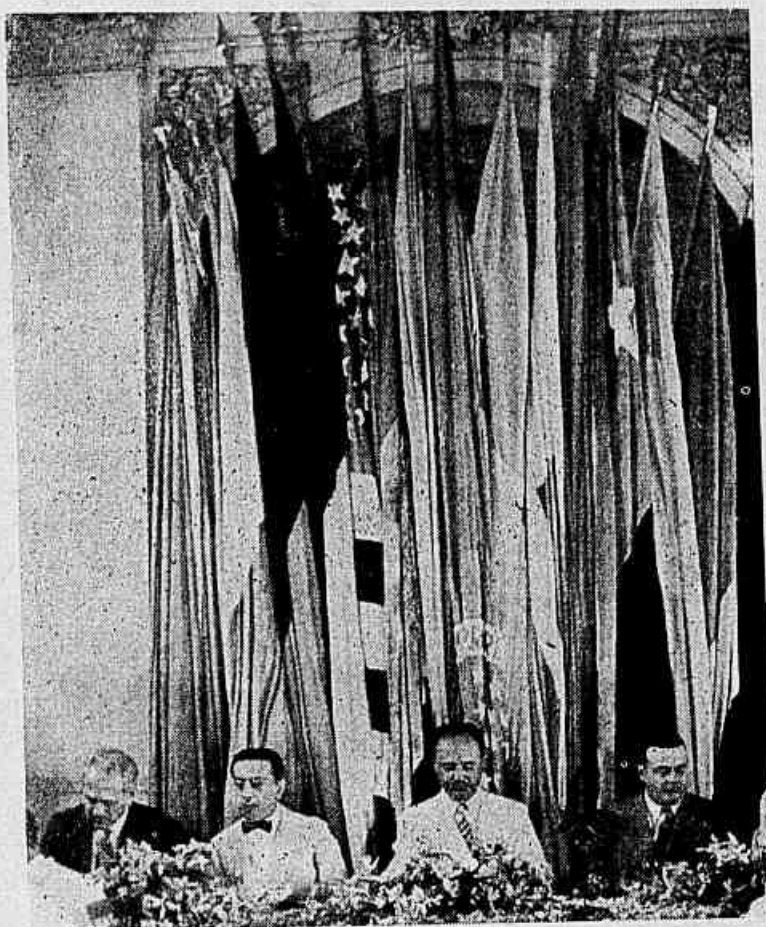
levo indiscutível, tornando-se indicado naturalmente por si mesmo para o cargo que requer altas qualidades de capacidade realizadora, que o ilustre Consul possui em razão de lhe serem familiares a indústria e o comércio da Suécia e de se vêr integrado no Brasil, auscultando com segurança os problemas que possam interessar a sua pátria e a nossa.

Não foi difícil ao eminente diplomata sr. Gustaf Weidel, ministro da Suécia junto ao nosso governo, encontrar no seu compatriota operoso e inteligente o fator necessário ao desenvolvimento do intercâmbio sueco-brasileiro.

Chefe da mais importante firma fornecedora de papel á imprensa do Brasil, o sr. Tor Janér mantém as mais excelentes relações com os nossos jornalistas, o que, de um certo modo, concorrerá para o brilhante êxito da missão que lhe foi confiada e que, repetimos, ecoou magnificamente entre os brasileiros.



A jovem cantora l'ka Barroso de Freitas, que vem de obter classificação meritória entre os candidatos aprovados no concurso promovido pelo Centro Lirico Brasileiro.



JOCKEY CLUB MUNDANO



Ultrapassando as finalidades sociais, a que se propunha, o almoço oferecido pelo ministro Salgado Filho, aos chanceleres americanos, constituiu um autêntico triunfo turístico para a nossa cidade. Efetivamente, contando as belezas de uma tarde magnífica, os festejos realizados no luxuoso hipódromo da Gávea assumiram um caráter de tal modo deslumbrante que provocaram uma série de expressões elogiativas por parte dos representantes das nações do Novo Continente à III Reunião de Consulta. A alta sociedade carioca esteve reunida no Prado, que viveu um dos seus maiores dias, permitindo um contacto elegante e distinto entre ela e os chanceleres. Quanto à expressão política da festa deu-a o discurso proferido pelo ministro Salgado Filho, durante o qual o titular da Aeronáutica saudou os seus eminentes convidados. O ágape teve início às 13 horas, porém desde o meio-dia já se encontrava um grande número de chanceleres no Jockey Club, onde

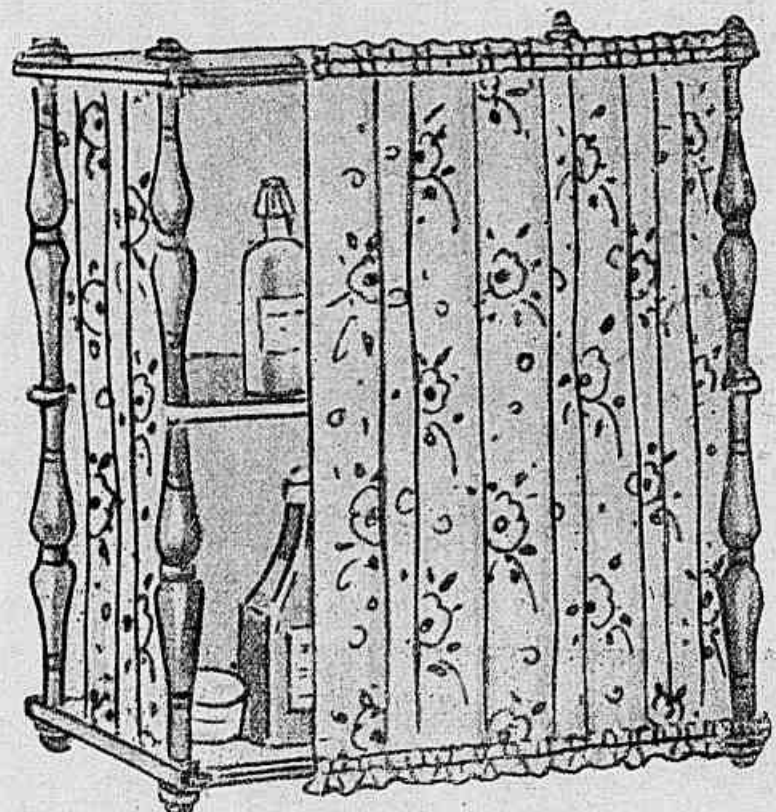
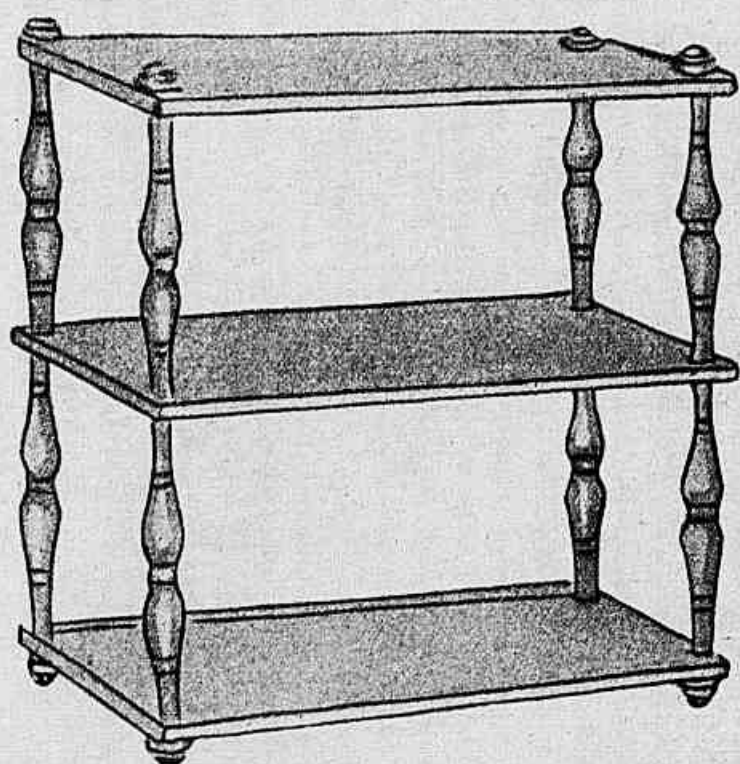
apreciavam as belezas naturais ímpares daquele maravilhoso recanto carioca. Aproveitando a circunstância de ser, também, presidente da elegante organização turística, o ministro Salgado Filho teve oportunidade de prestar informações interessantes aos embaixadores americanos, que se não fartaram de elogiar tudo que viam, alguns pela primeira vez.



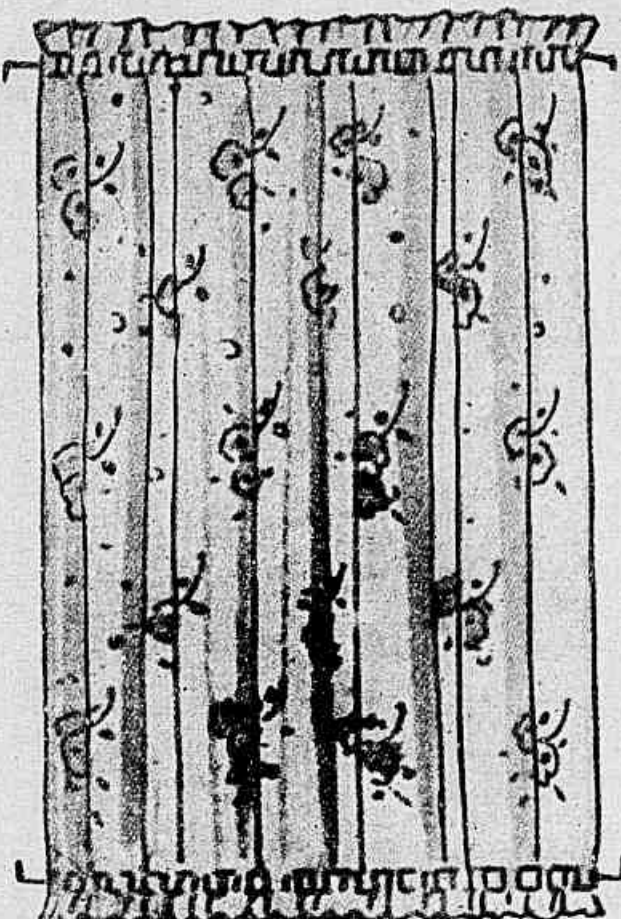
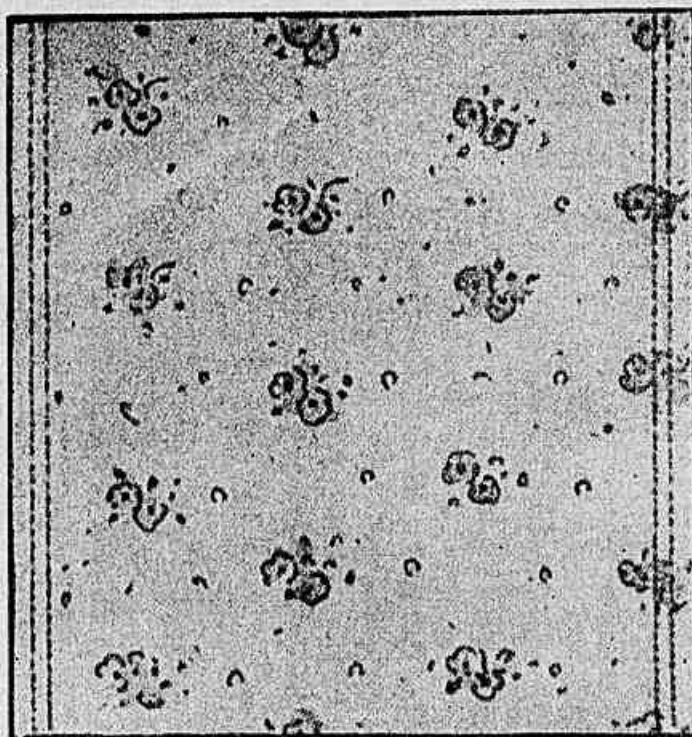
Precisamente às 13 horas, teve início o almoço, tendo à cabeceira da mesa sentado o ministro Salgado Filho, entre os srs. Arturo Despradel e Gabriel Trubay, respectivamente chanceler da República Dominicana e embaixador da Colômbia. Seguiam-se os ministros Aristides Guilhem e Oswaldo Aranha, o prefeito Henrique Dods-worth e os assessores da Conferência, Hector Castro e Julian Cecetes. Compareceram todos os chanceleres, incluindo o sr. Sumner Welles, que se fez representar pelo embaixador Jefferson Caffery.

Entrelaçadas, encimavam a cabeceira da mesa as bandeiras dos 21 países americanos.

PROBLEMAS DO LAR



Transformação de uma antiga étagère



As étagères estão agora fora de moda; mas, como em geral todos os móveis antigos eram feitos com madeira boa, devem estas étagères ser aproveitadas, transformando-as utilmente em farmácias caseiras, guarda-roupas ou guarda-brinquedos num quarto de criança.

Uma étagère composta de três prateleiras reunidas por colunetas é fechada na parte de trás e dos lados por cretone ou cassa franzi-da, com desenhos alegres, combinando com o colorido do aposento, pregado o tecido com pregos; somente na parte da frente corre o franziço sobre varões de ferro (que são usados nas cortinas das vidraças). Quando a étagère é pequena, deve ser pregada na parede, em altura que não esteja ao alcance das mãos das crianças, quando se trata de farmácia caseira.

MOBILIÁRIOS PARA ESCRITÓRIOS

A Fábrica de Móveis "Lamas" em seus grandes mostruários anexos às oficinas à rua Melo e Souza n.º 102 (próximo à estação principal da Leopoldina), expõe inúmeros conjuntos em estilos diversos, para Residências e Escritórios comerciais, modelos mais ricos para gabinete e mais simples para funcionários, dispondo de funcionamentos práticos e garantidos.

A Fábrica "Lamas" encarrega-se da execução de Divisões-Balcões e Instalações completas de Escritórios, tendo competente secção de desenho para projetos e orçamentos, facilitando em certos casos o pagamento.

Os móveis "Lamas" são vendidos exclusivamente nos mostruários junto à Fábrica.

Procura-se um cantor

(Conclusão da pag. 21)

agradável, uma vocação irresistível para interpretar o tango argentino? E os acompanhamentos mastigados como já denunciou o crítico Andrade Murici?

Ponha-se tudo isso ao lado dos resultados positivos do concurso e quem é que vai dizer que ele não causou ótima impressão?...

Claro que não houve somente a parte engraçada. Esta foi apenas um subsídio de bom humor inofensivo.

E agora deixemos de falar e demos a palavra aos candidatos.

Doris de Queiroz Lima é bibliotecária do DASP, estuda direito e tem uma voz bonita. Dessas três condições e sem prejuízo da sua eficiência na burocracia, ela prefere cultivar a voz. Por isso, já estudou quatro anos essas coisas fatigantes que são os exercícios de técnica vocal. E acha, com muito acerto, que precisa estudar continuamente, para vencer.

Perguntamos a Doris em que plano, umas em relação às outras, ela colocava suas atividades.

— A arte acima de tudo — uma resposta que já significa um bom cartaz.

Interrogamos, indiscretamente (não se trata de idade) se ela pretendia dedicar-se exclusivamente à arte.

— Uma atitude assim está naturalmente condicionada ao sucesso de minha carreira. Uma vez no palco eu darei uma resposta definitiva.

Achamos que essa resposta será positiva pois que a sua voz de meio-soprano, embora ainda se ressentindo de um trabalho contínuo e orientado para um único fim, oferece-lhe francas possibilidades de sucesso.

A candidata n.º 31 fala, ainda, sobre assuntos marginais, vizinhos ao movimento da conversa, mas fala pouco, desmentindo aquela virtude do papagaio atribuída às mulheres, há tantos séculos, com um admirável senso de justiça.

É que a nossa interlocutora também lê. E sabe ler bem. Quando a visitamos, no seu apartamento em Copacabana, ela estava dando um passeio com Anatole France, em "Le lys rouge". Está aí um exemplo que os nossos cantores deviam seguir. Porque há muita gente brilhando no palco, por aí afóra, enquanto o seu espírito tateia na escuridão.

O DESENHISTA DA RUA MEXICO

Augusto Mendes da Silva possui uma calorosa e enérgica voz de barítono, com que entusiasmou a numerosa assistência do 2.º concurso. Fomos ver o sr. Augusto Men-

**LINHOS ESTAMPADOS,
ESTOFOS E DECORAÇÕES**

CASA BEIRIZ

RUA 7 DE SETEMBRO-82-T.42-6964
JUNTO A AVENIDA



des na sua atividade, também artística de desenhar, num escritório de propaganda da rua México.

O nosso interlocutor, enquanto esboçava um desenho, ia falando:

— Há quatro anos que eu estudo e foi por isso que vim para o Rio. Mas não tive sorte, porque a escola da sra. Besanzoni Lage fechou 4 meses depois. Mesmo assim, continuei estudando, sem parar e foi por causa desse esforço que eu consegui ser classificado — concluiu, na sua simplicidade.

UM BELO ESPIRITO

O sr. H. Débélian, dotado de um espírito agil, temperamento exuberante, palestrando com muita verve como um francês de fina educação, é outro aspecto sugestivo do concurso. Aliás, seu nome sugere descendência gaulesa, embora filho de pais armênios, como ele é.

Dentista, em pleno exercício da profissão, nunca pôs de lado suas preocupações artísticas.

— Escolas, escolas, escolas, é de que nós precisamos, começou o sr. Débélian.

E escolas onde, além da técnica indispensável, se cultive o espírito, pois cantar óperas não é somente repetir as notas do pentagrama onde estão escritas as árias, duetos, etc. Também não é suficiente a obediência às indicações da partitura. Convém que o cantor conheça perfeitamente o personagem que encarna e a ação que desempenha. Só assim ele terá uma interpretação ideal. Primeiro, uma espécie de digestão para depois assimilar-lhe a essência, a natureza íntima. Como o sr. vê — um pouco de filosofia — disse com bom humor.

O candidato, que tem uma boa discoteca e biblioteca especializada, discorre com fluência sobre vários assuntos inclusive suas privações em Paris, quando frente ao Opéra Comique aguardava, 3 a 4 horas, o momento de subir para as torrinhas tendo muitas vezes, por jantar, um "sandwich".

— Espero progredir no aperfeiçoamento de minha voz, que um professor, em S. Paulo, ia-me fazendo perder atribuindo-me uma rigorosa preparação para a cena dramática. Ele se enganou, por causa do meu temperamento. Isso foi em 1935 e em consequência passei 2 anos e meio sem cantar.

Decididamente, uma entrevista com o sr. Débélian daria material para uma boa reportagem.

Perguntamos pelas suas preferências e ele, no mesmo diapásão de vivacidade, foi dizendo:

— Eu não gosto somente de arte lírica, mas de tudo o que é música. «Qualquer dia destes, o sr. pode ouvir, na minha casa, todas as Sonatas e algumas Sinfonias de Beethoven. Além disso, admiro extremamente a música russa — e entrou a falar sobre Borodin, Moussorgsky, Tchaikovsky (que musicalmente não é russo, porém, adepto do "eixo"), demonstrando ser um "expert" bem identificado.

GARÇON

No Riviera há um garçon cuja vida aventureira será futuramente conhecida dos nossos leitores.

Brasileiro, filho de italianos, já andou pelos Estados Unidos, Itália, fez viagens clandestinas, saltou do terceiro andar de uma prisão em Quebec, enfim submete-se a tudo com o objetivo de estudar.

Com a sua voz possante de tenor, e conhecendo 14 óperas é bem possível que o sr. Bendandi muito breve deixe a jaqueta pelo palco, definitivamente.

Na sua residência no Leblon, o garçon do Riviera cantou e tocou piano e, sobretudo, falou muito para não desmentir a tradição...

O grosso de suas declarações interessa-nos depois. Por enquanto, fixamos o que ele respondeu, quando perguntamos se ele experimentou emoção diante do público.

— Não. É a maior emoção que já senti foi quando saltei da prisão, onde tinha sido trancado por viagem clandestina...

TOILETTES PARA CASAMENTO



1 — Vestido para noiva, de setim branco, guarnecido com franzidos. Botões forrados com o setim do vestido. Pequena cauda e longo véu.

2 — Vestido para noiva, de crepe de Chine de feitiço original. Alto corselet. Diadema de crepe com galão de perolas segurando o véu.

3 — Vestido para noiva, de setim branco, com guarnição franzida. Diadema formado por fita de chamalote, prendendo o longo véu.

4 — Vestido para dama de honor, de organdi rosa claro; babadinhos franzidos na terminação dos cinco babados.

5 — Vestido de tafetá branco com desenhos verdes. Cinto e laço de fita verde.

Os vestidos elegantes



1 — Vestido elegante de renda bege claro; o corselet de setim preto ou marron. Para manequim 44: 5 metros e meio de renda de 90 centímetros de largura; 40 centímetros de setim de 94 centímetros de largura. 2 — Muito distinta esta toilette de tafetá escocês com blusa de gaze. Para manequim 46: tafetá 4 m. 50 centímetros, de 90 centímetros de largura. Gaze 1 metro e meio de tecido de um metro de largura. 3 — Elegante vestido de crepe georgette com corpo blusado e mangueiras de renda grossa. Para manequim 46: 5 metros de crepe de 94 centímetros de largura. Renda 20 centímetros em 80 centímetros de largura. 4 — Gracioso vestido de organdi branco com pintas. A blusa guarnecida com franzidos e com tres grandes flôres. Para manequim 44: 6 metros e 25 centímetros de tecido de um metro de largura.

BLUSAS E COLETES



1 — Colete de fustão branco, guarnecido com bolsos e botões. Para manequim 45: 80 centímetros de tecido de 94 centímetros de largura. 2 — Blusa-kimono de fustão ou linho, com bolsos pespontados. Para manequim 44: 1 m. 75 centímetros de tecido de 80 centímetros de largura. 3 — Colete de fustão ou linho branco, guarnecido com pespontos. Para manequim 45: 1 m. em tecido de 80 centímetros de largura. 4 — Blusa de setim lavável com corselet e abotoamento nas costas. Para manequim 45, 1 m. e 35 de tecido de 80 centímetros. 5 — Blusa de crepe ou tecido de algodão, vermelho com listas brancas, guarnecida com o mesmo tecido vermelho. Gola de crepe ou fustão branco. Para manequim 45: tecido de 80 centímetros de largura: listado 1 m. e 25 centímetros; de um só tom 30 centímetros. 6 — Blusa longa de linho branco com a frente de linho escocês. Para manequim 44: tecido de 80 centímetros de largura: branco 1 m. 50 centímetros, escocês 50 centímetros.

Ultimos modelos para crianças

Em baixo:

1 — Vestidinho de crepe Georgette azul, guarnecido com pregas e renda valencienne. 2 — Vestidinho de crepe rosa enfeitado com pontos abertos e lacinhos do mesmo tom do tecido. 3 — Vestidinho de crepe vermelho claro, guarnecido com bordado vermelho escuro. 4 — Vestido de crepe florido, como guarnição tiras franzidas mantidas por vizes. Lacinhos guarnecem a frente. 5 — Vestido de tafetá amarelo claro. Três babados compõem a capa. As flôres em tom amarelo mais vivo, ou vermelho.

1 e 2 — Vestidinho e roupinha de linho branco, com "bretelles", blusas de zefir de xadrez azul e vermelho, sobre fundo branco. 3 — Saia plissada de linho branco com listas vermelhas, blusa de linho vermelho, guarnecida com o tecido da saia. 4 — Calcinha de brim azul, blusa de linho branco. 5 — Roupinha de brim branco com listas verdes, enfeitada com brim branco. 6 — Vestido de linho branco, guarnecido com pregas, Cinto de camurça vermelha.

O INVENTOR DA CAIXA ECONOMICA

Apezar da Alemanha, a Suíça e a Inglaterra terem instituído as Caixas Econômicas nos seus países antes da França, foi um francês, Hugo Delestre, conselheiro do rei, que, em 1611, teve primeiro a ideia de constituir depósitos de economias, e apresentou a Maria de Médicis, regente, um projeto sobre a questão.

Não foi aproveitada a ideia do inventor: ficou no esquecimento até ao dia em que tendo sido realizada nos outros países para ali voltou consagrada pelo sucesso.

Hugo Delestre, que era doutor em direito, antigo embaixador da França, conselheiro do rei, era também, no começo do século XVII, tenente civil no cerco real de Langres. Escreveu um trabalho que foi encontrado um quarto de século mais tarde em Londres, por um economista sr. de Malarce, no qual era exposto o plano da Caixa Econômica.

«Desejaria, escrevia ele, uma caixa na qual um servil homem ou mulher, ou todo outro mercenário que se aluga por





- 1 — Vestido de crêpe Georgette ou voile, enfeitado com franzidosinho de abelha, e quadradinhos bordados e rodeados de renda Valenciennne.
- 2 — Casaco curto e ajustado de crêpe ou linho vermelho, a saia de tecido de fantasia, fundo branco com desenhos vermelhos, em crêpe ou linho, guarnição dos bolsos da saia de tecido do casaco, e do casaco do tecido da saia.
- 3 — Saia de linho azul, a blusa de linho branco com aplicações azues. Os peixes bordados de azul e branco.
- 4 — Vestido de voile de fantasia, guarnecido com fitas de dois tons.
- 5 — Vestido de shantung ou linho verde claro, as palas bordadas com soutache branco.

ano ou por dias, quizesse servir-se de tal caixa; essa seria obrigada a receber o dinheiro que ele trouxesse e o entregaria quando ele o pedisse, todo ou em parte, à sua vontade.

E ainda lhe faria presente na proporção do tempo que teria empregado o seu dinheiro (quer dizer ao pro-rata do que poderia ter rendido) a razão de 5,88%.

Hugo Delestre, nessas linhas, descreveu

a Caixa Econômica tal como devia funcionar dois séculos mais tarde. Não se contentando, aliás, de expor o princípio da instituição, entrava nos detalhes do seu funcionamento. Pedia ainda que o

dinheiro dos depositários não pudesse ser requisitado por uma penhora qualquer, quer dizer que ficasse garantido. Insistia sobre os deveres dos administradores, os quais deviam colocar os fundos depositados em títulos da Cidade e outros com todas as garantias. Expunha um plano sumário, mas sem esquecer detalhe algum, da legislação das Caixas Econômicas.

Assim como o memorial que ele tinha dirigido à rainha tinha deixado esta indiferente, o livro que Delestre escreveu para expor suas ideias publicamente não impressionou a opinião. O engenhoso conselheiro estava muito adiantado de mais para a sua época. Estas questões de economia social não interessavam a pessoa, alguma naquele tempo. Pensar no povo querendo melhorar sua sorte, encorajá-lo na previdência e na economia, era só de um espírito quimérico. Ninguém pensou em experimentar o sistema de Delestre. Para que se tomasse a sério essas «fantasias», foi preciso a Enciclopédia e o grande movimento filosófico e humanitário do século XVIII.

Mas não foi na França que os generosos projetos de Delestre começaram a realizar-se. Uma cidade da Alemanha deu o exemplo.

Em 1765, um certo numero de habitantes notáveis de Hamburgo tinham formado «grupamento patriótico para encorajar as artes, as industrias uteis e a instrução». Entre as criações deste agrupamento existia uma verdadeira «Caixa Econômica», destinada a receber depósitos de dinheiro, dando um juro modesto, tendendo assim espalhar na classe dos trabalhadores ideias de ordem e de economia.

A inovação foi recebida com sucesso; os depósitos afluíram.

Muitas cidades da Alemanha e dos países vizinhos imitaram, abrindo em toda parte Caixas Econômicas, e todas não tardaram a prosperar.

Eram até então obra de iniciativa privada. Foi a Inglaterra a primeira a fazer da Caixa Econômica uma instituição do Estado. Algumas caixas privadas tinham sido constituídas em diversos pontos. O governo seguia com interesse seus esforços e encorajava-os, mas não pensava ainda em criar a Caixa Econômica nacional. O Parlamento foi a princípio refratário a esta ideia e afastou, em 1807, um projeto de lei que lhe tinha sido apresentado a este respeito. Dez anos mais tarde tinha mudado de opinião e votava quase por unanimidade a lei organica da instituição.

Foi o exemplo da Inglaterra que determinou em França uma criação similar. Em 1818, dois homens que se serviam duma grande fortuna para propagar todas as ideias e todas as instituições uteis a seu país, o duque de La Rochefoucauld-Liancourt e B. Delessert, presidiram à criação duma Caixa Econômica em Paris.

Não deve portanto ser esquecido o nome daquele altruista Delestre, que primeiro pensou em dar meios ao povo de fazer render as suas pequenas economias.

LEIAM

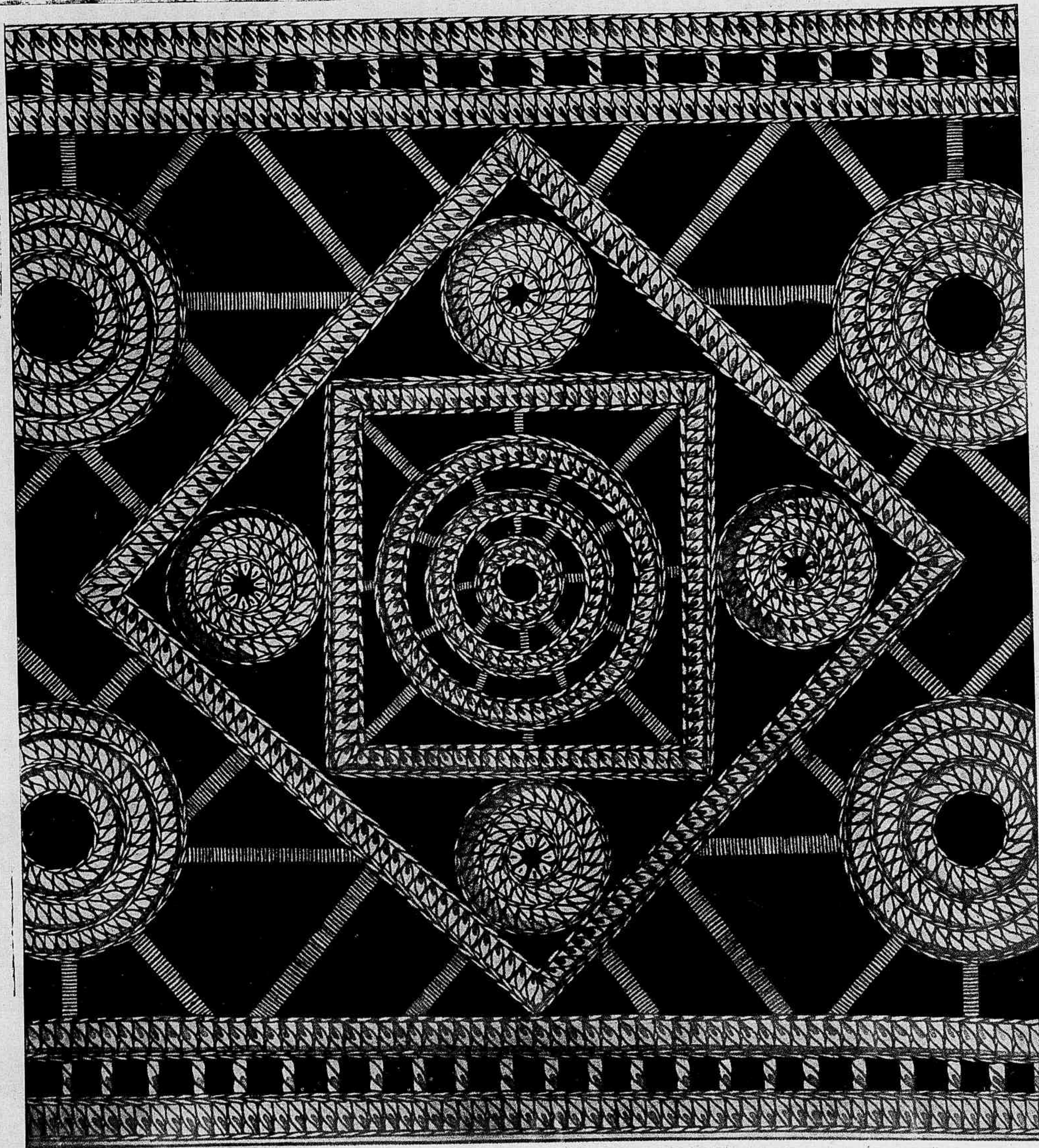
Esporte Ilustrado

A MELHOR REVISTA

ESPORTIVA DO BRASIL

Ornamentação do Lar

Entremeio de crochet para guarnição de toalhas, stores, cobertas de cama etc.



Este entremeio de crochet é muito decorativo e a sua execução das mais fáceis. O entremeio compõe-se de peças separadas, enquadradas por um galão e ligadas entre si por barrettes festonadas. Começa-se por fazer as rodela e quadrados, que são alinhavados sobre tela de arquiteto ou papel forte, no qual foi riscado o desenho; formam-se depois as barrettes, indo de um desenho para o outro. A rodela pequena. — Fazer uma trancinha de 9 malhas, formar um anel e fazer uma carreira de pontos baixos, depois duas carreiras de pontos altos. A rodela maior. — Fazer uma trancinha de 19 malhas, fazer uma primeira carreira de pontos baixos e duas de pontos altos. Os círculos do meio e os galões de enquadramento são feitos com a ajuda de uma trancinha coberta com pontos altos.

Este trabalho é feito com fio macramé C. B. ou fio de linho.



Os
interiores
precisam
ser
alegres

*Mobiliarios,
Tapeçarias e
decorações*

CORTINAS
PASSADEIRAS
TECIDOS

ASA **UNES**

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL

65-RUA DA CARIOCA-67-RIO

Reposteiros de cretone florido; grandes bouquets de rosas vermelhas e côr de rosa. Com este mesmo tecido são forradas as poltronas. As sanefas, em tecido verde; a toalha, listada de branco e verde; branca e verde também a louça. As cortinas, de voile branco ou verde claro. Forma o todo um conjunto alegre.



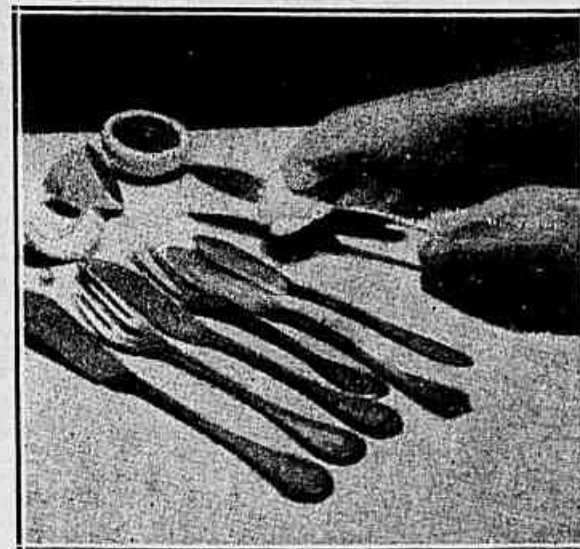
Póde-se fazer economia nos pratos caros como, por exemplo: espargos, **champignons** **petits-pois**, **marrons glacés**, doces cristalizados, etc. Comprar as frutas da época, quando estão mais baratas, e felizmente temos sempre as bananas tão nutritivas e as laranjas com tantas vitaminas. Mas é indispensável serem os generos de primeira qualidade, a banha da melhor marca quando não fôr possível cozinhar com banha fresca ou toucinho. Quando a manteiga estiver rançosa, corajosamente põ-la fóra. Antes passar sem manteiga do que usar uma que já não esteja perfeita. Nada é mais prejudicial á saúde que os alimentos em principio de deterioração.

Onde se póde fazer grande economia é na vigilância constante para que não haja desperdicio de batatas, quando são descascadas; das cenouras, quando são raspadas; das alfaces, quando são separadas as suas folhas. Com o cuidado de diminuir o fogo sob as panelas, a comida fica mais gostosa, cozida lentamente, e isto é mais economico.

Tambem nos vestuários pódem ser feitas muitas economias, fazendo para as creanças e moças vestidos próprios para o verão, de tecidos laváveis, para não estragarem os vestidos de seda com a transpiração. Póde-se fazer com o **organdi** e o **voile** lindos vestidos para a noite e para a tarde; para a manhã temos o linho e, melhor ainda, o zefir que está tão na moda e é tão durável.

Emfim, ha economia nesses mil pequenos pormenores da vida domestica, que tornam a vida de uma boa dona de casa muito mais trabalhosa que a de muitos homens que entram para o emprego ás 7 da manhã para deixa-lo ás cinco da tarde.

Para tirar o cheiro de peixe dos talheres



Lavá-os primeiro em agua bem quente; depois, esfregar rapidamente com casca de limão; lavar de novo, para tirar todo o ácido cítrico do metal. O cheiro desaparece imediatamente.

A ECONOMIA

A economia não consiste em privar-se do necessario, mas conseguir a redução ou a supressão do supérfluo.

Em matéria de restrições, não devem ser

aconselhadas aquelas que se exercem á custa da saúde e dizem respeito á qualidade ou quantidade do alimento.

Quantas donas de casa se desesperam por não poderem fazer economia na verba alimentação! «Têm todos tanto

apetite!» — dizem elas com desanimo.

Mas é preciso, de certo, satisfazer o apetite. As pessoas que trabalham, as creanças que estão na idade do desenvolvimento, precisam não somente de uma alimentação boa como abundante.

M E N U D E J A N T A R

Sopa de abóbora com tapioca — Peixe com ervilhas, pirão de farinha de arroz — Soufflé de espinafres — Perna de carneiro assada — Croquetes de macarrão com azeitonas — Doce de pêssegos — Bolo de amêndoas e avelãs — Punch frio á inglesa — Balas de chocolate

SOPA DE ABOBORA COM TAPIOCA

Pica-se um pedaço de abóbora, bem vermelha, depois de tiradas as pevides e a casca; põe-se para cozinhar dentro de água, á qual se junta um bouquet de cheiros e sal. Depois de bem cozida a abóbora, tira-se o bouquet de cheiros e passa-se a abóbora por uma peneira. Junta-se então ao caldo a tapioca (já posta de molho) e deixa-se cozinhar. A proporção de tapioca deve ser de uma colher para cada pessoa. Na hora de servir, juntar meia colher de manteiga á sopa.

Naturalmente esta sopa fica mais gostosa se si juntar um pedaço de carne ou alguns ossos ao caldo.

PEIXE COM ERVILHAS

Fazer um refogado com azeite ou manteiga, cebolas cortadas em rodela, tomates, cheiros, pôr dentro o peixe cortado em postas e deixar cozinhar. Retirar o peixe com cuidado e conservar num lugar onde não esfrie. Juntar na panela uma colher de manteiga, a água que fôr necessaria, temperar com uma colherinha de vinagre. Juntar depois as ervilhas em grão cozidas na água, bem escorrida a água e passadas na manteiga. Despejar esta mistura sobre as postas do peixe.

PIRÃO DE FARINHA DE ARROZ

Pôr para ferver um copo de leite, juntar um pouco de manteiga e temperar com sal



As mesmas flôres aplicadas que guarnecem a toalha enfeitam o avental.

assim que ferver, juntar a farinha de arroz já desfeita num pouco de leite e ir engrossando no fogo até ficar na boa consistencia.

SOUFLE' DE ESPINAFRES

Pôr para cozinhar os espinafres depois de bem lavados em água e sal; escorrer bem a água e em seguida bater os espinafres de maneira a formarem uma massa bem lisa. Para 250 grs. de espinafres, juntar uma gema de ovo e 30 grs. de queijo ralado e, por ultimo, duas claras muito bem batidas. Pôr para assar, em prato ou fôrma untada com manteiga, no fôrno.

PERNA DE CARNEIRO ASSADA

A primeira coisa a fazer é tirar a glandula que dá máo cheiro á carne. Para isto, dar um golpe na parte mais em relevo da perna e meter o dedo na abertura até encontrar a glandula. Depois, pôr a perna no seguinte tempero. Pica-se uma cebola e uma cenoura; esmaga-se dois ou tres dentes de alho; um galho de salsa, uma folha de louro, algumas cebolinhas; refogar todos esses legumes na manteiga sem deixar tomar côr; juntar duas garrafas de vinho branco ou dois litros de água e um copo de vinagre, juntar sal e uns grãos de pimenta do reino. Deixa-se cozinhar lentamente, uma hora pouco mais ou menos.

Juntar um pouco de azeite depois de retirado o tempero do fogo. Deixar esfriar completamente para despejar sobre a perna de carneiro já lardeada. Deixar bastantes horas no tempêro, virando de vez em quando a perna.

Pôr para assar no forno e regar com o tempero.

CROQUETES DE MACARRÃO COM AZEITONAS

Pica-se bem o macarrão e depois põe-se para cozer na água fervente.

Deixa-se cozinhar uns 18 a 20 minutos. Escorrer bem a água dentro de um coador. Com uma faca afiada tirar toda a polpa das azeitonas, que se pica em seguida para misturar com o macarrão cozido. Fazer um molho bem espesso com leite, manteiga e farinha de trigo e uma gema de ovo; misturar no macarrão, para que forme uma massa. Deixar esfriar numa travessa.

Depois ir formando os croquetes, que são primeiro passados na farinha de trigo e depois na farinha de rosca. Fritar na banha fervente ou no azeite.

DOCE DE PÊSSEGOS

Retirar a pele dos pêssegos e depois partir ao meio para tirar os caroços. Jogar os pêssegos dentro da água fervente.

Retirar do fogo e deixar na panela tampada durante 4 horas.

Escorrer depois a água. Fazer uma calda e pôr dentro os pêssegos (o açúcar deve ter o mesmo peso que os pêssegos). Deixar cozinhar os pêssegos o tempo necessario para ficarem tenros, mas não esfacelados. Retirar os pêssegos e deixar a calda tomar ponto. Pôde-se juntar á calda, durante o cozimento, um pouco de kirsch ou de rum.

BOLO DE AMENDOAS E AVELÃS

Pelar 100 grs. de amêndoas em água fervente e em seguida socar bem com dois ovos inteiros, juntar 200 grs. de açúcar a seis gemas de ovos e bater, juntar em seguida as amêndoas já preparadas, continuar a bater a massa até ficar esbranquiçada e espumosa. Juntar depois 100 grs. de avelãs torradas e picadas. Depois juntar as 6 claras muito bem batidas e por ultimo 75 grs. de fécula de batata e 75 grs. de farinha de trigo; despejar dentro de uma fôrma untada com manteiga e peneirada com farinha de trigo. Pôr para assar no fôrno.

Servir o bolo com o doce de pêssego.

PUNCH FRIO A' INGLEZA

Pôr na geladeira uma vasilha contendo uma garrafa de soda, 1 decilitro de rum, igual quantidade de cognac, de curaçao e de suco de morangos, juntar o suco de um limão ou de uma laranja. Deixar esfriar bem a mistura antes de servir.

BALAS DE CHOCOLATE

Rala-se dois páus de chocolate e mistura-se com um copo de leite (leite fervido com uma fava de baunilha). Pôr 5 colheres de assucar e 2 mal cheias de manteiga numa panela, deixar derreter para juntar o leite com o chocolate; deixar tomar ponto alto. Despejar sobre o marmore ou uma travessa grande untada com manteiga. Cortar as balas antes da massa esfriar.



...isso é sinal de alimentação inadequada. Tome, pela manhã, um mingau de Quaker Oats para fortalecer o organismo, tonificar os nervos e enriquecer o sangue. Quaker Oats assegura uma reserva alimentar para a manhã toda. Quaker Oats é de gosto agradável, economica e de fácil preparo. Compre Quaker Oats e receberá o peso integral — 567 gramas em cada lata.

QUAKER OATS

Mais peso e melhor qualidade asseguram maior rendimento por lata.

Insista em comprar a lata com a figura Quaker — a aveia sem impurezas.



BALA DE NOZES

Pôr para ferver uma chicara de leite com uma fava de baunilha; em seguida retirar a fava e juntar três chicanas de açúcar mascavo e uma colher de manteiga. Não deixar de mexer até tomar ponto de bala mole.

Retirar então a panela do fogo e juntar uma chicara de nozes bem picadas, bater até a massa ficar na consistencia de creme. Despejar então sobre o mármore untado com manteiga. As balas são depois enroladas.

BALAS DE LIMÃO

Pôr numa panela meio quilo de açúcar e um copo de água; no fim de cinco minutos, juntar duas colheres de caldo de limão e a casca de um limão. Mexer constantemente durante a ebulição forte, que deve durar uns 20 minutos. Despejar em seguida sobre o mármore untado com manteiga ou azeite. Deixar esfriar para cortar as balas.

AMENDOAS E TAMARAS RECHEADAS

Socar muito bem 120 grs. de amêndoas. Fazer uma calda com 100 grs. de açúcar, juntar á massa de amêndoas uma gema de ovo e um pouco de café forte, o suficiente para colorir. Formar pequenas bolas com a massa obtida, meter uma dessas bolinhas entre duas amêndoas peladas e passar em calda muito grossa; pôr para secar na porta do forno. Pôde em-se rechear as tamaras com esta massa de amêndoas.

EGG NOGG (bebida gelada norte-americana)

Bater muito bem 10 gemas de ovos com 250 grs. de açúcar. No fim de um quarto de hora, juntar, continuando a bater, um quarto de litro de rum, depois um litro de cognac, a casca ralada de um limão e dois litros de leite. Pôr na sorveteira. No momento de servir, juntar as 10 claras, muito bem batidas.

LARANJADA COM VINHO

Juntar a um meio litro de calda fria o suco de quatro laranjas e meia garrafa de vinho moscatel. Pôr na geladeira para servir bem frio.



Palha, flores e véu, criação de Florence Reichman.



Gase em 3 tons, criação de Mme. Pauline.



Jersey listado, criação de John Frederics.



Setim e rosas, criação de Sally Victor.

Chapéus modernos

Modelos americanos



Feltro, rosas de veludo e véu, criação de Sally Victor.



Feltro e penas, criação de Lilly Dache.



Feltro, penas e véu, criação de Bonwit Teller.

Conselhos para as Donas de Casa

Os cuidados a tomar com as peles



As peles escuras podem ser vaporizadas com essência mineral ou outro produto inseticida. O papel de jornal afasta as traças.



Depois de limpas são as peles escovadas com escova macia, no sentido do pêlo.



As peles brancas são esfregadas com talco.

As peles brancas são esfregadas com talco, e depois bem escovadas no sentido do pêlo.

Peles molhadas — Esticar e salpicar bem com ácido bórico. Deixar assim doze horas. Depois desse tempo, o ácido bórico absorveu toda a água e toda a poeira. Sacudir e escovar no sentido do pêlo.

3.ª conservação das peles — A canfora, a naftalina, a alfazema, a [hortelã] afastam as traças; o sulfúrio de carbono, o formol, a essência mineral matam-nas.

Estes últimos produtos devem ser vaporizados sobre as peles escuras, mas de preferência embeber tampões de algodão com eles e colocar dentro das caixas de papelão onde serão guardadas as peles.

Depois das peles limpas, guarda-las seja dentro de uma caixa de madeira ou de papelão, forrar perfeitamente com papel de jornal, mas de maneira que sobre papel para cobrir perfeitamente a pele ou peles. Se ficarem vacuos na caixa acabar de encher com papel de jornal amassado

Chegada a época quente tem de ser guardadas as peles, mas são necessários certos cuidados para pô-las ao abrigo do seu grande inimigo: a traça.

O ponto essencial a respeitar para que as peles não sejam atacadas pelas traças é guarda-las perfeitamente limpas.

1.ª limpeza — Desengordurar as partes que tocam na epiderme, especialmente as golas e os punhos dos casacos. O processo é exatamente o mesmo qualquer que seja a pele a limpar.

Fazer aquecer no forno farelo numa vasilha bem limpa. Tomar um punhado, esfregar as partes engorduradas. Recomeçar a operação até que o farelo não apresente mais vestígios de gordura. Sacudir bem, depois escovar com uma escova macia no sentido do pêlo. Terminar penteando com um pente de dentes muito separados.

2.ª limpeza — Colocar a pele com a parte interna sobre uma mesa e, com uma varinha, bater para fazer cair toda a poeira. Sacudir bem depois. Em seguida tomar um **tampão** de pano bem limpo e imbeber com benzina e passar em toda a pele.

UM LIVRO PARA TODOS

V. S. ainda poderá encontrar nas livrarias e bancas de jornais o **"Almanaque Eu Sei Tudo"** para 1942, em cujo texto constam, entre mil assuntos, os seguintes:

A prova de fogo — A árvore de Turene — Desvendando o futuro — Brady, precursor dos reporteres fotográficos — Causas e sentenças contra animais — Os últimos samaritanos — O maior convento do mundo. A paternidade das frases célebres — Provérbios de todos os povos — O Canal de Suez — O vinho que vira água — Um peixe que pesca — Estômagos incríveis — Chaman Paleosiberiano — Quem foi Barba Azul? A árvore fatal — A aranha que pesca — De quando datam os cachimbos — Gargantua — Um inseto que hipnotiza — Os juramentos da felicidade — Calendário de 1942.

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" — Maravilhosa edição à venda por 5\$000, no Rio, e 6\$000 nos Estados.

Redação: Maranguape, 15 — Rio.

Palmolive embeleza dos pés à cabeça...



"... Para a mulher moderna a beleza não termina nos ombros! Ela conserva a pele de todo o seu corpo suave e juvenil com Palmolive", diz a **Sta. MADELEINE ROSAY**, primeira bailarina do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.



Só Palmolive é feito com os azeites de oliva e de palma... os melhores ingredientes que a natureza produz para embelezar a cutis!

Já experimentou o Palmolive Gigante? Muito maior, mais econômico e mais duradouro! Só 2\$300!

E como esta linda jovem milhões de mulheres formosas em 72 países do mundo, além do Brasil, usam Palmolive para o seu banho de beleza.

Palmolive tem uma espuma diferente, porque é o único feito com os balsâmicos azeites de oliva e de palma! A sua espuma-creme penetra

profundamente nos poros e deixa a pele macia, suave, juvenil... Por isso Palmolive é recomendado por 20.173 especialistas em beleza! O perfume de Palmolive é discreto, dá um cheiro a limpo... e beleza!



formato Grande 1\$700



Conserve sua Cutis Suave e Juvenil!



CURSO DE BELEZA DE OUTRORA

O quadro aqui reproduzido, pintado por Edward Francis Burney (o original está no **Victoria and Albert Museum**, de Londres) representa um curso de beleza no ano de 1800. Naquela época, como agora, em vez de deixar a natureza seguir o seu curso, as jovens seguiam cursos. Cuidar da beleza á custa dos maiores sacrifícios era o principal objetivo das jovens.

Embelezar o físico era considerado muito mais eficaz que a cultura e o talento para escrever, em vista do matrimônio. Assim diz o artigo da revista norte-americana que acompanhava este quadro.

Observem os tratamentos barbaros ali empregados (as nossas faceiras devem sentir-se felizes por serem mais humanos os adoptados agora). Para ficar mais alta, mais esbelta, submetia-se uma jovem a ficar dependurada pela cabeça e com alteres nas mãos.

Outra era metida dentro de uma armação de ferro, que lhe erguia o queixo e endireitava as costas. Outra para arquear o pé (o pé chato já não era bem visto...) usava aparelho para este fim. Já naquela época eram usados os tratamentos ortopédicos. Faziam covinhas no rosto e exercicios corretivos.

Os depilatorios usados arrancavam juntamente com os pelos a pele, e a tintura para os cabelos era composta de goma arábica e chumbo preto; as rugas eram alizadas com mirra, vinho branco e ferro em brasa...

A instrução para a elegancia do porte era dada por guapos officiaes como se pôde verificar. Lições de dança e de declamação eram dadas simultaneamente para distrair e fazer esquecer os suplicios por que tinham passado ou iam passar.

e colocar os **tampons** embebidos com as essências ou espalhar os outros ingredientes que afastam as traças. Tapar as aberturas da caixa com tiras de papel com a cola inseticida seguinte: 100 grs. de farinha de trigo, 50 grs. de alumen pulverizado, 25 grs. de pimenta do reino pulverizada. Fazer dissolver o alumen num pouco de agua morna, deixar esfriar e juntar a farinha de trigo. Misturar bem e deixar cozinhar até ficar em boa consistencia, mexendo sempre em fogo brando. Incorporar depois a pimenta.

Estas caixas não devem ser guardadas em lugar humido.

Não ha ninguem que apresse tanto os outros como os **preguiçosos**.

La Rochefoucauld.

LEIAM

A CENA MUDA

A MELHOR REVISTA CINEMATOGRAFICA

Publica em todos os números enredos dos melhores filmes.

Yardley



LAVENDER



YARDLEY
33, OLD BOND STREET
LONDON

Yardley English Lavender — em frascos de cristal — Sabonete, Saís para banho, Talco, Brilhantina, etc. Também veem-se ilustrados o famoso Pó de Arroz Bond Street, English Complexion Cream e o Baton Yardley, complementos essenciaes para uma beleza perfeita.



A Yardley Lavender — a famosa "Fragrância Adorável" — é a escolha inevitável da mulher de bom gosto e distinção. O seu delicado perfume empresta-lhe um ar atraente de encantadora juventude e graça, em qualquer ocasião. Use-o para completar a sua elegância quer durante o dia quer nas reuniões sociais de menor cerimônia.

LAVENDER e BELEZA

O máo genio deve ser dominado



O pequeno Plínio, filho do sr. Plínio Maciel Monteiro e sua esposa d. Catarina M. Monteiro, no dia do seu batizado.

Os pais que não ensinaram os filhos de genio forte a dominarem-se são criminosos. Porque não somente são culpados da desgraça do filho, pois aquele que não se domina é um infeliz, como ainda são responsáveis por tudo que a violencia dos filhos pôde fazer de nocivo.

E' tão comum ouvir-se uma mãe que tem um filho de máo genio recomendar aos outros filhos para cederem sempre, não discutirem com o despotico violento, em vez de corrigi-lo energicamente e sobre-



Alcides Lima Filho, de 2 annos de idade, filho do engenheiro Alcides Cordeiro de Lima e sua esposa d. Erondina Leal de Lima.

Em alguns geniosos, a violencia chega a atingir um paroxismo que confina com a loucura: não resta aos sensatos senão evitar toda discussão com esses infelizes que não foram corrigidos a tempo. Quando se sentirem isolados terão que se queixar somente dos seus pais que não souberam educa-los. Os outros não teem obrigação



Hercilia-Neuza, filhinha do sr. Talvanes Wanderley e de d. Assumpta Orbite Wanderley.

tudo tratá-lo, porque o genioso é um doente dos nervos! Em geral a creatura que teve diversas vezes convulsões na infancia fica com genio irritadigo, mas se aprender a dominar-se não fará cenas, não envergonhará, nem estragará a vida daqueles que com ele convivem.

O genioso não pode conversar, não admite que os outros possam ter opinião, aquele que o contradiz tem que arcar com verdadeira furia desencadeada, as provas da sua razão são dadas aos berros, gritos violentos, palavras desagradaveis e ofensivas.



Lêda Sylvia, com 5 meses, filha do sr. Nicolino Galotti e d. Lêda Mi-neiro_Galotti — S. Paulo.

de aturar a sua mácreação, porque não saber dominar-se é a maior prova de falta de educação.

Se os violentos pudessem ter a compreensão exata do papel ridiculo que suas cenas de colera lhes fazem representar, é muito provavel que procurariam dominar-se. Haverá coisa mais ridicula que uma creatura enraivecida? Expressão, gestos, palavras, tudo é de um louco varrido. E' um espetaculo deprimente, por esta razão aconselham rodear de espelhos os



Luiz Alexandre, de 5 meses de idade, filho do sr. Bernardo Vitor dos Santos, auxiliar da firma Steiner & Cia., e sua esposa d. Marina Cancela dos Santos, residentes em Belem do Pará.



José Geraldo, com 5 meses, filho do sr. Orlando Antonio Trota e sua esposa sra. Bety Trota.

aposentos daqueles que teem tendencias de fazer essas cenas para que possam ver o triste espetaculo que estão dando.

Tratar e corrigir as creanças de máo genio é um dever dos pais e não procurar a desculpa que aquele que tem máo genio nasce e morre com ele. Aquele que aprende a controlar-se domina o máo genio por mais violento que ele seja.



Vermelho-Amazonas é a côr inspirada no vermelho vivo da flora da Amazônia! O Baton Colgate, importado de Norte América, apresenta, exclusivamente, esta tonalidade de Baton!

Vermelho-Amazonas é uma tonalidade viva, suave de dia e... romântica, encantadora de noite! Baton Colgate é feito com Karanuva, o sensacional emoliente embelezador dos lábios. Colgate, agora, apresenta dois batons distintos... o tipo normal e o tipo oleoso, especial para lábios secos!

Peça hoje Baton Colgate, Vermelho Amazonas, e torne seus lábios atraentes, cálidos, mais beijáveis!

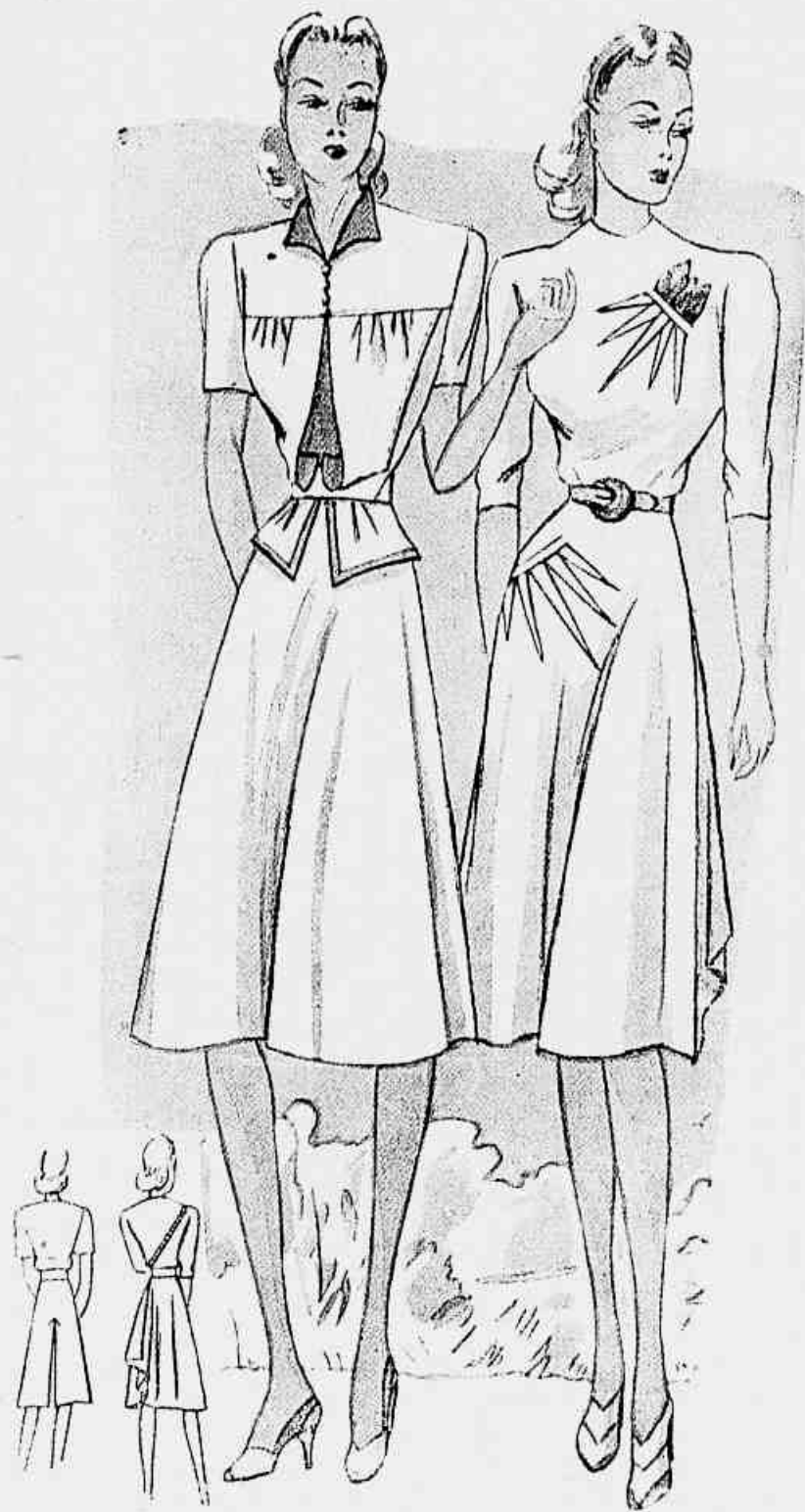
Baton Colgate é maior — mais econômico e custa só 4\$500!

Importado de
N. AMERICA
4\$500



**BATON
COLGATE**

MODELOS PARA A TARDE



1 — Vestido de shantung ou linho branco; basquinha debruada de amarelo. Desse mesmo colorido a gola e a gravata. 2 — Vestido de crepe ou fustão com aplicações nos bolsos.

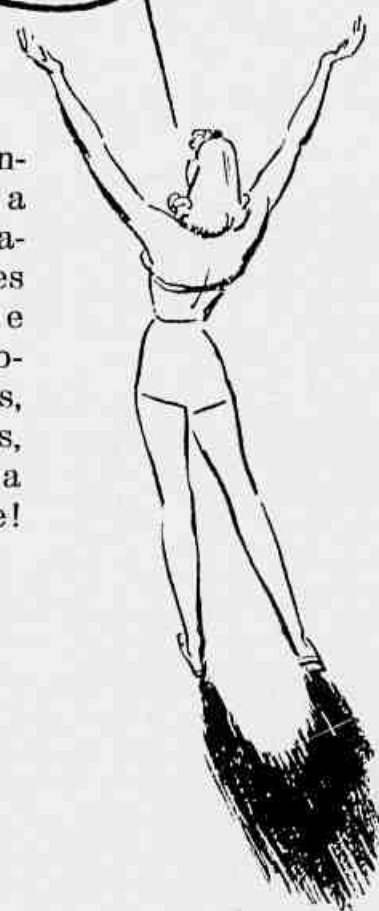


"Nas praias a sua beleza não corre mais perigo!"

Use o LEITE DE COLONIA para neutralizar as inelencias do Sol!

O sol é um agente de saúde e também factor de beleza! Saiba gozar os seus benefícios!... Defenda, porém, sua cutis de manchas, sardas e queimaduras. Quando fôr ao banho de mar ou sair para a pratica do seu sport predilecto, faça uma applicação de Leite de Colonia sobre o

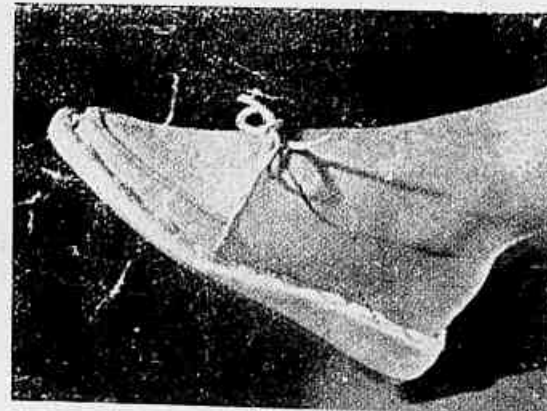
rosto, collo e braços, repetindo-a ainda quando deixar a praia. Leite de Colonia neutraliza a acção dos raios solares sobre a sua epiderme alva e delicada. Leite de Colonia protege a cutis e corrige manchas, sardas, espinhas e cravos. Leite de Colonia limpa, alveja e amacia a pelle. Use-o sempre!



Leite de Colonia

STAFIX fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.

Sapatos e sandálias para sport e praia



De interesse e atualidade

Como dormem os animais — Deslumbramentos do céu —
Maravilhas do astro rei — Como Bill se distraía — A
China invencível — Os arcos de triunfo — Fabricação de
lapis — O romantismo da valsa. Seus progenitores e sua
evolução — Como se prepara a marinha norte-americana
— A Opera de Paris, momento histórico — A origem das
máscaras — Como se divide a população dos Estados
Unidos — Quem ensinou aos homens fabricar papel de
madeira — Como somos conhecidos — Novo vermífugo
para o gado e as aves de capoeira — Para que servem
os fosfatos? — Des quando existem os impostos? — Mãos
de mulher em todos os misteres — A reeducação das
crianças apavoradas pelos bombardeios — O túmulo do czar
Alexandre I — Cólera das galinhas — Calendário Agrícola de
Fevereiro — A oração de Nelson — O mel como alimento
— A toilette final de um canhão — Uma família de gente
bem disposta — Armas modernas — O domínio do canhão
— Dicionário de nomes próprios — Como será o fim do
mundo — Pode a Lua influir sobre a temperatura? —
Curiosa maneira de transportar perfume — Dia de Neve
em Chicago — O eterno sonho da invasão da Inglaterra
— Os gêmeos mais velhos do mundo são brasileiros —
Um canário paciente e uma cobra experta — Para tentar
os colecionadores — Para os que trabalham em telhados
— Modelo de incubadora econômica — Um cego que sabia!
— Um rival do burro "Canário" — A maior escola de
Veterinária do mundo — Para capturar pintos — Um
antecessor da metralhadora — Barco para salvar pilotos da
R. A. F. — Anedotas, caricaturas, informações, charadas, etc.

ESTES INTERESSANTES ASSUNTOS ESTÃO
PUBLICADOS NA EDIÇÃO DE

EU SEI TUDO

DE FEVEREIRO, QUE SE ACHA À VENDA
EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS.